

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS – PUC/GO
MESTRADO EM HISTÓRIA**

Tiago Rege de Oliveira

**O RIO, A FÉ E O MIGRANTE: A CHEGADA DO PENTECOSTALISMO
ASSEMBLEIANO NO VALE DO ARAGUAIA (1955-1968).**

**GOIÂNIA
MARÇO DE 2012**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS – PUC/GO
MESTRADO EM HISTÓRIA**

Tiago Rege de Oliveira

**O RIO, A FÉ E O MIGRANTE: A CHEGADA DO PENTECOSTALISMO
ASSEMBLEIANO NO VALE DO ARAGUAIA (1955-1968).**

**Dissertação apresentada para conclusão
do Mestrado em História da Pontifícia
Universidade Católica de Goiás, sob a
orientação do Prof. Dr. Eduardo Gusmão
de Quadros.**

Linha de Pesquisa: Cultura e Representações.

**GOIÂNIA
MARÇO DE 2012**

O48r

Oliveira, Tiago Rege de.

O rio, a fé e o migrante: a chegada do pentecostalismo assembleiano no Vale do Araguaia (1955-1968) [manuscrito] / Tiago Rege de Oliveira. – 2012.
105 f.

Bibliografia: f. 101-105

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Mestrado em História, 2012.

Orientação: Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros.

1. Religião. 2. Pentecostalismo – Vale do Araguaia (GO) – 1955/1968. 2. Igreja Assembleia de Deus – Vale do Araguaia (GO) – migração – influência. 3. Religiosidade. 4. Migração. I. Título.

CDU: 284.57:314.72(817.3)(043.3)

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS – PUC/GO
MESTRADO EM HISTÓRIA**

Tiago Rege de Oliveira

**O RIO, A FÉ E O MIGRANTE: A CHEGADA DO PENTECOSTALISMO
ASSEMBLEIANO NO VALE DO ARAGUAIA (1955-1968).**

BANCA DE AVALIAÇÃO

Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros (PUC/GO) Orientadora

Prof. Dr. Danilo Rabelo (UFG)

Profab. Dra. Renata Cristina Sousa Nascimento (PUC/GO)

**GOIÂNIA
MARÇO DE 2012**

Dedico este trabalho especialmente a minha querida mãe Joanadarque por seu amor incondicional e por não medir esforços para que eu tivesse mais essa conquista. Ao meu pai Jonebaldo (in memoria) por ter gerado em mim sonhos e objetivos de vida que hoje realizo. Ao meu irmão Abnadaby pelo apoio e companheirismo.

Agradeço a Deus, fonte vida e de inspiração.

A minha mãe e meu irmão pelo apoio irrestrito.

*A todos os meus Mestres da Pontifícia Universidade
Católica de Goiás pelo conhecimento partilhado.*

*Ao meu orientador, Professor Doutor Eduardo Gusmão de
Quadros, por ensinar-me a avistar novos horizontes.
Parafraseando Isaac Newton, “se hoje eu enxergo mais
longe foi por que me apoiei nos ombros de um gigante”.*

TIAGO REGE DE OLIVEIRA. **O Rio, a Fé e o Migrante: O estabelecimento do pentecostalismo assembleiano no Vale do Araguaia (1955-1968)**. Dissertação, 2012. 105 f.– Mestrado em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2012.

RESUMO: A pesquisa tem por finalidade analisar e apresentar o estabelecimento da Igreja Assembleia de Deus na região do Vale do Araguaia entre os anos de 1955 e 1968. Pretende demonstrar como esse processo está relacionado ao contexto de migrações para a região e como os primeiros missionários se inseriram nessa conjuntura enquanto “migrantes da fé”. Apresenta-se o processo histórico de formação das cidades de Aragarças – GO e Barra do Garças – MT, bem como do movimento pentecostal moderno e da Igreja Assembleia de Deus. Como fontes, utilizam-se documentos escritos e imagéticos, como também o método da História Oral para o recolhimento de depoimentos das pessoas que participaram desse processo. Os resultados das análises demonstram que os missionários que migraram para a região foram motivados por suas representações de fé e firmaram, com suas práticas e representações, o pentecostalismo na região do Vale do Araguaia.

Palavras-chave: Migração, Região, Fronteira, Religiosidade, Fé.

TIAGO REGE DE OLIVEIRA. **The River, the Faith and the Migrants: The establishment of Pentecostalism of Assembléia de Deus Church Goers in Vale do Araguaia (1955-1968)**. Dissertation, 2012. 105 f.-Masters in History at Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2012.

ABSTRACT: The research aims to analyze and present the establishment of Assembléia de Deus Church in Vale do Araguaia region between 1955 and 1968. It aims to demonstrate how this process is related to the context of migration to the region and how the first missionaries were inserted at this juncture as "migrants of faith." It presents the historical process of the cities formation of Aragarças/GO and Barra do Garças/MT, as well as the modern Pentecostal movement and Assembléia de Deus Church. Written and pictorial documents, as well as the method of Oral History for the collection of people's testimonies who participated in this process were used as sources. The analysis results show that the missionaries who migrated to the region were motivated by their representations of faith and establish, with their practices and representations, the Pentecostalism in Vale do Araguaia region.

Keywords: Migration, Region, Frontier, Religion, Faith.

LISTA DE IMAGENS E ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Mapa da Região do Vale do Araguaia.....	30
FIGURA 2 – Waldemar Nogueira Ramos.....	63
FIGURA 3 – Primeiro templo da Igreja Assembleia de Deus em Aragarças-Go.....	80
FIGURA 4 – Primeiros Missionários da Assembleia de Deus na região do Vale do Araguaia.....	85

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 – NAS FRONTEIRAS DO MAR COM O SERTÃO: O PENTECOSTALISMO EM TERRAS PARAUPAVA.....	18
1.1 – Fronteiras na História.....	18
1.2 – Uma zona de migrantes.....	21
1.3 – A Marcha para Oeste: o bandeirantismo do século XX e o desenvolvimento do Vale do Araguaia.....	23
1.4 – Memórias do Araguaia: uma história de bandeirantes, garimpeiros, expedicionários e agropecuaristas.....	27
1.5 – Memórias e representações escritas do Araguaia.....	28
1.6 – Aragarças e Barra do Garças.....	29
2 – DE AZUZA AO ARAGUAIA: UMA TRAJETÓRIA DOPENTECOSTALISMO ASSEMBLEIANO.....	39
2.1 – O Pentecostalismo como experiência religiosa.....	39
2.2 – Um breve histórico do pentecostalismo no séculoXX.....	40
2.3 – O Pentecostalismo no Brasil.....	44
2.4 – A Assembleia de Deus: seu processo histórico no Brasil.....	46
2.5 – O Surgimento do Ministério de Madureira.....	51
2.6 – De Samambaia ao Araguaia: a Assembleia de Deus chega em Goiás.....	53
2.7 – Organização eclesiástica e administrativa e características e fundamentais da Assembleia de Deus.....	56
3 – OS MIGRANTES DA FÉ ÀS MARGENS DO ARAGUAIA.....	62
3.1 - O diário de uma missão.....	63
3.2 - A fé atravessa o rio.....	74
3.3 – Seguindo a missão.....	82

3.4 – De volta à origem: rumo ao desenvolvimento.....	87
3.5 - Migrantes da fé.....	91
CONCLUSÃO.....	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	101

INTRODUÇÃO

Assembleia de Deus

I

*Em Belém do Pará onde começou,
a doutrina dos dons, Deus enviou,
o batismo de fogo para os fiéis
era mil novecentos e dez.*

Refrão

*Assembleia de Deus no Brasil chegou,
cuidando das doutrinas e também dos dons
a porta que abriu, nunca mais fechou
Deus multiplicou o seu rebanho.*

II

*Os líderes da Assembleia que formada estão
Daniel Berg e Gunar Vingre seu irmão
e os outros pioneiros ainda estão lutando
e Cristo lá do céu abençoando*

III

*Muitos ministérios Assembleia têm
mais um só espírito apascentando vem
seu número é como as águas de muitos rios
foi a grande multidão que João viu.*

IV

*Em cada cidade de nosso Céu
Assembleia de Deus estendeu seu véu
em cada cidade tem uma igreja
o diabo já perdeu essa peleja.*

Letra: Maria Helena

Esta música reflete bem as características e a história da Igreja Assembleia de Deus no Brasil. Ela é cantada em coro uníssono por seus fiéis, como um hino oficial daquela que é uma das pioneiras do movimento pentecostal no Brasil.

Esse estudo tem por finalidade compreender o processo histórico do estabelecimento do movimento pentecostal na região do Vale do Araguaia, no período de 1955 a 1968, a partir da implantação da Igreja Assembleia de Deus – Ministério de Madureira na região. Esse período abrange desde a vinda do primeiro missionário assembleiano, para a região, a continuidade dos trabalhos iniciados por ele por meio de seus sucessores, até o momento que a igreja foi registrada e estabelecida oficialmente na cidade de Barra do Garças – Mato Grosso, no ano de 1968. Nossa análise, portanto, se deterá nos trabalhos da igreja nesta

cidade, onde se desenvolveu a primeira fase de implantação da Igreja Assembleia de Deus na região do Vale do Araguaia. Quando ela se estabelece oficialmente na cidade de Barra do Garças, tem início uma segunda fase que consideramos de desenvolvimento e não mais de implantação. Isso ocorreu no contexto de grande fluxo migratório e de políticas governamentais voltadas para a expansão e a colonização de novos territórios.

A Igreja Assembleia de Deus surgiu no Brasil em 1910, no norte do país, na chamada *primeira onda* de implantação do pentecostalismo brasileiro. Logo se expandiu geograficamente e firmou-se como a igreja protestante nacional por excelência, estando presente nos pontos de saída do futuro fluxo migratório, como afirma Freston (1994).

Uma das características da expansão da Igreja Assembleia de Deus, além da ação planejada de seus líderes, é o trabalho missionário de leigos, pessoas simples, que ajudaram a disseminar a doutrina assembleiana¹ por outros estados e regiões e é com essa característica que ela atinge as diversas regiões do Brasil, incluindo o Vale do Araguaia.

Na década de 1930, estava basicamente completa a expansão geográfica da Igreja no território nacional, momento que instalou-se em Goiás. Chegou posteriormente à região do Vale do Araguaia, especificamente, à cidade de Aragarças, no ano de 1955. Adveio através do trabalho missionário de Waldemar Nogueira Ramos. O cenário histórico da região nesse momento era o da “*Marcha para o Oeste*”, política demográfica do Governo Vargas, que incentivava a migração e tentava diminuir os desequilíbrios existentes entre as diversas regiões do país. O projeto incluía a criação de colônias agrícolas, a construção de estradas e o incentivo à produção agropecuária de sustentação.

A *Marcha para Oeste* se deu em duas fases: a primeira durante o período do Estado Novo, quando seus trabalhos foram planejados e iniciados, e a segunda a partir de 1950, com uma retomada dos projetos da primeira fase. Como fato marcante nesse segundo momento, dentro do ideal de integração nacional, pode-se destacar a construção de Brasília e a transferência da capital para o centro do país. Esse fato impulsionou o crescimento da região centro-oeste, principalmente Goiás, com a construção de rodovias, com a dinamização do comércio e, conseqüentemente, com a atração do movimento migratório para a região. Com os incentivos à produção agropecuária e industrial, houve um aumento populacional nos meios urbanos, como Goiânia-GO, principalmente em áreas que atraíam os migrantes.

A Fundação Brasil Central foi criada em 1943, pelo então Ministro João Alberto Lins e Barros, da Coordenação de Mobilização Econômica, com a missão de desbravar e colonizar

¹ O termo “assembleiano” é utilizado no meio protestante para designar algo ou alguém que pertence à comunidade religiosa da Igreja Assembleia de Deus.

os territórios entre os rios Araguaia e Xingu no Brasil Central, criando vias de comunicação com a região amazônica dentro do projeto Marcha para Oeste.

Em julho do mesmo ano, foi organizada a Expedição Roncador-Xingu, com o objetivo de atingir a Amazônia, tendo como rota o Brasil Central, desbravando e colonizando as regiões por onde a Expedição passasse. Em agosto do mesmo ano, chegaram à Barra Goiana, uma vila de garimpeiros, que recebeu do Ministro João Alberto o novo nome de Aragarças. Devido a sua posição estratégica, na confluência dos rios Araguaia e Garças, fronteira com o estado de Mato Grosso, foi transformada em sede da Fundação Brasil Central.

A instalação da base da Fundação Brasil Central em Aragarças transforma a pequena vila de garimpeiros em uma próspera povoação, levando-a, juntamente com Barra do Garças-MT, a se despontar como polos econômicos na região do Vale do Araguaia. Isso atraiu inúmeros migrantes, com distintos interesses. Foi nesse contexto, de efervescência econômica e de migração da região que se deu o estabelecimento da Igreja Assembleia de Deus em Aragarças.

No projeto de expansão da Igreja, as novas cidades que surgiam nesse momento com os trabalhos da Fundação Brasil Central representavam um fértil campo de evangelização. A igreja, com sua visão missionária de levar o evangelho na perspectiva pentecostal aos lugares mais distantes, direcionou seus trabalhos, nesse momento, para essa região de fronteira. Entendemos aqui o conceito de fronteira, conforme a visão de Martins (2009), como o espaço próprio do encontro de sociedades e culturas diferentes entre si, também das várias e diferentes facções da sociedade. Esses novos espaços configuravam-se como lugares de implantação de novas perspectivas de vida, dentre elas a religiosa. Tendo como apoio institucional a igreja Assembleia de Deus em Iporá-GO, foram implantados os trabalhos religiosos pentecostais na região do Médio Araguaia, concomitantemente ao projeto político de expansão urbanística da Fundação Brasil Central.

Os missionários somaram-se à massa migrante que chegava à região. Entende-se migração, na perspectiva de Santos (1994), como o movimento da população pelo espaço, relacionado às transformações econômicas, sociais e políticas que ocorrem em diferentes lugares, de acordo com cada momento histórico e com condições que levam o indivíduo a deixar um lugar por outro. Nesse sentido, focaremos o migrante relacionado às transformações sociais no momento histórico de expansão da fé pentecostal motivadora de seu deslocamento para essa região, como afirma Noletto (2005).

Neste estudo, buscamos compreender o processo de construção histórica da Igreja Assembleia de Deus, bem como seus motivos e mecanismos. Analisaremos, portanto, suas

representações de fé, o mundo das crenças e das práticas dos fiéis. Para tanto, utilizaremos a abordagem da História Cultural, que se configura como uma nova forma de interrogar a realidade, tomando como base temas do domínio da cultura.

Verificamos que, a partir da década de 1970, os aspectos culturais do comportamento humano vêm se tornando, a cada dia, o centro privilegiado do conhecimento histórico, num momento que é definido por Burke (2005) como a “virada cultural”. Com o advento da História Cultural, muitos temas antes desprezados na pesquisa histórica e na produção historiográfica tornaram-se objetos de estudos na atualidade, entre eles a religiosidade. Nesse sentido, a História Cultural propõe olhar para as tradições da cultura popular e para as interpretações culturais de experiência humana e religiosa. Portanto, julgamos ser possível abordar historicamente o tema proposto com este referencial apto para o campo da religiosidade.

Em nossa pesquisa utilizaremos, em particular, a perspectiva de Chartier (2002), que considera a História Cultural importante para identificar os modos como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada e dada a ler. Nesse sentido, o autor propõe como formas de análise da realidade social os conceitos de *apropriação*, *representação* e *prática*, fundamentais na análise do objeto de estudo. Em nossa pesquisa, nos ampararemos nestes conceitos, buscando entender a formação da identidade dos diversos grupos sociais e, em nosso caso específico, o assembleiano.

A apropriação dos sujeitos põe em evidência a pluralidade de leituras do mundo:

[...] A apropriação, tal como a entendemos, tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem. (CHARTIER, 2002: 26).

Assim, as apropriações são os modos como os grupos percebem a realidade, como a assimilam, para assim representar uma identidade para si. Apropriação é a forma como os sujeitos (individual ou coletivamente) dão sentido ao que veem, pensam e leem.

Já representações para Chartier (2002), são formas de dar sentido ao mundo, são concepções que os grupos criam sobre o mundo social em que estão inseridos, instituindo deste modo também, os valores que são seus por meio das representações. Nesse sentido, afirma o autor:

As representações do mundo social [...], são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. Daí para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (CHARTIER, 2002: 17).

Cada grupo cria para si, segundo seus interesses, as representações sociais. Elas podem ser individuais ou coletivas, gerando discursos que produzem efeito prático na sociedade. Para conseguirmos entender e analisar tais representações faz-se necessário a análise dos discursos produzidos pelo grupo através de suas variadas formas e, assim, tentar compreender o modo como este se percebe na sociedade na qual está inserido. Em nossa pesquisa, procuraremos, por meio das várias formas de registros (diários, entrevistas, produção literária, imagens, entre outros), entender como os membros da igreja Assembleia de Deus se posicionavam enquanto grupo religioso na sociedade da Vale do Araguaia. Assim, também buscaremos perceber como esse discurso lhes dava uma identidade, relacionada com as práticas, com uma forma de agir.

Nessa perspectiva, a prática só possui sentido quando representada. As práticas são, portanto, o modo como o indivíduo ou o grupo externaliza suas representações e faz ser identificado no meio. Nessa pesquisa, entendemos as liturgias, as expressões de fé, os ritos da igreja Assembleia de Deus como práticas de suas representações de fé, o que a caracterizam enquanto grupo religioso pentecostal.

Entendendo assim as apropriações como modos de interpretar a realidade, representações como formas de dar sentido ao mundo e as práticas como sua expressão, não se pode desvincular esse conjunto conceitual das identidades sociais. Um grupo faz reconhecer sua existência por meio de um sentimento de unidade das práticas. As representações são, afinal, incorporadas por meio de práticas coletivas e, assim, se tornam mecanismos de identificação de quem as pratica, conforme Chartier (2002).

A importância da pesquisa se justifica, assim, por ser um projeto pioneiro no estudo de temática relacionando história, fronteira e religião, na perspectiva dos estudos da História Cultural, analisando o pentecostalismo nas cidades de Aragarças – GO e Barra do Garças – MT.

O protestantismo e o pentecostalismo ainda são pouco estudados pela historiografia brasileira se compararmos com a quantidade e diversidade de pesquisa relacionando história e religião. Sobre as igrejas protestantes, de fato, há um número considerável de produções, mas são geralmente produções com o objetivo de contar para a comunidade os fatos, eventos e personagens que fizeram parte da trajetória histórica da instituição. Comumente, essas produções foram realizadas em função de eventos comemorativos, feitos por pessoas da mesma comunidade com o simples intuito de documentar e preservar a história da instituição. Tais produções, por mais que não sejam consideradas científicas, configuram-se na pesquisa histórica como uma rica fonte para o historiador. Os estudos históricos de teor científico serão

abordados no segundo capítulo. Nosso propósito é realizar uma análise histórica acerca do desenvolvimento dessa igreja. Identificaremos de onde ela veio, os motivos que a trouxeram, como se estabeleceu, em que contexto conseguiu se firmar e como esse contexto foi importante em sua forma de representar e atuar.

Nesse sentido, estabelecemos a hipótese que norteará nossa pesquisa: os migrantes da fé. Os planos do Governo Federal de colonização e desenvolvimento econômico para a região por meio de projetos como “A Marcha para oeste” e a “Expedição Roncador-Xingu” atraíram para a região, diversos migrantes, com interesses distintos. Dentre estes, vieram migrantes que tinham como único interesse disseminar a fé pentecostal e seu conjunto de crenças e práticas. Assim, entre os vários tipos de migrantes que vieram para a região do Vale do Araguaia estão os primeiros missionários e pastores da Assembleia de Deus, os quais conceituaremos como *migrantes da fé*. Entendemos que este seja um subgrupo dentro do conjunto de migrantes que vieram para o Vale do Araguaia. Complementarmente, entendemos que a Igreja Assembleia de Deus, na metade da década de 1950, também promoveu uma espécie de marcha para oeste na região do Vale do Araguaia, seguindo o grande fluxo migratório para a região, contribuindo para a fixação de pioneiros nas cidades de Aragarças e Barra do Garças, colaborando assim com a configuração desses núcleos urbanos.

Atualmente, as fontes que os historiadores utilizam para produzir seu conhecimento sobre o passado vão muito além dos documentos escritos. Todos os resquícios da ação humana podem e devem ser utilizados pelo historiador como fonte para pesquisa da experiência humana. Com relação às fontes empregadas, utilizaremos fontes orais, por meio de entrevistas, e diversos documentos da igreja. Em especial, utilizaremos o diário do implantador dos trabalhos na região – Waldemar Nogueira Ramos, por ser o principal documento que relata a chegada do primeiro migrante da fé à região do Araguaia. Também alguns documentos iconográficos, a exemplo de fotos de atividades solenes da igreja.

Sobre a utilização de fontes orais, consideramos que a oralidade é um dos mais significativos mecanismos de preservação e reconstituição da história de um grupo. Sua utilização se dará com o intuito de captar as experiências de pessoas que fizeram parte desse processo histórico em estudo e que se dispuseram a falar de suas vidas, conforme analisa Meihy (1996). Seus relatos são valorizados por trazerem:

[...] experiências vividas por pessoas do povo - que foram deixadas de lado pela historiografia tradicional, entre outras razões, porque não produziram uma documentação escrita importante - sejam restituídas a um lugar da história que elas contribuíram para fazer. (FERREIRA (s/d), p.4)

Consideramos, assim, de suma importância, a utilização da documentação oral como fonte na execução dessa pesquisa, pois, a partir dela, trabalharemos a memória dos indivíduos e do grupo que compõe nosso objeto de estudo. Para Halbwachs (2006), é importante ressaltar que a memória individual está relacionada à memória de um grupo. Nesse sentido, as lembranças do indivíduo estão sempre interagindo com a sociedade, com os grupos e instituições a que ele pertence. As lembranças são construídas nessa conjuntura de organização e relação das memórias individuais. Halbwachs (2006) denomina de “comunidade afetiva” as diversas memórias que são reunidas por um grupo, das quais se alimentam nossas lembranças individuais.

Ao estudarmos um grupo, uma instituição como estamos propondo, percebemos que esta memória coletiva proporciona ao indivíduo o sentimento de pertencimento por partilhar um passado comum. Nesse sentido, as memórias coletivas dão ao indivíduo o sentimento de identidade.

Buscando entender a relação existente entre memória e identidade social no âmbito das histórias de vida, Pollak (1992) retoma as ideias de Halbwachs (2006), entendendo igualmente a memória como um fenômeno construído social e individualmente e, portanto, submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes. Por ser a memória um fenômeno construído, ressalta Pollak (1992) que ela é seletiva. Nem tudo fica gravado, nem tudo fica registrado, e assim, o que a memória grava, exclui ou relembra é resultado de um verdadeiro trabalho de organização. Ainda para o autor, há uma ligação fenomenológica muito estreita entre memória e o sentimento de identidade. Ele conceitua identidade como a imagem de si, para si e para os outros. Assim, compreende que na construção da identidade três elementos são fundamentais: a unidade física, relacionada ao sentimento de ter fronteiras físicas, seja o próprio corpo ou o pertencimento ao grupo; a continuidade dentro do tempo; o sentimento de coerência que remete aos diferentes elementos unificados formam o indivíduo. Analisando tais aspectos, ele entende que:

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1922: 05)

Trabalhando com história oral e a memória, portanto, pretendemos utilizar os depoimentos, objetivando compreender a significação dos fatos para o entrevistado e as múltiplas interpretações de cada fato.

Para uma melhor sistematização e organização, dividimos nossa pesquisa em três capítulos. No primeiro, analisaremos alguns dos conceitos que norteiam nossa pesquisa, como fronteira e migração, fazendo uma apresentação do contexto histórico pertinente ao tema.

O segundo capítulo apresentará a história do movimento pentecostal moderno, desde seu surgimento nos Estados Unidos, no início do século XX, até sua chegada à região do Vale do Araguaia, em meados da década de 1950. Entrememos em nossa discussão os conceitos, doutrinas e características fundamentais do pentecostalismo e da história da igreja Assembleia de Deus, discutindo com outros autores que trataram do movimento pentecostal.

No terceiro capítulo, abordaremos especificamente o processo de estabelecimento da Igreja Assembleia de Deus na região do Vale do Araguaia, buscando responder as questões que norteiam esta pesquisa. Este capítulo tem como principais fontes de análise o Diário de Waldemar Nogueira Ramos e os relatos dos entrevistados por meio dos quais buscaremos analisar de que forma os primeiros missionários e pastores que vieram para a região podem ser considerados migrantes da fé.

1 – NAS FRONTEIRAS DO MAR COM O SERTÃO: O PENTECOSTALISMO EM TERRAS PARAUPAVA.

É necessário, no início deste capítulo, conceituarmos fronteira, região e migração para uma melhor compreensão de nosso objeto. É também importante tratar da Marcha para Oeste, a Expedição Roncador-Xingu e a Fundação Brasil Central, que trouxeram o desenvolvimento econômico para a região do Vale do Araguaia, colocando-a no cenário nacional. Era um momento tenso de afirmação da soberania nacional, e a história das cidades de Aragarças e Barra do Garças teve início nessa época. Com isso, queremos entender e contextualizar nosso objeto, que surgiu no contexto do desenvolvimento da região, com os programas de integração nacional, promovidos pelo Governo Federal.

Como nosso objeto de estudo se insere em uma região de fronteira – as cidades de Aragarças e Barra do Garças, que são limítrofes na divisa dos estados de Goiás e Mato Grosso, separadas pelo rio Araguaia – começaremos, então, analisando o conceito de fronteira.

1.1 – Fronteiras na História

O historiador norte-americano Frederick Jackson Turner foi quem forjou o conceito moderno de fronteira. Isso foi feito com a *Frontier Thesis*, em sua obra *The Significance of the Frontier in American History*, publicada em 1893. A obra decorre de estudos sobre o processo de expansão territorial dos Estados Unidos, da compreensão do movimento de avanço para o Oeste ao longo dos séculos XVIII e XIX.

Para Turner, a fronteira se configurava como uma linha divisória entre a terra povoada e a terra livre, ponto de encontro entre o civilizado e o primitivo, a selvageria (*wilderness*), elemento dinâmico por natureza, símbolo da renovação através dos contatos entre culturas distintas. Seria então “o ponto de encontro entre a selvageria e a civilização”.

Conforme sua ideia, o avanço da fronteira afasta a selvageria e ocupa com a civilização aquelas terras. No contexto do processo da “marcha para o oeste” nos Estados Unidos, junto com a fronteira, ia chegando também o progresso, o desenvolvimento e a civilização, atuando no processo de constituição da nação norte-americana. O autor considera também que o estabelecimento da fronteira representava igualmente a fundação e o avanço da democracia, pois eram exatamente as características forjadas na fronteira que possibilitam o desenvolvimento dos ideais democráticos.

O conceito de Turner por muito tempo influenciou os estudos sobre fronteira, ao contribuir para a construção do discurso dominante que, de um modo geral, aborda a formação das fronteiras internas a partir da conquista de um território selvagem – “despovoado”, se dizia – e da inserção no espaço conquistado na civilização.

Partindo do conceito de fronteira forjado por Turner, observamos que no Brasil, autores que estudam essa temática têm pontos de vistas divergentes. Há, portanto, no campo teórico, divergentes concepções de fronteira. Segundo Borges (2004):

Otávio Guilherme Velho (1979) foi pioneiro na discussão acadêmica a respeito da fronteira na formação histórico-espacial do Brasil. O autor adota a formulação de Cassiano Ricardo segundo a qual as bandeiras – atuando como fronteira em movimento – deram início à conformação da nação e à gestão do autoritarismo brasileiro. Percebe-se, com acuidade, a analogia que Cassiano Ricardo estabelece entre bandeira e Estado Novo, no processo de ocupação territorial, sugerindo estar em jogo na fronteira uma carga simbólica muito densa na construção do drama do encontro da nação com seu destino. (BORGES, 2004: 229).

Partindo dessa análise, foram desenvolvidas outras abordagens e concepções de fronteiras entendidas tanto como um espaço de conflitos e litígios, como um lugar onde as relações de poder são explicitadas econômica e culturalmente, devido aos distintos interesses dos grupos sociais que o ocupam em diferentes momentos históricos, quanto algo dinâmico, uma ocupação efêmera.

Em nossa pesquisa, utilizaremos a concepção de José de Souza Martins (1992), que concebe a fronteira como o espaço próprio do encontro de sociedades e culturas diferentes entre si, das diferentes facções da sociedade. A fronteira é essencialmente o lugar da alteridade, espaços que se configuravam como lugares de implantação de novas perspectivas de vida.

Em sua obra, *A degradação do outro nos confins do humano*, Martins considera a fronteira essencialmente como o lugar da alteridade. Um lugar de descoberta do outro e de desencontros. A fronteira como lugar de encontros, desencontros e conflitos decorrentes das diferentes concepções de vida e de visões de mundo, que provoca, semelhantemente, o cruzamento de temporalidades históricas (MARTINS, 2009:133).

Na concepção de Martins, portanto, para uma melhor compreensão do conceito de fronteira faz-se necessário distinguir *frente pioneira* e *frente de expansão*. Para o autor, os termos não são conceitos, são apenas designações dos diferentes modos de como os “civilizados” se expandem territorialmente, são modos de ver a fronteira, instrumento auxiliar na descrição e compreensão dos fatos e acontecimentos da fronteira.

Assim, *frente pioneira*, uma definição geográfica que surge a partir dos anos 1940, refere-se a uma das faces ampliadas do capital, sua reprodução extensiva e territorial, mediante a conversão da terra em mercadoria. Trata-se das dimensões da reprodução capitalista do capital no espaço ocupado. Define-se economicamente pela presença do capital na produção e na exploração capitalista das terras. Já a *frente de expansão*, definida pelos antropólogos a partir dos anos 1950, aponta para aquilo que se defronta com o índio, a movimentação da fronteira populacional e cultural dos brancos sobre os territórios indígenas. É o deslocamento da população civilizada e das atividades econômicas reguladas pelo mercado, o que é definido por Darcy Ribeiro como *as fronteiras da civilização*. Seria em suma, a situação de contato, a forma de expansão do capital que não pode ser qualificada ainda como capitalista, apenas uma fronteira demográfica e não econômica como a pioneira. Ambas representam momentos históricos distintos e combinados de diferentes modalidades da expansão territorial do capital, portanto, expressões de um mesmo processo, ou seja, um dos momentos de um mesmo processo.

Por vezes, na região de fronteira as “faixas” ou *frentes* se mesclam, se interpenetram. Em específico na região do Vale do Araguaia onde está inserido nosso objeto de estudo observamos que a *frente de expansão* se deu com os primeiros grupos colonizadores, pequenos proprietários de terras, garimpeiros que chegaram à região vislumbrando na ocupação do território meios de sobrevivência e até de enriquecimento através das várias atividades econômicas aqui desenvolvidas. Já a *frente pioneira*, ocorreu a partir de 1940 com “Marcha para Oeste”, com a Expedição Roncador-Xingu e a instalação da Fundação Brasil Central na região:

O conjunto da informação histórica que hoje se tem sobre a frente de expansão e a frente pioneira sugere que a primeira foi a forma característica de ocupação do território durante longo período. Começou a declinar com a Marcha para Oeste, em 1943, e a intervenção direta do estado para acelerar o deslocamento dos típicos agentes da frente pioneira sobre territórios novos, em geral já ocupados por aquele que haviam se deslocado com a frente de expansão. (MARTINS, 1997: 151).

A igreja Assembleia de Deus chega à região do Vale do Araguaia no “tempo histórico” da *frente de expansão*. Contudo, analisando especificamente o processo de ocupação da região, Neiva (1949) observa que nos projetos geopolíticos do Estado Novo para estabelecer e assegurar fronteiras faz coincidir as duas *frentes* ao acelerar o avanço da frente pioneira sobre a faixa da frente de expansão, ocorrendo assim um processo de mescla e de interpenetração das *frentes*.

Para Martins, ao se fazer uma abordagem sociológica da fronteira, a categoria mais rica e apropriada para tal reflexão é a da frente de expansão, pois ela se refere a lugar e tempo de conflito e de alteridade. Analisando mais detalhadamente a questão da alteridade, ele afirma que:

A fronteira é a fronteira da humanidade. Além dela está o não-humano, o natural, o animal. Se entendermos que a fronteira tem dois lados e não um lado só, o suposto lado da civilização; se entendermos que ela tem o lado de cá e o lado de lá, fica mais fácil e abrangente estudar a fronteira como concepção de fronteira do humano. (MARTINS, 1997: 141).

Nesse sentido, nas inter-relações que se estabelecem entre o que chega com o que já estava, quando o *outro* se configura parte antagônica do *eu*, podemos visualizar o aspecto da alteridade, o encontro de sociedades e culturas diferentes entre si, implantando novas perspectivas de vida, gerando nesse espaço uma dinâmica de conflito que aos poucos vai constituindo suas características. Procuraremos entender como o migrante que chega a região do Vale do Araguaia se insere nessa dinâmica da alteridade, do eu e o outro.

1.2 – Uma zona de migrantes

A região do Vale do Araguaia, desde o início de sua ocupação por populações não indígenas, constituiu-se em um grande pólo atrator de fluxos migratórios. Isso se relacionou a diversos fatores e com interesses distintos. Dentre eles destacamos o religioso, foco de nossa pesquisa.

Entendemos migração, na perspectiva de Santos (1994), como o movimento da população pelo espaço, relacionado às transformações econômicas, sociais e políticas que ocorrem em diferentes lugares, de acordo com cada momento histórico e com as condições que levam o indivíduo a deixar um lugar por outro.

Explicitando melhor essa questão, Herbert S. Klein tenta dar uma resposta a sempre recorrente pergunta que surge nos estudos sobre migração: por que as pessoas migram? Ao arriscar-se na resposta, baliza-a a partir dos conceitos de *fator de expulsão ou/e de atração* e a maneira como eles se equilibram, buscando assim compreender a dinâmica do processo migratório.

Klein afirma que a migração não começa até as pessoas descobrirem que não conseguiram sobreviver com seus meios tradicionais em suas comunidades de origem (Fausto, 2000:13). Nesse sentido, para ele, a maioria das pessoas deixam seus lugares de

origem em busca de outro por razões econômicas e uma minoria por razões de perseguições (por causa de sua nacionalidade ou credo religioso) e em menor escala em busca de aventura.

As condições econômicas são, portanto, o principal fator de expulsão do indivíduo de seu lugar de origem. A elas somam-se três outros fatores dominantes que Klein define:

[...] o primeiro é o acesso a terra e, portanto, ao alimento; o segundo, a variação da produtividade da terra; e o terceiro, o número de membros da família que precisam ser mantidos. [...] Nas grandes migrações do século XIX e XX – época em que chegaram à América mais de dois terços dos migrantes – o que de fato contava era uma combinação desses três fatores. (FAUSTO, 2000:14).

Conforme o autor, os grandes fluxos migratórios ocorrem principalmente por questões financeiras, que de uma forma implícita expulsa o indivíduo de seu lugar fazendo-o buscar em outro seus meios de sobrevivência. Ele os trata como fator de expulsão, pois acredita que a maioria dos migrantes não deseja abandonar suas comunidades, que se pudessem escolher permaneceriam ali, mas são “expulsos” pela própria necessidade de sobrevivência, o que as condições financeiras já não permitem ali.

Considerando a necessidade de sobrevivência e as condições econômicas (ligadas principalmente à posse de terra para o cultivo de alimento), o principal aspecto do *fator de expulsão*, teremos justamente na possibilidade da posse da terra ser um *fator de atração* em muitos contextos do processo de migração. Analisando especificamente a migração para a América, Klein afirma que a possibilidade de obter terras era uma constante atração para todos os imigrantes.

Coma terra tão barata – novamente em comparação com os padrões europeus – era grande a possibilidade de trabalhadores sem terra conseguirem suas próprias fazendas, muitas vezes num período de tempo muito curto após a chegada. (FAUSTO, 2000: 16).

Apropriando-nos do conceito de expulsão e atração de Klein e analisando o contexto da região do Vale do Araguaia, podemos estabelecer como fator de atração, a princípio, o garimpo na região. Posteriormente ao primeiro surto populacional devido ao garimpo, e já estabelecida as cidades de Aragarças e Barra do Garças, teremos o comércio dinâmico da cidade que estava se configurando como polo regional o novo fator de atração.

Apesar do peso do fator econômico, percebemos a variedade dos fatores que atraíram as pessoas para essa região em diversos momentos da sua história. Foram muitos e diversos os migrantes que ali chegaram, com múltiplos interesses. Para melhor sistematizar e direcionar

nossa pesquisa, focaremos no migrante que veio, não por questões financeiras, que foi “expulso” de seu lugar de origem por necessidade de sobrevivência devido às condições econômicas, mas aquele que veio imbuído de uma fé, com a intenção de expandir essa fé no contexto do estabelecimento das novas fronteiras na região. Para esse migrante o fator de atração foi justamente a possibilidade de propagação e expansão de sua fé, no caso a pentecostal, numa região onde a dinâmica populacional se configurava como um grande campo evangelístico. Para caracterizar melhor esse migrante, o denominaremos de “*migrante da fé*”.

1.3 – A Marcha para Oeste: o bandeirantismo do século XX e o desenvolvimento do Vale do Araguaia

O desenvolvimento da região, especificamente as cidades de Aragarças e Barra do Garças está intimamente ligado aos projetos político-governamentais da “*marcha para o oeste*”, à política demográfica do governo Vargas. Essa política era um conjunto de ações que incentivavam a migração, na tentativa de diminuir os desequilíbrios existentes entre as diversas regiões do país. O projeto incluía a criação de colônias agrícolas, a construção de estradas e incentivo à produção agropecuária de sustentação. Nessa perspectiva, o projeto de interiorização do Brasil caracterizou-se na movimentação da frente de expansão, buscando fomentar a produção numa dinâmica da organização capitalista. No centro-oeste, visava também ser uma etapa preliminar à ocupação da Amazônia.

O encaminhamento da política mundial nesse contexto foi determinante para a criação e o desenvolvimento desse projeto. Neste momento, o mundo via-se aterrorizado a Segunda Guerra Mundial em que as alegações sob pretexto ideológico das principais nações nazifascistas envolvidas era a necessidade de “espaço-vital”² para seu desenvolvimento.

O governo Vargas, nesse contexto, percebeu o perigo para o Brasil de uma ideologia desse caráter devido à proporção do território brasileiro e sua ocupação desequilibrada onde a maior parte da população encontrava-se no litoral, sendo a densidade demográfica no interior do país muito baixa. A preocupação do governo na época era de que as potências mundiais

² O conceito "espaço vital" surgiu no contexto do nazismo e foi concebido por Friedrich Ratzel, alemão que propôs uma Antropogeografia, como um ramo da geografia humana, como o espaço de vida dos agrupamentos humanos. Segundo sua concepção, o espaço vital seria o espaço necessário para a expansão territorial de um povo, no caso, alemão. Espaço onde as necessidades, relativas à dominação territorial, recursos minerais, etc, desse povo seriam realizadas. O interesse alemão e também italiano nesta expansão justificava-se em certa medida pelo fato dos dois países serem retardatários na expansão marítima europeia, e ao contrário da França e da Inglaterra, não tinham vastos domínios coloniais.

ideologicamente com a teoria do espaço vital se voltassem para o vasto e rico território brasileiro ainda não colonizado, tidos como “espaços vazios”. Pela extensão territorial, o Brasil seria em vítima em potencial para tais propósitos e assim havia então a necessidade de um plano emergencial para resolver o problema e garantir a soberania nacional. Nesse contexto, a marcha para oeste como um imperativo imediato de segurança e soberania nacional.

Outra questão a considerar nesse contexto também era a fragilidade da sede do governo que tinha como capital a cidade do Rio de Janeiro, uma cidade litorânea totalmente exposta aos ataques marítimos. Como não se sabia quanto tempo a guerra duraria e quais os desdobramentos esse conflito teria, e com o perigo iminente de ataques à capital, haja visto o Brasil estar participando da guerra contra as nações que lutavam por um espaço vital, vê-se a urgência da efetivação do projeto da Marcha para Oeste, elaborado pouco antes da eclosão da guerra. Tal projeto visava desbravar os sertões brasileiros e colonizar os chamados *espaços vazios*, já com uma ideia germinante de transferência da capital para o interior do país. Num discurso, o presidente Vargas deixa bem claro a proposta da Marcha para oeste: “eliminar os espaços potencialmente ricos e desocupados que despertam apetites perigosos num mundo de crescentes pressões demográficas”. Assim descreveu Varjão:

Considerando importantíssima e necessária a ocupação do Centro-Oeste e da Amazônia brasileira, evitando apetites estrangeiros já anunciados em conferências de nações: trazendo ligações do Sul com o Norte pelo interior do País, vez que só havia pela costa brasileira, houve por bem o Presidente Getúlio Vargas enviar uma expedição de homens intrépidos para desvendar a grande região compreendida entre os rios Araguaia-Xingu e Xingu-Tapajós e estabelecer uma linha de comunicação dos estados do Sul com os do Norte. (VARJÃO, 1989: 56).

Abordando a mesma ideia, Manuel Ferreira Filho no livro “O (Des)encanto do Oeste” descreve assim essa questão:

[...] devido à Segunda Guerra Mundial, havia uma preocupação da chefia do Estado Maior do Exército brasileiro quanto à segurança do comando do País. O litoral era considerado um local vulnerável do ponto de vista militar. Os irmãos Villas Boas (1994, p23) também escreveram: “não se falava em interiorização como movimento expansionista, mas em tirar a capital da beira do mar, por questão de segurança.” A cidade do Rio de Janeiro era, assim, uma localidade frágil, do ponto de vista estratégico. (LIMA FILHO, 2001: 40)

O Ministro João Alberto Lins e Barros da Coordenação de Mobilização Econômica foi o encarregado por executar tal tarefa. A primeira providência foi organizar uma expedição visando atingir a Amazônia tendo como rota o Brasil Central indo ao mesmo tempo

reconhecendo, desbravando e colonizando os territórios e regiões por onde passassem criando vias de comunicação com a região amazônica dentro do projeto “Marcha para Oeste”.

A expedição recebeu o nome de “Roncador-Xingu”. Ela foi uma ação governamental considerada de interesse militar pelo Decreto-Lei nº 5.801, de 8 de setembro de 1943, de Getúlio Vargas (FBC, 1945b). A expedição era subordinada à Coordenação de Mobilização Econômica, que a organizou pela Portaria nº 77, de 3 de junho de 1943. (LIMA FILHO, 2001: 22-41)

Entre os objetivos da expedição estabelecidos pela referida portaria destacam-se a fundação de núcleos de colonização e civilização como base para dar continuidade à exploração do território fixando duzentas famílias ao longo do trajeto. Nesse sentido, os critérios logísticos de ocupação desse território incluía a operacionalidade militar, a questão indígena e a busca de apoio popular, com justificativas nacionalistas, afirma Lima Filho (2001: 42).

A Expedição Roncador-Xingu, tendo como principal missão chegar até a Serra do Roncador, no Vale do Araguaia e daí partir para o Xingu, saiu de São Paulo em agosto de 1943 em direção a Uberlândia-MG, sua primeira base por ser conhecida como “boca do sertão”. De lá foram para a região do Araguaia, passando pela cidade de Rio Bonito, hoje Caiapônia-GO. Em agosto do mesmo ano, chegaram ao local de confluência dos rios Araguaia e Garças onde encontraram em suas margens duas vilas de garimpeiros: Barra Goiana-GO e Barra Cuiabana-MT, as atuais cidades de Aragarças e Barra do Garças respectivamente. Por determinação da chefia da expedição, toda sua base foi transferida para a Barra Goiana. A vila de garimpeiros recebeu do Ministro João Alberto o nome de Aragarças, que devido a sua posição estratégica, na fronteira com o estado de Mato Grosso sendo escolhida a localidade como ponto de apoio logístico e de partida da Expedição na execução dos projetos da Marcha para o Oeste.

A partir de Aragarças deu-se o início do desbravamento dos sertões do Brasil Central cujos primeiros resultados foram avaliados pelo governo como positivos e promissores encarregando assim o Ministro João Alberto de formular um projeto de colonização das áreas já desbravadas. Assim, o Governo Federal, pelo Decreto-Lei nº 5.878, de 4 de outubro de 1943, criou a Fundação Brasil Central. Um órgão diretamente ligado à Presidência da República com a função de colonizar as áreas já desbravadas entre os rios Araguaia e Xingu incorporando-se à expedição Roncador-Xingu. A Fundação Brasil Central foi o órgão criado para captar e gerir os recursos da Expedição Roncador-Xingu. Varjão (1989:56) a define

como “*ponta de lança de uma bandeira de interiorização brasileira com seus objetivos de desbravamento e colonização*”. Aragarças foi transformada em sede da Fundação Brasil Central. A instalação da base da Fundação Brasil Central em Aragarças transforma a pequena vila de garimpeiros em uma próspera cidade, o que pode ser visto com a instalação da rede elétrica, construção do aeroporto, hospital, hotel, escola, olaria, serralheria, casas para receber a enorme quantidade de funcionários públicos a serviço da Fundação.

Tudo isso levou Aragarças-GO, juntamente com Barra do Garças-MT, a se despontar como polos econômicos na região do Médio Araguaia atraindo inúmeros migrantes com distintos interesses. Foi nesse contexto, de efervescência econômica e de migração da região que se deu o estabelecimento da Igreja Assembleia de Deus em Aragarças.

A Marcha para Oeste, preconizada pelo governo de Getúlio Vargas como um imperativo imediato da segurança e da soberania nacional, teve na instituição da Expedição Roncador-Xingu e depois da Fundação Brasil Central as executoras do projeto de integração nacional da vasta e rica região do Brasil central. O objetivo era então atrair interesses desenvolvimentistas e de povoamento para o interior, desbravando os espaços ainda não colonizados e fixando ali as estacas da soberania nacional, construindo estradas, pistas de aviões, fazendas de gado, cidades, enfim, semeando modernidade pelas mãos dos expedicionários, bandeirantes do século XX.

A “Marcha para Oeste” se deu em duas fases: a primeira durante o período do Estado Novo, quando seus trabalhos foram planejados e iniciados (exposto acima), e a segunda a partir de 1950, uma retomada dos projetos como continuidade da primeira fase presente também o ideal de integração nacional e a concretização do Plano de Metas.

Como fatos marcantes desse momento dentro do ideal de integração nacional pode-se destacar a construção de Goiânia e posteriormente de Brasília transferindo a capital federal para o centro do país. Fato este que impulsionou a região centro-oeste, principalmente Goiás, com a construção de rodovias, com a dinamização do comércio e conseqüentemente com a atração do movimento migratório para a região.

Com os incentivos à produção agropecuária e industrial houve um aumento populacional nos meios urbanos, como Goiânia, principalmente em áreas que atraíam os migrantes devido às instalações das bases do projeto, como podemos constatar na região do Vale do Araguaia, nas cidades de Aragarças-GO e Barra do Garças-MT nesse período.

1.4 - Memórias do Araguaia: uma história de bandeirantes, garimpeiros, expedicionários e agropecuaristas

Os primeiros indícios da história da região remetem ainda às descobertas de ouro em Minas Gerais e Mato Grosso, na região da atual capital Cuiabá, que atraiu muitas bandeiras para esse sertão. O movimento das bandeiras na região do rio Araguaia (conhecido pelos paulistas como Paraupava), capturando índios e descobrindo minas de ouro é definido e distinguido por Neiva (1986) em dois ciclos: “Ciclo Paraupava” (1590 e 1618) e o “Ciclo Araguaia” a partir de 1644, até as últimas décadas do século XVII, segundo afirma Lima Filho (2001: 23, 24). Nessa última, fase o nome do rio Paraupava é mudado para Araguaia, que significa “rios das araras” na língua tupi-guarani e assim se intensifica a atividade garimpeira na região principalmente no espaço que abrange atualmente as cidades de Registro do Araguaia – GO, Araguaiana – MT, Aragarças - GO e Barra do Garças - MT.

Em nossas pesquisas, não encontramos registros sobre a região no período que compreende meados do século XVII até o final do século XIX, quando em 1881 foi criada a Colônia Agrícola e Militar denominada Macedina, através do esforço conjunto de moradores, dos presidentes das Províncias de Goyáz e Mato Grosso e também dos Ministros da Agricultura e da Guerra. O objetivo dessa colônia era oferecer proteção, segurança e tranquilidade aos moradores do local, vítimas frequentes de ataques dos índios das etnias *Kaiapó* e *Bororo*, que tentavam expulsar os invasores de suas terras. O povoado também servia como ponto de apoio, tanto para comunicação quanto para defesa das duas províncias e ainda como auxílio na catequese dos indígenas da região. Não obstante, ocorreram muitos confrontos entre os colonizadores e os índios que lutaram pela posse da terra, mas que inevitavelmente foram expulsos dela, fato típico de colonização em região de fronteira.

Na década de 1930, eram frequentes os ataques dos índios *Xavantes* aos colonos e missionários católicos e o desaparecimento da expedição comandada pelo coronel britânico Perciwal Fawcett em 1925, provocou grandes especulações sobre a região, colocando-a em evidência nacional e atraindo várias expedições. Segundo afirma Lima Filho (2001:26), “essas expedições muniam de notícias a mídia, que reforçava no imaginário nacional a ideia de uma região selvagem, exótica e distante. Era o sertão por excelência”.

1.5 – Memórias e representações escritas do Araguaia

Sobre a história da região do Vale do Araguaia, em específico as cidades de Aragarças e Barra do Garças, não há ainda uma rica produção historiográfica que possa balizar a contento uma pesquisa que tenha algum de seus aspectos como objeto de estudo. Contudo, não se pode menosprezar a significativa produção de dois autores regionais – Zélia dos Santos Diniz e Valdon Varjão – que produziram muitas obras a partir de suas memórias enquanto agentes históricos nessa região, como também a partir de relatos, das memórias de outras pessoas que fizeram parte desse processo. É bem verdade que essas obras fornecem uma espécie de mito fundador da região, um mito de origem e seus autores representam o grupo social hegemônico da região. Embora sejam obras positivistas que tratam de eventos e personagens principais, possui para nós um valor de documento enquanto fonte de representação sobre o espaço e o contexto de nosso objeto de estudo ao utilizarem as lembranças e as memórias para tal exercício.

Para Halbwachs (2006), a lembrança individual se relaciona à memória dos outros e o indivíduo recorda-se dos acontecimentos como membro de uma comunidade afetiva. É nesse sentido que, mesclando suas memórias individuais com as de outros indivíduos, Zélia Diniz e Valdon Varjão escreveram sobre o processo histórico da região. Segundo Said (2005), o contexto histórico bem como as experiências vividas pelo sujeito é que vão determinar a narrativa do escritor. As narrativas escritas são assim moldadas pelos acontecimentos da época e pela situação que se está vivenciando. Os autores, como pioneiros e ilustres cidadãos da região, foram protagonistas de muitos dos eventos e fatos históricos que narraram e assim transformaram uma lista de acontecimentos, possuidores de um significado, em uma narrativa histórica passível de análise.

As obras de Zélia Diniz (1999), (2005) e Valdon Varjão (1985), (1989) descrevem os costumes, as crenças, os eventos, os acontecimentos históricos, os saberes, que de certa forma foram vividos e partilhados por eles. Experiências, que entremeadas, formam a história das cidades de Aragarças-GO e Barra do Garças-MT de acordo com suas simbologias. Abordam em seus escritos os principais fatos históricos que ocorreram na região desde os primeiros processos de povoamento até o estabelecimento das cidades, em todas as suas fases de desenvolvimento econômico. Juntos, os dois autores somam uma rica produção literária que, no mínimo, deve ser considerada como documento histórico produzido a partir da memória e de relatos orais seus e de outros indivíduos da comunidade.

Ao propormos pesquisar sobre o processo de estabelecimento da Igreja Assembleia de Deus na região do Vale do Araguaia, consideramos que, para contextualizarmos nosso objeto de estudo precisaremos apreciar essa literatura de construção simbólica das cidades por nós delimitadas como campo de análise. De fato, tais obras nos ajudam entender o contexto histórico em recorte espaço-temporal que estamos pesquisando, contudo, não contribui para uma análise que seja superficial de nosso objeto, haja vista que nesses relatos memorísticos a memória-histórica do segmento protestante pentecostal se quer é citada. Com exceção à pouquíssimas referências dos grupos religiosos protestantes como “seitas”.

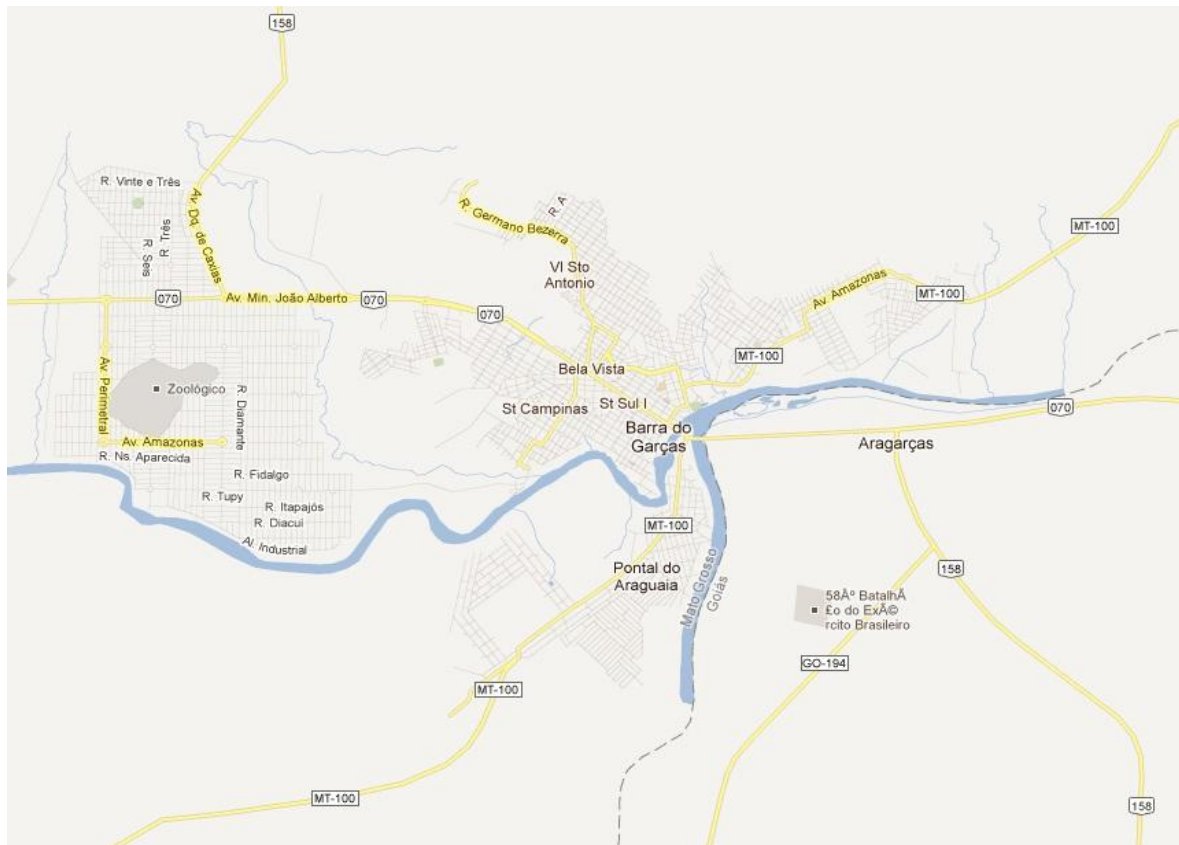
Talvez por se tratarem de produções simbólicas que trazem as referências dos lugares, de pessoas e grupos com os quais constituem um conjunto de relações de sujeitos envolvidos, essa memória-histórica dos grupos protestantes pentecostais foi apagada, suprimida das obras que propõe ser relatos da história de Barra do Garças-MT e Aragarças-GO por não terem essa relação de simbolismo com os grupos produtores dessa história local.

Observamos na análise de tais obras, a seletividade dos fatos históricos, a partir da memória de seus narradores. Ao abordamos memória como fonte para uma pesquisa, seja a partir da oralidade ou de documentos escritos, devemos sempre considerar que ela é construída e, portanto seletiva. Assim, por estar intimamente ligada aos quadros sociais que lhe proporcionam elementos significativos, aos valores, aos sentimentos entre outras coisas, ao ser evocada, ela seleciona os acontecimentos que lhes são mais significativos. Consideramos que talvez, por esse motivo, a memória-histórica evangélica foi suprimida de tais obras por não ser parte dos autores ou de suas fontes de memórias compartilhadas.

1.6 – Aragarças-GO e Barra do Garças-MT

Para os habitantes das duas cidades, e da vizinha Pontal do Araguaia-MT (localizada entre as duas, numa espécie de mesopotâmia nos rios Garças e Araguaia), há um sentimento de pertencimento do complexo urbano formado pelas três cidades. Relações comerciais, culturais, educacionais e religiosas são estabelecidas de forma muito híbrida e interdependente.

FIGURA 1 – Mapa da Região do Vale do Araguaia



Confluência dos rios Araguaia e Garças, na divisa dos estados de Goiás e Mato Grosso. (da esquerda para a direita: cidade de Aragarças-GO, rio Araguaia, cidade de Pontal do Araguaia-MT, rio Garças e cidade de Barra do Garças-MT.)

A ligação entre as duas cidades, Barra do Graças e Aragarças, foi estabelecida desde o surgimento dos primeiros povoados, ainda como Barra Cuiabana e Barra Goiana nos dois lados das margens do rio Araguaia. No início do processo de desenvolvimento de ambas, é perceptível o quanto este foi mesclado e interligado. Só após a chegada dos projetos do Governo Federal na região que esse processo toma características distintas nas duas cidades, sem, contudo, desfazer os laços que as unem e apagar por completo as marcas de trajetórias iniciadas juntas. Nesse sentido, afirma Ferreira Filho:

As duas cidades foram gestadas pela corrida do garimpo de diamantes no Araguaia. [...] A trajetória de desenvolvimento e de lugar, no cenário nacional das duas cidades, são diferenciadas a partir da chegada da Expedição Roncador-Xingu e da FBC, favorecendo Aragarças, e, mais tarde, a partir dos incentivos federais e projetos de colonização, favorecendo Barra do Garças. (LIMA FILHO, 2001: 81).

A região do Vale do Araguaia, por suas singulares características, configurou-se desde o início de sua formação como um lugar de busca por sonhos, aonde garimpeiros e

forasteiros, vindo de vários lugares, viam na região possibilidades de mudarem de vida com o usufruto das riquezas que a região oferecia ao longo do processo de seu desenvolvimento – seja na extração de diamantes, na utilização das terras para agropecuária ou no comércio que as ricas cidades ofereciam.

Com interesses distintos, em períodos distintos, migraram para a região vários povos, nacionais, sobretudo da região nordeste e estrangeiros principalmente do Oriente Médio, que fez surgir Aragarças e Barra do Garças.

As cidades situadas na região do Vale do Araguaia, na confluência dos rios Araguaia e Garças, têm suas gêneses históricas um pouco distintas. Barra do Garças originou-se da cidade vizinha Araguaiana, local já conhecido pelas bandeiras desde o século XVII e que serviu como um entreposto entre a capital de Mato Grosso, Cuiabá e a de Goiás, Vila Boa no século XVIII. No final do século XIX, foram descobertos diamantes na região, e a ampla divulgação do achado atraiu mineradores das principais zonas garimpeiras dos estados de Goiás, Minas Gerais, Bahia e Maranhão.

No início do século XX, uma grande leva de migrantes, principalmente do norte do país, começou a chegar à região atraída pelas famosas jazidas de diamantes localizadas na região do Araguaia. Seguindo o fluxo da migração garimpeira, vieram também mercadores ambulantes, tropeiros e meretrizes. Valdon Varjão, em seu livro *“Janela do tempo: homenagem ao passado”* relata, a partir de suas memórias, de forma sucinta, o processo político que estabeleceu nessa localidade a cidade de Araguaiana e posteriormente a de Barra do Garças, da seguinte forma:

A Lei n.º 211, de maio de 1.899, criou na povoação de Registro do Araguaia, com os mesmos limites do distrito policial, uma paróquia com a denominação de Araguaia. Pela Lei n.º 387, de 12 de abril de 1.904, foi criada a freguesia de Registro do Araguaia, no município e comarca da capital. Foi elevado à categoria de município com denominação de Araguaia, com termo de comarca da capital e como sede na povoação de Registro do Araguaia pela Lei n.º 636, de 8 de julho de 1.913. Esse mesmo diploma legal deu à povoação a categoria de Vila. [...]. Em 1.932, pelo Decreto n.º 161, de 21 de abril, a vila de Registro do Araguaia e o município recebem a denominação de Araguaiana [...]. (VARJÃO, 2000: 24).

Os garimpeiros que se deslocavam de Araguaiana para Baliza (maior povoado da região na época, que também se localiza às margens do rio, alguns quilômetros acima onde estava em franco desenvolvimento o garimpo de diamantes) subindo pelo rio Araguaia, faziam paradas na barra do rio das Garças, onde ele deságua no Araguaia. Nesse lugar, a partir da indicação de um morador, garimpeiros encontraram diamantes no córrego Voadeira. Com

a divulgação do achado desta mina, iniciou a migração garimpeiras para a localidade dando início ao primeiro povoado.

Já as origens da cidade de Aragarças remontam ao final do século XIX, com a formação do povoado do Deixado, que já não existe mais, onde foi construída a Colônia da Macedina. A existência dessa comunidade colaborou para colonização da região, pois nesse contexto era intenso o fluxo de migrantes para Baliza e o rio Araguaia que passava pela Macedina era o acesso mais viável à Baliza.

Toda a região era muito propícia para o garimpo, devido às suas riquezas minerais. Contudo, as minas mais ricas da região, foram encontradas nas confluências dos rios Garças e Araguaia. O achado de diamante na confluência dos dois rios começou a entrelaçar a história dos dois povoados que estavam surgindo às margens do rio Araguaia. Com a descoberta dessas minas de diamante, a partir de 1924, começaram a se instalar as primeiras famílias garimpeiras que, além da garimpagem, tinham também na pequena lavoura de beira rio, na caça e na pesca seus meios de subsistência.

A partir do estabelecimento dos primeiros núcleos garimpeiros, Valdon Varjão (1985), periodiza a história de Barra do Garças em quatro fases: garimpeira (1924 a 1942), Fundação Brasil Central (1943 a 1964), agropecuária e de incentivos fiscais (1964 a 1973) e contemporânea – migração gaúcha e agricultura. Entendendo essa obra memorística como uma representação do processo histórico de Barra do Garças, especificaremos cada uma dessas fases, mesmo que de modo superficial para um vislumbre geral desse processo.

A fase garimpeira teve início em 1924 com a descoberta de diamantes no córrego Voadeira pelos garimpeiros Antônio Cristino Côrtes e Francisco Bispo Dourado. Com a instalação dos primeiros núcleos garimpeiros e chegada dos primeiros migrantes, principalmente nordestinos, atraídos pela fama do garimpo na região deu-se o início da povoação, estruturando-se os primeiros núcleos urbanos na margem mato-grossense do Araguaia.

Segundo afirma Siqueira (2002), o intenso fluxo migratório para a região, principalmente de trabalhadores nortistas e nordestinos, antes ligados à extração da borracha (em decadência nesse período), deu início a um novo “ciclo” minerador, agora tendo o diamante como pedra preciosa e tendo no mito da garrafa de diamantes um dos maiores atrativos das primeiras levas populacionais para a região. Sobre esse fato, conta-nos Valdon Varjão que:

Na versão de Raul José de Mello, antigo coletor das rendas estaduais de Registro do Araguaia e pessoa merecedora de crédito dizia ter em mãos a cópia do testamento de um dos herdeiros daquele tesouro, o pai de Marcos Afonso. Dizia Raul que no ano de 1871, o pai de Marcos Afonso, Simeão da Silva Arraya e outros dois integrantes, ex-combatentes da Guerra do Paraguai ao serem desmobilizados, resolveram iniciar uma garimpagem de ouro na confluência do rio Garças nas proximidades da barra do Córrego Voadeira. Nas pesquisas encontraram muitos diamantes. Sabedores do valor daquelas pedras preciosas resolveram ir guardando-as numa garrafa. De certa feita, assediados e atacados por índios bororos, habitantes natos, empreenderam a fuga e enterraram a garrafa de diamantes num monte de cascalho situado nas proximidades de uma grande pedra na beira do rio, e foram homiziar-se nas fazendas das proximidades de Bom Jardim para voltarem logo que os índios abandonassem o local de garimpagem. Em seguida iniciou-se o período chuvoso e o monte de cascalho fora imergido. Quando voltaram resolveram marcar a pedra que lhes serviria de baliza ou orientação, fazendo a inscrição “S.S. Arraya – 1871”. Durante alguns anos insistiram na procura da garrafa, e neste ínterim faleceu um dos donos, o pai de Marcos Afonso, que em seu testamento usou as seguintes expressões: “Além dos bens deixados, meus herdeiros ainda terão direito a uma quarta parte na garrafa de diamantes que se encontra enterrada na confluência do rio Garças, em local assinalado numa pedra com a inscrição S.S. Arraya 1871. (VARJÃO, 1992: 17)

O autor, como um ex-garimpeiro, considera que mesmo sendo uma lenda ou estória de um fracasso milionário, ainda assim, o fato é considerado como o que fez surgir a atual cidade de Barra do Garças. Conforme afirma: “À procura de um tesouro lendário, mesmo não logrando êxito, deixaram para a posteridade esta rica, hospitaleira, dadivosa e progressista cidade”. (VARJÃO, 1985: 81).

No ano de 1925, ocorreu a Revolta de Morbeck e Carvalhinho³, que atraiu a maioria dos garimpeiros para o local do conflito, causando assim o despovoamento do nascente núcleo urbano. Siqueira (2002), relata que durante o episódio entre Morbeck e Carvalhinho, os garimpeiros de Barra do Garças se posicionaram do lado de Morbeck e o povoado serviu

³ O episódio conhecido como a luta entre Morbeck e Carvalhinho é descrito por Siqueira (2002) como uma disputa de poder entre dois coronéis do diamante, que comandando grupos armados, lutaram pelo domínio das zonas diamantíferas. José Morbeck, baiano, migrado em 1912 para a região dos rios Araguaia e Garças e Manuel Balbino de Carvalho (Carvalhinho), pernambucano, migrado em 1922 também para a mesma região (só que se estabelecendo em Santa Rita do Araguaia), no início eram amigos e até compadres. Contudo, com o crescimento dos garimpos e o do poder de cada um, somado aos desentendimentos e disputa pelo comando das zonas garimpeiras, Morbeck e Carvalhinho arregimentaram grupos e se enfrentaram em lutas armadas no ano de 1925. Nesse contexto, o governo estadual fazia “vistas grossas” ao domínio desses coronéis nas zonas garimpeiras frente a arrecadação dos impostos sobre a produção desse sistema extrativo, mas devido a dimensão que o conflito tomou, houve a necessidade da intervenção do governo por meio da força policial para conter a luta armada, impondo assim o poder do estado sobre esses coronéis. O conflito chegou ao fim como armistício entre os dois bandos combatentes, promovido habilmente pelo então governador de estado de Mato Grosso, Mário Corrêa da Costa. Mesmo após o armistício, o grupo de Carvalhinho ainda promove um ataque, agora ao representante do governo posto na região (em Poxoréu) para controlar a situação culminando em sua morte. Tal fato provocou uma reação definitiva do governo que prendeu o bando, desfilando com os prisioneiros pelas ruas de Poxoréu, demonstrando o poder do estado de Mato Grosso. Enviados para Cuiabá, o grupo ficou detido até 1930.

como quartel-general aos revoltosos devido sua posição geograficamente estratégica por se situar na divisa dos estados de Mato Grosso e Goiás.

Entre os anos de 1926 e 1933, a região viveu um período de calma e estagnação contando com uma população reduzida. Contudo, no ano de 1933, num dos garimpos da margem goiana do rio Araguaia (o Garimpo da Praia), foi encontrado pelo garimpeiro Joaquim Mendes, um diamante que, segundo os relatos da época, era de dez quilates. A repercussão do achado incentivou a vinda de mais uma leva de garimpeiros para a região, assim, crescendo a população do povoado da margem mato-grosense e dando início ao povoamento da margem goiana do Araguaia. Houve uma intensa migração para o lugar, tanto de garimpeiros como de comerciantes, entre eles os capangueiros (comerciantes de diamantes) que fundaram o povoado denominado Barra Goiana (em contraposição à vizinha do outro lado do rio, a Barra Cuiabana) pertencendo ao município de Baliza (hoje a cidade de Aragarças). A esse respeito, Zélia Diniz relata que:

[...] Foi uma grande atração para os caçadores de fortuna. Chegaram e se instalaram na Barra do Rio das Garças ou na Barra Goiana. Certo é que promoveram o êxodo de Araguaiana crescendo a Barra Cuiabana de tal forma que seu desenvolvimento lhe proporcionou estabilidade para ser transformada em município rapidamente. (DINIZ, 1999: 13)

Mesmo com esse impulso, essa nova etapa do garimpo foi caracterizada por um progresso lento até 1936, quando foi criado o distrito, Vila Barra do Garças – a Barra Cuiabana como também, era cognominada a povoação. Assim, o pequeno povoado passou à categoria de Vila por decreto do então governador Mário Correia, sendo nomeada como primeira autoridade administrativa municipal, Joana Cristino Côrtes, com o cargo de subprefeito pelo prefeito de Araguaiana, pelo Ato nº 3 de 16/07/1936. Como parte desse progresso, instalou-se na vila cartório, juizado de paz e delegacia de polícia. Neste mesmo ano, por iniciativa de comerciantes, foi construída uma estrada de rodagem que interligava a Barra Goiana à Bom Jardim, município vizinho, possibilitando assim uma maior dinâmica do comércio local, pois colocava tanto o povoado da Barra Goiana quanto o da Barra Cuiabana na rota de Bom Jardim-Baliza-Uberlândia o que contribuiu grandemente com seu crescimento.

Nos anos subsequentes, a região viveu mais uma fase de florescimento, período em que “correu muito dinheiro na região” com a valorização do diamante utilizado na indústria bélica no período da Segunda Guerra Mundial. Segundo afirma Varjão, em 1946, Barra do Garças experimentou um fluxo de mais de 6 mil garimpeiros.

Tendo como principal fonte de renda a extração de diamante, os povoados foram se estruturando a partir da chegada de outros moradores que, se ligando ao garimpo, vieram por causa da movimentação econômica que as riquezas do garimpo trazia para a região. Dessa forma, os povoados foram se desenvolvendo, tendo os rumos desse progresso mudado em 1943, com a chegada da Expedição Roncador-Xingú e, posteriormente, a instalação da Fundação Brasil Central na Barra Goiana, que trouxe grandes transformações tanto para o povoado (futura cidade de Aragarças, escolhida para ser sua sede), como para toda a região do Vale do Araguaia.

Assim, a segunda fase da história de Barra do Garças, segundo a periodização de Valdon Varjão, que abarca o período de 1943 a 1964, é a da Fundação Brasil Central, momento que ele descreve assim:

No segundo período, vemos a região do oeste goiano e leste mato-grossense viverem das expensas da Fundação Brasil Central, que criada pelo Ministro João Alberto, instalada em Aragarças em agosto de 1943, dominou econômica e politicamente o Brasil Central, trazendo um afluxo de progresso e melhoramento à região, importando novos costumes e até mesmo uma civilização aprimorada, inspirada nos grandes centros, através de gestos, vestimentas e da vida sócio-recreativa. (VARJÃO, 1985: 97).

O autor fala com saudosismo do período que considera como a fase mais importante para a sobrevivência da cidade, como um momento de desenvolvimento marcante para Barra do Garças, pois com os progressos trazidos pela Fundação Brasil Central (instalada em Aragarças-GO do outro lado do rio), Barra do Graças começa a se despontar como polo econômico e de ensino para toda a região. É nesse contexto que ocorre a transferência da sede do município de Araguaiana para Barra do Garças, em 15 de setembro de 1948⁴ e a elevação à Comarca, em 12 de novembro de 1949⁵, desmembrada da Comarca de Guiratinga.

A necessidade de deslocar a sede do município de Araguaiana para Barra do Garças surge com a prosperidade que a Fundação Brasil Central traz para a cidade. O progresso trazido pela FBC para Aragarças, fazendo circular de forma consistente o dinheiro público nas obras que eram desenvolvidas, beneficiaram grandemente Barra do Garças, pois promoveu um processo de abertura de mercado de trabalho e aproveitamento de toda mão de obra disponível. Todo esse contexto, somado à falta de estrutura da sede administrativa em Araguaiana, fez com que a transferência fosse inevitável.

⁴ Lei Estadual nº 121, de 15 de setembro de 1948 publicada no Diário Oficial de 18/09/1948, nº 10.242.

⁵ Lei Estadual nº 210, de 09 de dezembro de 1948 publicadas no Diário Oficial de 15/12/1949.

Juntamente com o poder político, muitos habitantes de Araguaiana migraram também para Barra do Garças, buscando melhores condições de vida. Araguaiana passa então de sede municipal à cidade satélite, assim como todas da região, do grande polo que Barra do Garças estava se tornando, permanecendo parte da “Grande Barra” até ser emancipada em 1986.⁶

Outras realizações fundamentais também ocorreram em Barra do Garças nesse período, como a construção da prefeitura, já obedecendo o Plano de Urbanização da Cidade; a criação de agências bancárias; de um ginásio de esporte e a instalação da primeira escola em decorrência do dinamismo do progresso que estava vivendo.

Um dado importante a ser observado nesse período é a extensão da recém emancipada cidade. Nesse período, o município de Barra do Garças possuía uma área territorial com mais de 200.000 km², momento que ficou conhecido como a “Grande Barra” e considerado como o maior município do mundo em extensão territorial, contudo era apenas o maior do Brasil na época.

Já nas margens goiana, com o rápido crescimento promovido pelos projetos políticos do Governo Federal, o povoado de Barra Goiana ganhou *status* de vila pela Lei nº 5, de 5 de novembro de 1951, pertencendo ao município de Baliza. Em 2 de outubro de 1953, Aragarças foi elevada à categoria de cidade, sendo emancipada por meio do Decreto Lei nº 788, publicado no Diário Oficial do Estado de 23 de outubro de 1953, desmembrando assim do município de Baliza. O então governador de Goiás, Pedro Ludovico Teixeira, nomeou Hermes de Oliveira Costa como primeiro prefeito do novo município.

O nome da nova cidade foi escolhido pelo próprio Ministro João Alberto, que inspirado na confluência dos rios Araguaia e Garças, utilizou da junção dos dois nomes dos rios criando a palavra “Aragarças” para nomear a mais nova cidade estabelecida na fronteira dos estados de Goiás e Mato Grosso, como base da Fundação Brasil Central. Este seria o “portal da marcha para o oeste”. Com o estabelecimento da FBC a cidade cresceu rapidamente.

Com as atividades sempre crescentes da Fundação, o primeiro garimpo teve notável transformação. Sem perder sua feição típica, evoluiu, entretanto, rapidamente. Atualmente Aragarças desenvolve-se dentro de um plano em que se aplicam todos os requisitos da moderna técnica de urbanismo, devendo sua existência quase que exclusivamente à Fundação Brasil Central. (IBGE, 1958: 43).

A partir desse fato, a história da cidade de Aragarças é ditada e construída como pano de fundo da história dos projetos do Governo Federal para o desenvolvimento da região,

⁶ Lei nº 5006, de 13 de maio de 1986.

tendo a Fundação Brasil Central sua principal protagonista e a história de Barra do Garças segue em mais duas fases a partir do desenvolvimento iniciado pela atividade garimpeira e pelos trabalhos da Fundação Brasil Central na região.

Com a extinção da FBC, a cidade de Aragarças estagnou, enquanto Barra do Graças começou a crescer, afirma Lima Filho (2001). Esse período é uma terceira fase, denominada por Varjão de agropecuária e incentivos fiscais de 1964 a 1973, caracterizada pela afluência de capitais paulistas com a compra de grandes faixas de terras para a exploração da pecuária, usando dos benefícios e incentivos fiscais oferecidos pelo governo.

No ano de 1966, o Governo Federal criou a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), objetivando atrair para a região grandes empresas agropecuárias e latifundiárias. Os incentivos fiscais oferecidos pelo governo trouxeram para a região vários investidores, principalmente os paulistas, concentrado no município de Barra do Garças muitas empresas e trazendo com elas um grande e rápido crescimento econômico. Sobre esse momento da história de Barra do Garças, Lima Filho (2001), citando Duarte (1989), analisa que:

[...] o município foi alvo de projetos de colonização com características especiais em relação aos demais projetos da Amazônia: a colonização privada. Esses projetos foram uma das estratégias da política capitalista para sua expansão espacial, integrando o norte do Mato Grosso ao mercado nacional e tornando a terra um bem de consumo. Além das empresas de colonização que se instalaram com a autorização do Incra, os colonos se associaram em cooperativas, que se tornaram mais um agente de transformação econômica na região. (LIMA FILHO, 2001: 79).

Um fator que deve ser considerado nesse contexto é justamente o tamanho do município de Barra do Garças, o que determinava a escolha da região para a implantação dos programas de colonização. Segundo ele, a aquisição de terras tornou a vida econômica regional e a criação de gado os melhores investimentos. Foi nesse período que a cidade recebeu alguns benefícios para melhor estruturação urbana como calçamento, asfaltamento, esgoto e iluminação elétrica.

A última fase estabelecida por Varjão para a história de Barra do Garças é a contemporânea, período que vai de 1973 ao ano de 1985 (momento em que publicou sua obra “Barra do Garças: migalhas de sua história”). É o momento que a economia se volta para a agricultura e a região recebe um grande fluxo de migrantes sulistas, principalmente gaúchos. Varjão considera essa migração fator preponderante para a implantação da agricultura na região em níveis extraordinários, pois formou na sociedade barra-garcense uma nova

mentalidade pelo nível econômico e financeiro, assim esses migrantes tiveram grande parcela de responsabilidade no desenvolvimento econômico da região.

O autor considera assim que a cidade de Barra do Garças, que é filha do processo de mineração de diamantes na região, deve todo o seu processo de desenvolvimento a duas fases de migrações: a nordestina, no período garimpeiro e a gaúcha na fase desenvolvimentista produtora no período de 1985. Para Oliveira (2001):

Pode-se dizer sem risco de erro, que a Grande Barra do Garças, se não foi a região mais atingida pela política de ocupação da Amazônia implementada pelo governo pós-64, foi uma das que mais se transformou e que sofreu maior crescimento econômico [...] Conhecida como 'porta da Amazônia' ou como o 'novo El Dorado' recebeu muito emigrantes e uma parcela considerável de investimentos [...] (OLIVEIRA, 1981: 38).

O autor Lima Filho (2001), acrescenta ainda que além das migrações, os projetos de colonização e de desenvolvimento empreendidos pelo Governo Federal e estadual que atraíram investimentos particulares para região, fazendo assim de Barra do Garças um município com grande potencial econômico no leste mato-grossense.

Ao analisarmos o processo histórico da região do Vale do Araguaia, em específico as cidades de Aragarças e Barra do Graças, buscamos entender como esse processo se relaciona com nosso objeto de estudo. Nesse sentido, procuramos perceber como essa região de fronteira se transformou em uma zona de migrantes, atraindo assim não só pessoas em busca de enriquecimento individual, mas também projetos do governo federal para o desenvolvimento econômico da região fazendo surgir assim as cidades de Aragarças e Barra do Garças, cenário de nossa pesquisa. Ao analisarmos esses fatores, procuramos compreender os motivos que atraíram, entre as levas de migrantes para a região, um grupo específico de migrante com interesses exclusivos, os migrantes da fé – nosso elemento de análise.

2 – DE AZUZA AO ARAGUAIA: UMA TRAJETÓRIA DO PENTECOSTALISMO ASSEMBLEIANO

Neste capítulo, procuraremos traçar uma trajetória do pentecostalismo moderno, desde seu surgimento no início do século XX nos Estados Unidos até sua chegada ao estado de Goiás – de onde veio o primeiro missionário para região do Vale do Araguaia, buscando dialogar com os principais autores que estudam o movimento pentecostal. Analisaremos também o surgimento da Igreja Assembleia de Deus, uma de suas maiores representantes, e sua expansão de onde ela surgiu para as outras regiões do país, para assim termos uma visão mais ampla sobre nosso objeto de pesquisa – os migrantes da fé na região do Vale do Araguaia.

2.1 – O Pentecostalismo como experiência religiosa

O termo *pentecostalismo* é assinalado por Mendonça e Velasques Filho (1990), como um termo moderno, de origem norte-americana, para designar o que ele denomina de “*tendência mais emocional da vivência religiosa cristã*”. Segundo eles, a literatura europeia anglo-saxã utiliza a palavra “entusiasmo” e a francesa a palavra “iluminismo” para se referirem ao mesmo fenômeno religioso.

Eduardo Quadros (2004), em seu artigo *A experiência vivida: uma introdução a história religiosa de Michel de Certeau*, faz uma análise sobre como essa vivência religiosa cristã emocionalizada, referida por Mendonça e Filho, pode ser objeto de estudo para historiadores que se propõem pesquisar religiosidade.

Para um pesquisador se aventurar no campo da história religiosa, os escritos de Michel de Certeau são fundamentais para uma produção historiográfica que almeja analisar a prática e vivência religiosa do sujeito e não apenas o fenômeno religioso em si. A produção historiográfica proposta por Certeau é, como afirma Quadros, rigorosa no método, com leque transdisciplinar, baseada em um domínio profundo das fontes e criativa em suas hipóteses interpretativas. Em seus estudos no campo histórico religioso, Certeau procurava relacionar a religião com os outros níveis de uma configuração social. Ao contrapor às explicações naturalísticas e sociológicas, que concebem a experiência religiosa sendo um “sintoma”, um reflexo de alguma outra coisa, lança intuições fundamentais para o estudo da vivência do sagrado que é considerada por ele como “conhecimento vivenciado”.

No ato da experiência com o sagrado, a apreensão do divino ocorre como uma intuição, um sentir, uma emoção, um “transe”. Por isso, muitos estudiosos consideram o batismo com o Espírito Santo como sendo emocional (Corten, 1996:44). Muitas experiências deixam de ser momentâneas e passam a ser duradouras, configurando assim como uma força “viva”; gera a vida, pois é o divino vivendo “dentro” dos fieis, segundo expressam. Como exemplo, podemos citar a experiência da conversão, momento em que o indivíduo experimenta a salvação, a emoção de sentir-se regenerado. Algo que é vivido em um dado momento, mas que tem uma duração por toda uma vida a partir de outras experiências como o próprio ato de ser batizado com Espírito Santo ou de falar em línguas, que o leva a sentir-se em contato direto com o Deus, com o sagrado, trazendo assim novamente o sentimento da salvação que ocorreu no momento da conversão. Como no pentecostalismo, a prática do falar em línguas faz parte do viver espiritual, da prática religiosa, as experiências se entrelaçam fazendo com que as momentâneas façam de outras duradouras, um “investimento” das pessoas em certas afirmações e práticas como analisa Certeau apud Quadros (2004).

A experiência é algo inexprimível, inacessível em si mesma, restando somente o relato sobre ela. Para estudá-la, deve-se considerar com atenção as narrativas dos fieis, pois ela consiste no único veículo a disposição dos pesquisadores para atingi-la, mesmo reconhecendo sua fragilidade. Nesse sentido é de suma importância valorizar a fala do indivíduo sobre suas experiências com o sagrado. O relato reconstrói a experiência religiosa, é o meio para trazê-la da memória e transforma-la em um saber passível de ser transmitido. Assim, o conhecimento do Divino experienciado é possível por meio das palavras e da narrativa do sujeito.

Essa experiência, mesmo sendo inexprimível, confere à pessoa “o privilégio da autenticidade”. Nesse sentido, não cabe ao pesquisador lançar dúvidas sobre a experiência religiosa vivida pelo indivíduo, pois para ele a experiência é verdadeira e autêntica e o que importa para o historiador é a forma como os indivíduos se relacionam com essas experiências, transitando entre suas vivências religiosas e sua atuação social.

2.2 – Um breve histórico do pentecostalismo no século XX

Relatos históricos indicam o início do “pentecostalismo moderno” às reuniões de orações que eram realizadas no Colégio Bíblico Betel, fundado por Charles Pahrman, em Topeka, Kansas, Estados Unidos, no ano de 1901.

A partir de análises teológicas, os membros do colégio chegaram à conclusão que o fenômeno da glossolalia (falar em “línguas estranhas”) era um sinal bíblico do batismo com o Espírito Santo, como aconteceu com os primeiros cristãos no dia de Pentecostes citado, no livro de Atos.

Cumprindo-se os dias de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; e de repente, veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem. (Atos 2:1-4) (BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, CPAD, 1995: 1630).

Como afirma Quadros, a experiência é interpretada e legitimada por “autoridades”, entre elas os textos bíblicos. Assim, tem-se na narrativa bíblica acima o principal sustentáculo teológico para a experiência da glossolalia, o falar em línguas, característica principal do pentecostalismo. Para o pentecostalismo moderno, tal experiência não foi uma graça de Deus apenas para os primeiros cristãos, mas está disponível para os hodiernos mediante o exercício da fé e por meio da busca no ato da oração. Corten (1996), define assim o batismo com o Espírito Santo:

[...] o batismo dos pentecostais não é um batismo sacramental, é um batismo emocional. O batismo no Espírito Santo é um sentimento intenso – místico – do contato com Deus. Esse sentimento manifesta-se no “falar em línguas” do qual a igreja é testemunha. [...] (CORTEN, 1996:44)

Corten, citando Brandt-Bessire (1986), define falar em línguas como um fenômeno, um dom de Deus, uma linguagem do Espírito Santo na comunicação entre o crente e Deus e especifica-o da seguinte forma:

[...] o “falar em línguas” é uma prece que não obedece a nenhum tipo preestabelecido de prece: nem formular pedidos (em voz alta ou em seu foro íntimo), nem recitar fórmulas prontas ou inspirar-se nelas na improvisação de salmos, nem adorar – quer dizer, rezar sem a utilização (mesmo mental) de linguagem. [...]. A impressão geral é de sons incompreensíveis ainda que se detecte fragmentos de palavras e características da linguagem como a repetição e a aliteração. [...] (CORTEN, 1996:56).

Para o ouvinte, são apenas sons ininteligíveis, mas para o indivíduo na vivência da experiência da glossolalia é a mais pura e inexpressível forma de comunicação com Deus.

Participava das reuniões de orações no Colégio Bíblico Betel, um garçom negro descendente de escravo William Joseph Seymour (1870-1922), que aprendeu e a ler e

escrever sozinho e frequentava o colégio aprendendo os ensinamentos de Charles Fox Pahram (1873-1929) sobre o “batismo com o Espírito Santo” e sobre a glossolalia como sua evidência inicial. Contudo, sendo Pahram branco e Seymour negro e descendente de escravos, as questões racistas que imperavam nos Estados Unidos nesse contexto foram determinantes para que Pahram não mais permitisse que Seymour frequentasse oficialmente suas aulas, permitindo-lhe apenas ouvi-las do lado de fora, estando a porta entreaberta.

Nesse período, Seymour foi convidado para pregar em uma igreja negra “*holiness*”, em Los Angeles, onde ensinou que o batismo do Espírito Santo é uma terceira benção além da justificação e da santificação⁷, baseado no texto bíblico do livro de Atos dos Apóstolos, capítulo 2. Sua pregação escandalizou o público presente e Seymour foi expulso pela dirigente da igreja, a então evangelista Nelly Terry. No entanto, convicto de seus ensinamentos, começou a promover reuniões em casas da cidade e posteriormente alugou um prédio onde antes funcionava um armazém de cereais, onde ensinava a contemporaneidade do batismo com o Espírito Santo. Sua pregação atraía muitas pessoas e seu público era majoritariamente composto de negros e mulheres, fato que é marcante nos primórdios do pentecostalismo moderno.

Numa dessas reuniões, no dia 06 de abril de 1906, algumas pessoas falaram em línguas. O fato que ficou conhecido como o “Avivamento da Rua Azusa”, sendo este fato considerado formalmente como o início do movimento pentecostal do século XX.

O movimento foi duramente criticado naquele momento, tanto pela mídia secular quanto por teólogos cristãos por considerarem o comportamento escandaloso e pouco ortodoxo dos fieis batizados, especialmente para a época. Sobre a questão, Armstrong (2001), diz que os pentecostais se diferenciavam dos fundamentalistas por demonstrarem pouco interesse pelos dogmas e pela racionalização da fé, primando apenas pelo êxtase, pelo transe, visões e compaixão. Nesse sentido, o pentecostalismo apresentava-se como uma rebelião contra o culto a razão, característica da sociedade ocidental nesse período. A autora ainda analisa o movimento pentecostal como uma forma peculiar de viver a religião num contexto de racionalização e até de abolição da religião em face do grande desenvolvimento do pensamento cientificista, fazendo isso como uma forma de reação à modernidade.

⁷ Corten (1996:51) explica assim os dois termos: “Justificação – da fé na salvação, isto é, da convicção de ter-se remido assim como do sentimento de arrependimento, o que produz à conversão. Santificação, que é o processo de salvação e a manifestação do Espírito Santo”.

Mesmo com todo o trabalho predecessor de Charles Fox Pahrman, o evento na Rua Azusa em Los Angeles foi o primeiro avivamento pentecostal a receber atenção significativa e a dar visibilidade ao movimento. Esse avivamento inspirou o surgimento de vários outros grupos pentecostais e atraiu visitantes internacionais e missionários pentecostais que acabariam levando os ensinamentos ali aprendidos para outras nações. Nesse sentido, o trabalho de missionários americanos em contato com tais acontecimentos nos Estados Unidos e também muitos imigrantes em contato com seus países de origem e com compatriotas emigrados serão fatores fundamentais para essa expansão do pentecostalismo nesse contexto. Com poucas exceções, quase todas as denominações pentecostais clássicas existentes hoje no mundo têm raízes históricas no avivamento da Rua Azusa. Ainda que recebendo críticas, o avivamento partindo da Rua Azusa disseminou o pentecostalismo de forma tal que é considerado pelos historiadores como principal catalisador para a propagação do pentecostalismo no século XX.

Uma característica fundamental e central do movimento pentecostal nesse período é o adventismo (a expectativa da volta iminente de Jesus Cristo), constituindo a glossolalia mais uma confirmação da iminência do fim apocalíptico descrito na Bíblia. Segundo Freston (1993), a glossolalia em si não era a novidade do pentecostalismo, mas sim a elaboração doutrinária que lhe dava uma centralidade teológica e litúrgica. Para justificar tal ideia, interpretavam o texto bíblico do livro de Joel 2:28-29, citado pelo apóstolo Pedro em seu discurso no Dia de Pentecoste, falando sobre a promessa do “derramar do Espírito Santo sobre toda a carne” nos últimos dias.

[...] E há de ser que, depois derramarei o meu espírito sobre toda a carne, vossos filhos e vossas filhas profetizaram, os vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões. E também sobre os servos e sobre as servas naqueles dias derramarei o meu Espírito. [...] (BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, CPAD, 1995: 1290).

Desde o princípio do movimento, os pentecostais foram incentivados por seu entendimento de que todo o povo de Deus poderia ser “cheio do Espírito”, receber dons e profetizar nos últimos dias antes da segunda vinda de Cristo. Quando a experiência de falar em línguas espalhou-se, a partir do avivamento na Rua Azusa, um sentido de urgência tomou conta, quando eles começaram a olhar para a volta de Jesus Cristo.

Mariano (1999) caracteriza o pentecostalismo deste período de gênese do seguinte modo:

“[...] O pentecostalismo, herdeiro e descendente do metodismo wesleyano e do movimento *holiness*, distingue-se do protestantismo, *grosso modo*, por pregar,

baseado em Atos 2, a contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, dos quais sobressaem os dons de línguas (glossolalia), cura e discernimento de espíritos. [...] acreditam que Deus, por intermédio do Espírito Santo e em nome de Cristo, continua a agir hoje da mesma forma que no cristianismo primitivo, curando enfermos, expulsando demônios, distribuindo bênçãos e dons espirituais, realizando milagres, dialogando com seus servos, concedendo infinitas amostras concretas de Seu supremo poder e inigualável bondade.” (MARIANO, 1999: 10).

Assim acreditavam os pioneiros do movimento pentecostal moderno e também os pentecostais atuais, que o “poder de Deus”, dado aos fieis para realizarem milagres, curar doenças e ter domínio sobre as forças malignas, não ficou restrito à Igreja primitiva, mas está à disposição da Igreja na atualidade.

Havia nesse momento uma preocupação mais em divulgar a nova doutrina do “arrebatamento”⁸, que tinha no batismo com o Espírito Santo seu principal sinal, e não a construção de novos templos e uma institucionalização do movimento. Segundo as teorias teológicas que sustentam a contemporaneidade do batismo no Espírito Santo, todas essas características apontadas por Mariano são sinais do advento de Cristo, o qual seria precedido de um grande avivamento promovido pelo “derramar” do Espírito Santo sobre os fieis e pelos sinais realizados por estes sob o poder de Jesus Cristo na cura de enfermidades e expulsão de demônios. Com o passar do tempo, a questão do advento passou a ser interpretado de outra maneira e a glossolalia assumiu a centralidade na teologia e litúrgica pentecostal.

Caracterizando ainda o pentecostalismo, Corten (1996), apoiado por Fernandes (1994), afirma que este tem como principal foco a “moral da salvação” sendo a “louvação” seu fator primordial que, juntamente ao “falar em línguas”, dão a característica essencial da prática protestante pentecostal.

2.3 – O Pentecostalismo no Brasil

O pentecostalismo constitui um fenômeno de amplitude mundial, um autêntico processo de globalização ou transnacionalização dessa forma de protestantismo⁹. Em nenhum continente seu crescimento foi mais extraordinário que na América. O Brasil se destaca nesse contexto como o maior país protestante da América Latina e o seguimento pentecostal como uma grande parcela, se não a maior, nessa contagem.

⁸ O conceito do arrebatamento surgiu da interpretação escatológica cristã de vários livros da Bíblia, principalmente os Evangelhos, Apocalipse e outros textos como a Primeira Epístola aos Tessalonicenses 4, 13-17, I Coríntios 15, 51-52 e Mateus 24, 40-41, para referir ao momento que Jesus levaria para o céu os salvos e deixaria na Terra os demais que não o aceitaram como salvador.

⁹ Fundamentado nos autores abordados nessa pesquisa, acreditamos ser o pentecostalismo um movimento dentro do protestantismo e não separado dele.

São muitos os estudos que procuram traçar um histórico do pentecostalismo brasileiro. Freston (1993), foi o primeiro a dividir o movimento pentecostal em ondas a partir de um corte histórico-institucional e da análise da dinâmica interna do pentecostalismo no país, ficando assim sua divisão:

“O pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de *três ondas* de implantação de igrejas. A primeira onda é a década de 1910, com a chegada quase simultânea da Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911) (...) A segunda onda pentecostal é a dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil Para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). O contexto dessa pulverização é *Paulista*. A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Suas principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Internacional da Garça de Deus (1980) (...) O contexto é fundamentalmente *Carioca*.” (FRESTON, 1993: 70-71).

Corten (1996), utiliza a mesma periodização de Freston. Rolim (1995) também propõe uma periodização tríplice: *implantação* (1910-1935); *início da expansão, segmentação e primeiros passos na política* (1935-64); e *enclausuramento na esfera sacral e, depois, emergência de variadas práticas sociais* (1964 – hoje). Segundo Freston, esses critérios utilizados por Rolim são muito parecidos com a periodização clássica da história nacional e não nos ajudam entender as igrejas como instituições.

Já Hortal (1994), adota o termo “*geração*” em vez de ondas, mas faz uma classificação semelhante a de Freston, quando nomeia a primeira geração de “*histórica*” abrangendo a Congregação Cristã e Assembleia de Deus; a segunda geração de “*movimento de cura divina*” que começa nos anos 50 e abriga as igrejas Evangelho Quadrangular, Brasil Para Cristo e Deus é Amor; e a terceira geração que classifica de “*pentecostalismo autônomo*” tendo como suas representantes a Nova Vida e Universal do Reino de Deus.

Mariano (1999), propõe ordenar o campo pentecostal também a partir da análise de sua dinâmica histórico-institucional, considerando as mudanças ocorridas na mensagem religiosas – atreladas à apropriação das teologias importadas e no seu modo de inserção na sociedade. Nesse sentido, ele classifica o pentecostalismo no Brasil em três vertentes: *pentecostalismo clássico, deuteropentecostalismo e neopentecostalismo*. O período clássico, que vai de 1910 a 1950, é caracterizado pelo estabelecimento da Congregação Cristã no Brasil (São Paulo, 1910) e da Assembleia de Deus (Belém-PA, 1911) até sua difusão para todo o território nacional. O *deuteropentecostalismo* marca o período entre as décadas de 1950 e 1970 com o surgimento de igrejas que se distinguia das do período clássico devido às inovações evangelísticas como o uso de mídias e locais públicos para reuniões evangelísticas

em massa. E o *neopentecostalismo*, que começa na segunda metade dos anos 1970, cresce e se fortalece nas décadas de 1980 e 1990, com a Universal do Reino de Deus, Internacional da Graças, Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, Renascer em Cristo entre outras.

Segundo Mendonça e Velasques Filho (1990), o desenvolvimento do pentecostalismo aqui no Brasil, desde sua origem na década de 1910 até 1950 foi discreto e seu florescimento se deu só a partir de 1970.

É interessante observarmos que embora as nomenclaturas dos períodos diferem umas das outras, quase todas têm praticamente a mesma divisão cronológica. Expostos assim alguns dos principais autores que tratam da periodização do pentecostalismo brasileiro, nos deteremos no primeiro período do movimento pentecostal no Brasil onde está inserido nosso objeto de estudo, a Assembleia de Deus.

2.4 – A Assembleia de Deus: seu processo histórico no Brasil

A Assembleia de Deus é a segunda denominação pentecostal que surge no Brasil e a partir dos anos de 1940 se tornou a mais importante igreja pentecostal do Brasil e provavelmente do mundo devido aos expressivos números de fies – milhões – em países como Estados Unidos, México e Argentina, como afirma Corten (1996).

O movimento pentecostal que deu origem à Igreja Assembleia de Deus tem suas raízes diretamente no avivamento da Rua Azuza. As pregações de W. J. Seymour, mesmo atraindo um público de maioria negra e de mulheres, também atraíram brancos, que a princípio não tinham restrições em receber ministrações das lideranças negras do movimento, contudo, o mesmo processo que fez com que seu maior representante fosse excluído das aulas no Colégio Bethel – a questão racial – fez com que dentro de uma década houvesse uma separação dentro do movimento. Os pastores brancos ordenados na Igreja fundada por Seymour, a “Igreja de Deus em Cristo” saíram para fundar a Assembleia de Deus em 1914, “uma igreja majoritariamente branca”.

A Assembleia de Deus surgiu nos Estados Unidos então a partir da dissidência branca do movimento pentecostal, tendo como principal característica uma forte oposição à modernidade e às críticas à Bíblia. Sua gênese no Brasil é datada do ano de 1911, a partir de uma experiência pentecostal de dois operários suecos imigrantes em Chicago, Estados Unidos, os missionários suecos Daniel Högberg (1884-1963) e Gunnar Adolf Vingren (1879-1933). Gunnar Vingren era filho de jardineiro, membro da igreja batista e estudou no seminário batista sueco em Chicago. Tornou-se pastor batista e após conhecer a mensagem

pentecostal, aderiu ao movimento levando o pentecostalismo à igreja que pastoreava. Já Daniel Berg, filho de um líder batista, se tornou pentecostal em uma viagem à Suécia, em 1908, influenciado por Lewi Pethrus, um amigo de infância que se tornaria líder do movimento pentecostal na Suécia e que daria sustentação ao trabalho que seria fundado por Berg e Vigren no Brasil poucos anos mais tarde.

Segundo Freston (1993), Chicago foi a cidade em que o pentecostalismo mais cresceu nos primeiros anos. Era a segunda cidade mais importante dos Estados Unidos nesse período, onde a maioria da população era composta por imigrantes e seus descendentes e apresentava graves condições de exploração industrial. Nesse contexto, eram inúmeras as missões pentecostais, entre elas as suecas, afirma Anderson (1979).

Daniel Berg e Gunnar Vingren se conheceram nos Estados Unidos e se uniram pelo ideal missionário pentecostal. De acordo com os relatos, certo dia oravam em companhia de um “profeta pentecostal”, quando receberam a orientação, por meio de uma profecia, para irem “evangelizar e testificar de Jesus” em um lugar chamado Pará. Depois de descobrirem onde ficava tal localidade, pesquisando em atlas na biblioteca pública, vieram proclamar a doutrina pentecostal no Brasil. Chegaram no dia 19 de novembro de 1910.

Freston (1994) analisa que a escolha do estado do Pará para iniciarem os trabalhos que daria origem à Assembleia de Deus não foi uma escolha racional, contudo, acabou tendo uma racionalidade maior, pois, a partir dali o movimento pentecostal se expandiu por todo o país, o que talvez não ocorresse se tivessem começado nos estados do Rio de Janeiro ou de São Paulo. Freston ainda ressalta um contexto para a profecia que foi propícia para esse início dos trabalhos no Pará. Vieram para o Brasil sem sustento garantido e sem apoio denominacional, mas ao chegarem ao Brasil, Daniel Berg e Gunnar Vingren foram acolhidos pela Igreja Batista em Belém, cujo pastor era Erick Nilsson, um sueco emigrado para os Estados Unidos e que desde 1897 implantava igrejas na região da Amazônia. Os missionários se sustentavam com a ajuda financeira de amigos do exterior, com a venda de bíblias e também com o trabalho de Berg, especialista em fundição de aço.

Congregaram com o pastor Nilsson durante sete meses até ocorrer o cisma devido à mensagem pentecostal pregada por Berg e Vigren, que ia contra a doutrina teológica da Igreja Batista. O pastor entendia que o “batismo com o Espírito Santo” foi uma realidade na igreja primitiva fundada pelos apóstolos, mas não para a Igreja da atualidade (aquele momento). Não obtendo sucesso no convencimento do pastor Nilsson e insistindo em sua mensagem pentecostal, foram expulsos da comunidade batista. Com a propagação da “experiência do falar em línguas”, formaram então uma nova igreja, a “Missão de Fé Apostólica” (nome de

um dos primeiros grupos pentecostais nos Estados Unidos, fundado por W. J. Seymour) tendo como seus primeiros adeptos os membros excluídos da Igreja Batista, por aceitarem a mensagem pentecostal. Em 1916 mudaram o nome para “A Fé Apostólica Restaurada”. Apenas 11 de janeiro de 1918 a igreja foi registrada oficialmente como “Assembleia de Deus”, como afirma Vingren (1982).

Os primeiros anos da Missão de Fé Apostólica e depois da Igreja Assembleia de Deus foram extremamente marcados pela presença e influência dos missionários suecos. A partir de 1914, muitos outros vieram para ajudar Berg e Vingren, assim os vínculos da igreja eram principalmente com a Suécia e secundariamente com a colônia sueca nos Estados Unidos.

Para compreender melhor as características doutrinárias e principalmente os costumes da Igreja Assembleia de Deus, é necessário entender que ela tem um *ethos*¹⁰ sueco-nordestino. Sem entender as marcas dessa trajetória, não se entende a Assembleia de Deus.

Contextualizando a Suécia no período de surgimento e expansão do pentecostalismo moderno, Freston (1994), descreve um país estagnado, forçado a “exportar” grande parte de sua população, principalmente para os Estados Unidos, entre 1870 e 1920. A religião predominante era a de uma Igreja estatal luterana com altíssimo índice de adesão formal e cumprimento dos ritos de passagem, com baixíssimos índices de práticas. Embora houvesse uma relativa liberdade religiosa, as dissidências protestantes eram reprimidas e marginalizadas, levando muitos desses a migrarem e foi justamente entre esses grupos emigrados que o pentecostalismo se firmou. Os missionários suecos que fundaram e tanto influenciaram a Assembleia de Deus em seus primeiros quarenta anos vieram de um país religioso, social e culturalmente homogêneo, no qual eram marginalizados por um clero luterano, assim desprezavam a igreja estatal, com seu alto *status* social e político e seu clero culto e teologicamente liberal, pois a religião se mantinha apenas como sentimento cultural. Para visualizar melhor esse cenário, observemos o que diz Freston (1994) sobre esses missionários:

[...] eram portadores de uma religião leiga e contracultural, resistentes à erudição teológica e modesta nas aspirações sociais. Acostumados com a marginalização, não possuíam preocupação com a ascensão social [...] reagem com uma religiosidade fervorosa e um tanto anti-intelectual, pois não tinham possibilidades de se defender com as mesmas armas do centro. [...] em vez da ousadia de conquistadores, tinham

¹⁰ Termo utilizado pela Sociologia para referir a uma espécie de síntese dos costumes de um povo. A expressão indica, de maneira geral, os traços característicos de um grupo, do ponto de vista social e cultural, que o diferencia de outros. Seria assim, um valor de identidade social.

uma postura de sofrimento, martírio e marginalização cultural. (FRESTON, 1994:78).

A origem da Assembleia de Deus é caracterizada, nesse sentido, como resultado do esforço missionário de um pequeno grupo de marginalizados imigrantes de um país ainda relativamente pobre. Esse aspecto nortista/nordestino contribuiu para sedimentar características que subsistem até hoje. Entender esses aspectos do contexto dos pioneiros suecos da Assembleia de Deus, que estão relacionados às experiências de marginalização cultural e seu desenvolvimento em uma sociedade patriarcal pré-industrial nortista/nordestina dos anos 1930 a 1960 é de fundamental importância para a compreensão das características institucionais que ela vai desenvolver ao longo de sua história.

A expansão inicial da Assembleia de Deus nos primeiros anos limitou-se praticamente ao norte e ao nordeste do país e depois se espalhou para outros estados, principalmente por meio da ação evangelizadora de leigos na maioria pessoas simples, mais que a ação planejada de líderes. Percebemos nesse aspecto uma influência do metodismo wesleyano. John Wesley, considerado fundador do metodismo, foi um grande pregador itinerante e encorajava os leigos à pregação.

Um fato muito importante do pentecostalismo no Brasil é sua aceitação e expansão nas camadas mais pobres da sociedade. Freston, ao abordar a origem de seus precursores, leva-nos a um entendimento de identificação dos missionários com as camadas marginalizadas, devido às suas experiências em seu país de origem, mas não afirma uma relação condicional entre camadas pobres e expansão pentecostal no Brasil. Autores como Mariano (1999) e Rolim (1995) também procuram evitar tal afirmação de que a expansão do pentecostalismo se deve a sua grande aceitação por parte da camada mais pobres. Contudo, partindo dos estudos desses autores e de outros como Novaes (1985), é inegável que no início do pentecostalismo, principalmente da Assembleia de Deus, e por muitos anos, a mensagem pentecostal atraía mais essas pessoas. Mariano (1999), fazendo uma análise sociológica procurando entender essa questão nos diz:

Com o propósito de superar precárias condições de existência, organizar a vida, encontrar sentido, alento e esperança diante de situação tão desesperadora, os estratos mais pobres, mais sofridos, mais escuros e menos escolarizados da população, isto é, os mais marginalizados – distantes do catolicismo oficial, alheios a sindicatos, desconfiados de partidos e abandonados à própria sorte pelos poderes públicos –, tem optado voluntária e preferencialmente pelas igrejas pentecostais. Nelas encontram receptividade, apoio terapêutico-espiritual e, em alguns casos, solidariedade material. (MARIANO, 1999:12).

Nesse sentido, Corten (1996), afirma que o pentecostalismo por meio do encontro místico com Deus, dá aos pobres um grande movimento de júbilo, de entusiasmo, de alegria divina. Por muito tempo esse vai ser o público que comporá a membresia da igreja, o que de certa forma corroborou para o surgimento de preconceitos e estigmatização da igreja como uma igreja de pobres, de “povinho” os quais eram ironicamente chamados de “crentes” ou “pentecostes”.

Os anos 1930 marcaram a autonomia da igreja em relação à Missão Sueca e a transferência de sede da denominação de Belém para a cidade do Rio de Janeiro. Nesse momento, sua expansão geográfica estava basicamente completa e a nacionalização da obra é acompanhada pela mudança para a capital federal – Rio de Janeiro, afirma Freston (1993). Em 15 de setembro de 1930, na cidade de Natal – RN, foi realizada uma conferência onde ficou definido que, a partir do dia 01 de julho de 1931, o comando dos trabalhos seria passado oficialmente para as mãos dos brasileiros. Nesse contexto, eram muitas as divergências entre as lideranças sueca e brasileira. Entre elas, os líderes brasileiros acusavam os suecos de pretenderem organizar uma igreja de constituição eclesiástica a nível nacional. Lewis Pethrus, pastor da Igreja Filadélfia de Estocolmo, que veio a convite de Gunnar Vingren, defendeu seus compatriotas de tais acusações e ainda se colocou favorável à independência das igrejas locais da Missão Sueca. Firmava sua opinião na experiência do movimento pentecostal sueco em oposição a uma igreja estatal e centralizadora que fez com que muitos líderes e grupos migrassem para outros países, inclusive os Estados Unidos, de onde vieram seus fundadores. Nessa ocasião, foram entregues ao comando dos líderes brasileiros os cento e setenta trabalhos da Assembleia de Deus, estabelecidos nos estados Amazonas, Pará, Maranhão, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, contudo, os suecos ainda influenciaram fortemente os trabalhos da Assembleia de Deus até os anos 1950, conforme relata Vingren (1982). Três dias após essa conferência, Daniel Berg, juntamente com sua família retorna com o Pethrus à Suécia, mas ainda visitou o Brasil várias vezes antes de seu falecimento em 1963. Gunnar Vingren permaneceu no Rio de Janeiro de 1923 a 1932. Estando muito doente, retornou à Suécia onde morreu em 1933.

Nesse período, os trabalhos começaram a ser estrategicamente implantados no sul do país. A nacionalização da obra é acompanhada pela mudança para a capital federal, Rio de Janeiro, e ocorreu quando a igreja era ainda muito nortista/nordestina, que contribui para sedimentar suas características que subsistem até hoje, afirma Freston (1993), que analisa ainda que a mentalidade da Assembleia de Deus carrega as marcas dessa dupla origem: sueca

de marginalização cultural e da sociedade patriarcal e pré-industrial do Norte/Nordeste dos anos de 1930 a 1960.

Os anos Trinta também marcam o início das preocupações com as questões doutrinárias. Nesse contexto, destaca a liderança do pastor Erik Gustaf Samuel Nyström. Missionário sueco enviado ao Brasil pela Igreja Filadélfia em Estocolmo, chegou em 1916 (foi o quarto missionário sueco em terras brasileiras). Em 1924, assumiu a direção da igreja em Belém do Pará, quando o missionário Gunnar Vingren foi para o Rio de Janeiro. Em 1932, assume a direção da Igreja no Rio de Janeiro quando Vingren volta para Suécia.

O pastor Samuel Nyström foi o responsável pelo direcionamento doutrinário, pela formação teológica e pela caracterização da Assembleia de Deus no Brasil. Centralizou o poder e expandiu o credo ao comandar, a partir de 1930, as convenções¹¹ nacionais. Foi o líder que esteve mais vezes na liderança das Assembleias de Deus no Brasil, exercendo por nove gestões esse cargo.

2.5 – O Surgimento do Ministério de Madureira

O “Ministério de Madureira” é uma das muitas divisões das Assembleias de Deus, que possui vários ministérios. Este cisma pode ser considerada como a mais significativa por ter tornado tal ministério o segundo maior representante das Assembleias de Deus no Brasil. É comum ouvir seus membros se identificarem como pertencentes à “Madureira” ou “Missão” se distinguindo entre os dois maiores ministérios – o que surgiu da missão sueca e o que nasceu no bairro de Madureira na cidade do Rio de Janeiro.

A origem do Ministério de Madureira está no estabelecimento das Assembleias de Deus na capital do país, na época a cidade do Rio de Janeiro, com o trabalho de Paulo Leivas Macalão (1903-1982), a partir da década de 1920. Nascido em Santana do Livramento-RS, Macalão migrou ainda criança para o Rio de Janeiro com sua família. Seu pai era militar e sua mãe de família culta, portanto, fazia parte de uma classe social diferente dos demais líderes fundadores da Assembleia de Deus.

Seu pai queria que seguisse a carreira militar, mas, aos vinte anos de idade, ele se converteu ao pentecostalismo e mudou de propósito. Segundo os relatos, o primeiro contato que ele teve com a mensagem pentecostal se deu ao caminhar pela Rua São Luiz Gonzaga, em

¹¹ As Convenções Gerais são definidas como “o supremo concílio das Assembleias de Deus”. Nelas, as decisões são tomadas pelos líderes e os fiéis não tinham poder de decisão. (CPAD, 2004).

São Cristóvão, cidade de Rio de Janeiro, lendo um folheto bíblico que grudou em sua perna levado pelo vento e se converteu formalmente ao entrar em contato com alguns assembleianos migrados do nordeste. Ao ficar sabendo do movimento pentecostal que estava ocorrendo no norte do país com os trabalhos dos missionários suecos, Paulo Leivas Macalão escreveu então para Gunnar Vingren, pedindo-lhe que enviasse à cidade do Rio de Janeiro representante desse movimento pentecostal, denominado Assembleia de Deus. No ano seguinte, Gunnar Vingren transferiu-se com sua família para o Rio de Janeiro, estabelecendo no bairro de São Cristóvão a Assembleia de Deus, tendo sempre como colaborador o jovem Paulo Leivas Macalão.

Em 1926 Macalão iniciou seus trabalhos na cidade do Rio de Janeiro e em 1929 fundou uma igreja no bairro de Madureira, inicialmente ligada à matriz do bairro de São Cristóvão. No ano de 1930, foi consagrado¹² a pastor por Gunnar Vingren e Lewi Petrus. Desde o início de seus trabalhos, Macalão agiu sempre de forma autônoma das orientações dos missionários suecos. Gunnar Vingren sempre o definiu como “independente” por batizar novos membros sem comunicar-lhe. Freston (1993), analisa tal atitude da seguinte forma:

Com um estilo destemido e um rigorismo militar, entrou em choque com os missionários, mas compreendeu as possibilidades do momento. Convertera-se sem a ajuda dos suecos, e sua classe e formação social não o fazia dispostos a aceitar as peças desses homens que, embora estrangeiros, eram socialmente inferiores. (FRESTON, 1993: 74).

Paulo Leivas Macalão dirigia com mão firme (e como presidente vitalício) os trabalhos.

[...] gaúcho numa igreja de nortistas e nordestinos. Era filho de general numa igreja de pobres. Mas longe de levar a AD a subir de nível social, ele tornou-se o líder dos mais miseráveis. [...] um homem de origem militar, feito líder religioso de massas urbanas. (FRESTON, 1993: 74).

Em, 1941 oficializou a autonomia da igreja que fundara adquirindo personalidade jurídica (CPAD, 2004: 224-225). Dessa forma, partindo do Bairro de Madureira, Paulo Macalão iniciou a evangelização e estabeleceu vários trabalhos de forma independente em municípios do Estado do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, e, principalmente, no estado de Goiás, que ainda não conhecia a obra pentecostal de onde veio o missionário que a trouxe para a fronteira de Goiás e Mato Grosso.

¹² Termo utilizado para o ato de credenciar alguém à função de pastor na comunidade. O momento é solene e realizado por pastores líderes.

Objetivando manter a unidade das várias igrejas por ele implantadas e espalhadas em todo território nacional, Paulo Macalão funda em 1958 a CONAMAD¹³ (Convenção Nacional dos Ministros Evangélicos da Assembleia de Deus em Madureira), organizando convenções regionais nos diversos estados e regiões do país onde havia estabelecidos trabalhos ligados ao de Madureira.

É importante entender que desde o início dos trabalhos o Ministério de Madureira, mesmo tendo sua convenção nacional de igrejas filiadas, era filiado à Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil – CGADB. Contudo, à medida que os anos se passavam, os pastores ligados a esse ministério, sob a presidência de Macalão, se distanciavam das normas administrativas da CGADB. Assim, em 1989 a CGADB reuniu-se em uma assembleia geral extraordinária em Salvador-BA, onde os pastores de Madureira foram suspensos até que aceitassem e cumprissem as decisões aprovadas pela Convenção. Entre elas a proibição dos ministérios filiados a CGADB possuírem entidade de abrangência nacional. Por já terem estabelecidos vários trabalhos independentes e com abrangência em várias regiões do país, os pastores de Madureira não concordaram com tais exigências e com isso foram excluídos da CGADB pela Diretoria. Desta forma, a CONAMAD tornou-se completamente independente da CGADB.

A separação administrativa acrescentou ao Ministério de Madureira um novo ímpeto de expansão e crescimento e ratificou um cisma que havia ocorrido já no início dos trabalhos em Madureira, realizados de forma autônoma por Paulo Leivas Macalão. Com a morte de Macalão em 1982, assumiu seu lugar, o então pastor e hoje bispo Manoel Ferreira que também exerce de forma incisiva sua liderança vitalícia sobre a Igreja até os dias atuais.

2.6 – De Samambaia ao Araguaia: a Assembleia de Deus chega em Goiás

O movimento pentecostal chegou ao estado de Goiás aproximadamente no ano de 1928, com o trabalho da missionária norte-americana Matilde Paulsen que também tem suas

¹³ A CONAMAD (Convenção Nacional dos Ministros Evangélicos da Assembleia de Deus em Madureira) foi fundada em 1958 pelo pastor Paulo Leivas Macalão e outros pastores, registrada em 23 de junho de 1983, com Jurisdição em todo o território Nacional, como órgão máximo hierárquico, deliberativo, legislativo, gerenciador e articulador da unidade e integração das Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus – Ministério de Madureira, que segundo seus dispositivos legais age em suas funções, suprimindo carências, identificando necessidades, com competência para ordenação, indicação, designação, nomeação e posse de pastores presidentes para as Igrejas filiadas.

raízes no trabalho do Ministério Madureira. Portanto, a Igreja que se estabeleceu em Goiás e que deu origem ao trabalho implantado no Vale do Araguaia é pertencente ao Ministério criado por Macalão. No início da década de 1930, Goiás começa a receber inúmeros migrantes e trabalhadores da construção civil para trabalharem na construção da capital, Goiânia. Dentre esses trabalhadores, estava Antônio Moreira, um pedreiro carioca que pertencia à Assembleia de Deus em Madureira no Rio de Janeiro. Imbuído do fervor pentecostal que era comum nos fieis assembleianos nesse contexto, Antônio Moreira que já era diácono¹⁴, logo solicitou permissão de seus superiores para realizar cultos a noite no canteiro de obras, tendo como público seus colegas de trabalho.

Tais reuniões atraíam cada dia um grande número de trabalhadores, que interessados na mensagem pentecostal iam se convertendo, sendo batizados com o Espírito Santo e batizados nas águas do córrego botafogo, crescendo assim o movimento pentecostal nascente em Goiás. Ao ser informado do surgimento de um núcleo pentecostal assembleiano em Goiás, originado por meio da ação missionária e evangelizadora do diácono Antônio Moreira, o pastor Paulo Leivas Macalão autorizou Antônio Moreira a estabelecer, a partir dessa comunidade de novos convertidos, a igreja Assembleia de Deus em Goiás, na sua capital.

Percebemos mais uma vez a “ação evangelizadora de leigos” na maioria pessoas simples, como o pedreiro e diácono Antônio Moreira, “mais que a ação planejada de líderes” na expansão tanto do movimento pentecostal quanto da igreja Assembleia de Deus, como afirmou Freston (1993). Essa ação é uma característica wesleyana que incentivava cada membro ser um pregador do evangelho, fazendo com que dessa forma os trabalhos crescessem rapidamente.

Nesse contexto, Antônio Moreira conheceu a missionária Matilde Paulsen e juntos trabalharam para estabelecer o movimento pentecostal em Goiânia, como também em todo o estado de Goiás. Logo, o trabalho da Assembleia de Deus transpôs os limites dos canteiros de obras, chegando aos bairros e ajuntamentos que estavam surgindo por conta da construção da nova capital. Não demorou e começou-se a espalhar pelas cidades e lugarejos de todo o estado pela ação evangelizadora de leigos que entraram em contato com a mensagem pentecostal na capital ou vindo de outros lugares com o mesmo sentimento evangelístico.

Da capital Goiânia, o trabalho da Assembleia de Deus, chegou a Anápolis na década de 40, e em 1943 à Fazenda Samambaia, localizada no Município de Aurilândia-GO. Interessa-nos, em particular, este trabalho iniciado na Fazenda Samambaia, considerado um

¹⁴ O diaconato faz parte da estrutura eclesiástica da Assembleia de Deus, sendo o primeiro cargo de uma hierarquia que termina com a chegada ao pastorado. Assim temos: diácono, presbítero, evangelista e pastor.

dos locais históricos e de grande importância para a expansão do movimento pentecostal e da Assembleia de Deus no Estado de Goiás, por ser ele a gênese dos trabalhos iniciados em Aragarças e, posteriormente, no estado de Mato Grosso.

O personagem principal desse movimento pentecostal iniciado na Fazenda Samambaia foi o jovem Divino Gonçalves dos Santos, que no ano de 1943 foi designado pelo pastor Manoel Sousa para acompanhar o pastor Abrão Gonçalves de Melo até a referida localidade. Segundo os relatos, o pastor Abrão Gonçalves, teve um sonho com um “bando de pombos” que desciam sobre a Fazenda Samambaia. É comum dentre as experiências pentecostais esse tipo de experiência que julgam como um “revelar de uma vontade divina”, assim como os primeiros missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren tiveram ao orarem em companhia de um profeta pentecostal e receberam um direcionamento divino para vir anunciar a mensagem pentecostal no Brasil, estado do Pará. Como cita Freston (1993), quando analisa que por mais que essa escolha não foi uma escolha racional, contudo acabou tendo uma racionalidade maior, pois a partir dali o movimento pentecostal se expandiu por todo o país, o que talvez não ocorresse se tivessem começado nos estados do Rio de Janeiro ou de São Paulo, percebemos um processo semelhante no direcionamento para o início dos trabalhos na Fazenda Samambaia, pois, a partir dessa “visão” e da escolha de tal localidade para iniciarem um trabalho pentecostal-assembleiano, os trabalhos da Assembleia de Deus chegaram a muitas outras localidades fora do circuito Goiânia-Anápolis, onde iniciou seus trabalhos oficialmente.

Na Fazenda Samambaia, o jovem pregador Divino Gonçalves dos Santos, anunciava de forma eloquente a nova mensagem pentecostal tendo como tema central a salvação em Jesus Cristo, a cura das enfermidades pelo poder de Deus, o batismo com o Espírito Santo e o adventismo de Cristo. Os primeiros a aceitarem a mensagem pentecostal foram os membros de uma congregação da Igreja Presbiteriana do Brasil que ali havia, os quais foram batizados nas águas do Córrego Samambaia e receberam também o batismo com o Espírito Santo. Na Fazenda Samambaia, foi aberta uma congregação que, em pouco tempo, contava com centenas de fieis, sendo um local que marcou a história das Assembleias de Deus no Estado de Goiás.

A partir dali, o movimento pentecostal assembleiano foi se expandindo por diversas localidades do estado de Goiás, como a região de São Luis de Montes Belos, Iporá (base dos trabalhos iniciados em Aragarças), chegando até às margens dos rios Araguaia e Garças, nas cidades Aragarças, Baliza e nas demais cidades ribeirinhas, atravessando os rios em direção

ao estado de Mato Grosso, chegando à Barra do Garças e dali para todo o estado. (assunto que trataremos no terceiro capítulo).

2.7 – Organização eclesiástica e administrativa e características e fundamentais da Assembleia de Deus

De uma forma geral, as Assembleias de Deus seguem um padrão de organização eclesiástica e administrativa, contudo, pela diversidade de ministérios, há algumas variações do modelo estabelecido pela missão sueca. Desse modo, é importante observarmos a estrutura organizacional do Ministério de Madureira, que é o foco de nosso estudo.

As Assembleias de Deus pertencentes ao Ministério de Madureira estão organizadas administrativamente a partir de uma convenção nacional e em convenções estaduais, campos¹⁵ e igrejas locais. No caso da Assembleia de Deus em Aragarças-GO e Barra do Garças-MT, elas são filiadas à Convenção Estadual dos Ministros Evangélicos das Assembleias de Deus Ministério de Madureira no Estado de Mato Grosso, a CONEMAD-MT, que por sua vez está subordinada à Convenção Nacional do Ministério de Madureira, a CONAMAD. No âmbito estadual, a convenção em geral, credencia evangelistas, missionários e missionárias além de tratarem de questões de interesses das igrejas e ministros a ela filiados. Já a convenção nacional, credencia pastores e tratam de assuntos de interesse da igreja a nível nacional e internacional.

Nesse sentido, os pastores estão subordinados e são estabelecidos segundo essa hierarquia: pastores de congregações, pastores presidentes de campos, pastores presidentes de convenções estaduais, pastores membros da Mesa Diretora da Convenção Nacional e pastor presidente da Convenção Nacional. A Mesa Diretora da CONAMAD é eleita a cada quatro anos, sendo que seu presidente atual tem mandato vitalício.

No que tange ao sistema de administração, percebemos uma mistura do sistema episcopal com o sistema congregacional. As questões a serem tratadas são levadas ao ministério da igreja (local ou a nível de campo nas reuniões mensais na sede) do qual participam apenas os obreiros¹⁶. Mesmo os assuntos sendo levados a esse ministério é inegável a forte influência da liderança pastoral que praticamente decide-os e depois os levam

¹⁵ O campo é o espaço de trabalho e atuação de uma igreja-sede com suas igrejas filiadas. Embora sejam na maioria definidos geograficamente, isso não constitui uma regra, pois é comum num mesmo espaço geográfico terem igrejas filiadas a campos e ministérios diferentes.

¹⁶ Termo utilizado para se referir aos membros que foram consagrados para exercerem funções diversas na igreja segundo uma escala hierárquica de cargos: diácono e diaconisa, presbítero, evangelista, missionária e pastor(a). Estes compõem o ministério, uma espécie de conselho da igreja que se reúnem periodicamente para tratarem de assuntos pertinentes ao andamento dos trabalhos.

à assembleia apenas para serem referendados – o que geralmente ocorre sem muitos questionamentos.

Com relação às características fundamentais da Assembleia de Deus, podemos percebê-las principalmente em sua liturgia, em seu corolário doutrinal e seus usos e costumes. A liturgia da Assembleia de Deus não é algo oficial, mas como seus aspectos são muito semelhantes em praticamente todas as igrejas nas diversas regiões do país devido à tradição herdada, ela sempre é caracterizada por alguns elementos comuns à todas.

Os cultos têm duração média de duas horas, e seguem uma sequência: Oração inicial, cânticos iniciais (com a utilização da Harpa Cristã – hinário oficial), leitura bíblica (ou palavra introdutória), oportunidades de cânticos por grupos de jovens, crianças, senhoras, adolescentes, corais, grupos e ministérios de louvor, bandas de música ou cantores individuais, oportunidades de testemunhos por membros, pregação (sermão), apelo (convite aos que não são membros a se converterem), cântico de encerramento e/ou avisos sobre as próximas reuniões, oração final e por fim a bênção apostólica (somente dado pelo pastor, por um evangelista ou presbítero), repetindo sempre essas palavras: *"A graça de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, o amor de Deus, o nosso Eterno Pai, a comunhão, as doces e eternas consolações do Espírito Santo sejam sobre nós e sobre todo o povo de Deus, desde agora e para sempre. Amém"*. Embora não fosse uma liturgia oficial foi comum essa sequência de acontecimentos nos cultos da Assembleia de Deus em praticamente todas as partes do país.

Com relação aos cultos existem dias e horários específicos para cada um. Aos domingos pela manhã ocorre a *Escola Bíblica Dominical* onde é estudada a bíblia de forma sistemática a partir de materiais didáticos previamente estabelecidos para todas as igrejas e o ensino é feito com divisão de classes por idade. A noite ocorre o *culto evangelístico* que é denominado assim devido o seu caráter evangelizador, com o intuito de converter pessoas visitantes que foram previamente convidadas a participarem do culto.

As terças-feiras à noite acontecem o *culto de ensino* (chamado anteriormente de “culto de doutrina”), com um caráter doutrinador/pedagógico é ensinado à membresia as doutrinas e os dogmas da igreja. Houve épocas em que a participação nesse culto era permitida apenas aos membros da igreja. As quintas-feiras ocorrem o *culto de libertação* o foco principal são as pessoas não membros das igrejas onde é oferecido um “apoio espiritual” na cura de doenças e libertação de todos os problemas de “causa maligna”.

Uma vez por mês, geralmente aos sábados, acontece a *Ceia do Senhor*, considerado o mais importante culto, pois nele se expressa a comunhão entre os membros e a comunhão individual de cada fiel com Deus. É também um culto que por muito tempo podia participar

apenas os membros, pois só estes “em plena comunhão com a igreja e com Deus” poderiam participar do memorial da morte de Cristo, alimentando-se do corpo e do sangue dele expresso simbolicamente no pão e no vinho.

Em algumas datas no ano ocorrem festas e reuniões específicas para os grupos da igreja como congresso de jovens, senhoras, adolescentes e crianças os quais fazem programações voltadas para esses grupos sempre com o objetivo de sistematizar os ensinamentos doutrinários e os dogmas da igreja. Também é realizado uma vez ao ano a Convenção dos Ministros da Igreja. Uma em âmbito nacional e outra estadual. Nessa convenção são tratados assuntos concernentes ao andamento dos trabalhos, questões teológicas, doutrinárias e dogmáticas, consagração de novos ministros e obreiros e reorganização de lideranças locais e estaduais.

É interessante ressaltar que durante todo o período de qualquer um dos cultos podem ocorrer manifestações dos dons espirituais, principalmente o fenômeno da glossolalia, pois segundo afirmam: “*o Espírito Santo tem liberdade de atuação na igreja*”.

Com relação às suas doutrinas, crenças e práticas, podemos observar que entre os preceitos fundamentais da igreja, que sustentam o seu credo e compõem seu corolário, doutrinário está a crença num só Deus eterno subsistente em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo; a inspiração verbal da Bíblia Sagrada, considerada a única regra infalível de fé normativa para a vida e o caráter cristão; na concepção virginal de Jesus Cristo, na sua morte vicária e expiatória, ressurreição corporal e ascensão para o céu; no pecado que distancia o homem de Deus, condição que só pode ser restaurada através do arrependimento e da fé em Jesus Cristo; no arrebatamento dos membros da Igreja para a Nova Jerusalém em breve com a volta de Cristo; na necessidade de um novo nascimento pela fé em Jesus Cristo e pelo poder atuante do Espírito Santo e da Palavra de Deus para que o homem se torne digno do Reino dos Céus.

Entre suas práticas estão o batismo em águas (por imersão do corpo inteiro), uma só vez, em pessoas a partir de doze anos, em nome da Trindade Divina sendo tal prática regra para se tornar membro da igreja. Outra prática consiste na celebração sistemática e continuada da Ceia do Senhor, tida como o momento de comunhão entre os membros da igreja e de comunhão dos membros com Deus. E também o recebimento do batismo no Espírito Santo, geralmente, com a evidência inicial do falar em “línguas estranhas” (fenômeno da glossolalia), seguido de outros dons do Espírito Santo.

Para explicitar melhor seu credo, a igreja criou a Declaração de Verdades Fundamentais das Assembleias de Deus que consiste num documento produzido pelo

Conselho Geral das Assembleias de Deus, onde estabelecem dezesseis doutrinas, inegociáveis para quem quiser aderir à Assembleia de Deus. Sendo quatro dos fundamentos considerados norteadores: salvação, o batismo no Espírito Santo, cura divina e a segunda Vinda de Cristo. Os demais são: a inspiração das Sagradas Escrituras; o único Deus verdadeiro; a deidade do Senhor Jesus Cristo; a queda do homem; a salvação do homem; as ordenanças da igreja; o batismo no Espírito Santo; a evidência física inicial do batismo no Espírito Santo; a santificação; a igreja e sua missão; o ministério; santidade divina; a esperança bem-aventurada; o reino milenar de Cristo; o juízo final; novos céus e nova Terra.

Já com relação aos “usos e costumes”, sua função primordial no grupo é justamente identificar o fiel na comunidade em que a igreja está inserida, distinguindo assim o grupo dos demais que compõe a sociedade. Tal atitude levou até a caracterização e rotulação dos fieis assembleianos como “crentes”. Termo que, na maioria das vezes, assume um caráter pejorativo em consequência de repúdio da sociedade a essa autodiferenciação e até autosegregação em alguns casos.

[...] Os pentecostais, por várias décadas, mantiveram-se presos a um rígido estereótipo, que para muitos deles permanecia imutável, porque estaria baseado na vontade divina expressa nas Sagradas Escrituras. Para que fossem reconhecidos, não precisavam citar capítulos e versículos nem ameaçar ninguém com os horrores do inferno. Bastava vê-los para que logo os identificássemos, pejorativamente como “crentes”, “bíblias”, “glórias”, “aleluias” e até “bodes”. (MARIANO, 1999:187).

Esses dogmas estabelecem restrições aos fieis, fazendo-os terem um comportamento distinto dos demais indivíduos da sociedade, criando elementos de identificação uns para com outros, identificando-se por meio da diferenciação na sociedade. Como, por exemplo, podemos citar principalmente: restrições ao vestuário, à proibição do corte de cabelos, do uso de joias, de maquiagem; a proibição da prática de esporte com bolas, do praticar qualquer tipo de jogos denominados de “jogos de azar”, assistir televisão, ir ao cinema, proibição do consumo de bebidas alcoólicas, de cigarro, entre outras coisas.

Ao analisarmos mais profundamente essas normas, percebemos que a maioria delas era destinada às mulheres. Sem pretendermos afirmar com veemência, mas colocando apenas como compreensão de análises feitas, observamos estar no *ethos* sueco-nordestino, no contexto temporal, espacial e cultural do início da Igreja, as razões para isso: nordeste brasileiro, início do século XX, cultura machista e de livre interpretação da Bíblia. A junção desses elementos faz surgir um imaginário, na própria igreja, de como seus membros deveriam se comportar e portar diante da sociedade e isso se manteve quase que como uma

regra geral da igreja por muito tempo, em quase todos os lugares, mesmo descontextualizado da realidade nordestina, pois já havia se configurado como uma identidade institucional.

Todo esse código de normas e comportamentos dava para a igreja um caráter separatista e exclusivista. Sobre essa questão, Mariano (1999), analisa que o pentecostalismo, uma vertente do protestantismo e do qual a Assembleia de Deus faz parte, herdou a postura de rejeição e afastamento do “mundo” diretamente do metodismo e do movimento *holiness* (movimento de santidade), dos quais se originou. Segundo ele, origina-se aí a postura puritana do movimento pentecostal.

Tradicionalmente, os pentecostais rejeitam tudo o que denominam convencionalmente de “mundo” ou “mundanismo”. Para entendermos melhor essa questão, Kolakowski (1985), nos dá uma análise do que seria esse mundo:

[...] na linguagem cristã escrita, a palavra ‘mundo’ adquiriu conotações pejorativas (*mundus immundus*), divergentes das fórmulas gerais da teologia. Sugeriu uma oposição radical entre o Criador e a criação. O título de ‘Príncipe deste mundo’, atribuído ao Diabo no Novo Testamento, corroborava com essas ideias. (KOLAKOWSKI, 1985:10)

Refletindo sobre essa consideração de Kolakowski, Mariano (1999), analisa que:

[...] para o crente pentecostal mostrar-se santificado, exteriorizar sinais, por meio de comportamentos ensinados e exigidos pela comunidade religiosa, que os diferenciem da sociedade inclusiva. Assim procedendo ele denota sua condição de salvo em Cristo. A fim de atingir a perfeição cristã, para onde caminha espiritualmente aquele que renasce em Cristo, é fundamental que o crente, como vaso e templo do Espírito Santo, afaste-se dos prazeres, interesses e paixões do mundo [...] (MARIANO, 1999:190).

O termo “mundo”, nesse sentido, conota então a ordem mortal corrupta da sociedade fora da comunidade dos “crentes”. Para os crentes, é o vasto sistema de vida desta era que está sob o domínio de “inimigo” (Satanás) e existente à parte de Deus. Consiste nos “prazeres” caracterizados pela Igreja como malignos, imorais e pecaminosos. Para a Igreja, na presente era, Satanás emprega as ideias mundanas de moralidade, das filosofias, desejos, cultura na sociedade para opor-se a Deus, ao seu povo, a sua “Palavra” (Bíblia) e aos seus padrões de “retidão” (definidos pela Igreja). Nessa perspectiva, o “mundo” também inclui todos os sistemas religiosos originados pelo homem, bem como todas as organizações e igrejas mundanas (lê-se não protestantes). Para embasar tais conceituações de “mundo”, utilizam-se textos bíblicos que corroboram com essa ideia, como a Primeira Carta do João, contida no Novo Testamento, capítulo 2 e versículos 15, 16 e 17.

[...] Não ameis o mundo, nem o que no mundo há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Porque tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não é do Pai, mas do mundo. E o mundo passa, e a sua concupiscência; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre [...]. (BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, CPAD, 1995: 1956).

A partir da crença de que o mundo está sob o domínio do “inimigo” – o Diabo, os pentecostais justificam seus procedimentos sectários, representados majoritariamente nos seus estatutos de normas, usos e costumes.

Após analisarmos a trajetória do pentecostalismo moderno desde seu início nos Estados Unidos no começo do século XX, até sua chegada ao Brasil, configurando como o cerne da criação da Igreja Assembleia de Deus e principal motivador para sua expansão por todas as regiões do país, conseguimos visualizar melhor a construção do nosso objeto de pesquisa – os migrantes da fé e o estabelecimento da Igreja Assembleia de Deus na região do Vale do Araguaia – o que analisaremos no próximo capítulo.

3 – OS MIGRANTES DA FÉ ÀS MARGENS DO ARAGUAIA

Meu servo não turbe teu coração confia em mim, que continuarei abençoando neste lugar. Já tenho desviado muitos laços do inimigo e contínuo, mais aqueles desviando e guardando aqueles que velam pela minha palavra. No presente o resultado operante é pequeno, mais aqueles que prepararem seus corações, eu derramarei do meu Espírito como denominei sobre vós. [...]. Deixe que eu use meus pequeninos e breve ali também será uma grande obra que aspergirá para todos aquelas localidades. Não te preocupes que proverei todas as coisas, calçarei os teus pés no evangelho da paz, e te guiarei como mensageiro de minha salvação. Não desanimes eu galardoarei os esforços na minha obra.[...] Porém, pregue a minha palavra e edifique as primeiras pedras e ali será uma grande obra. Mas clame pregue altamente a minha palavra e muitos ao seu tempo também virá. E então verás a recompensa de tuas lágrimas e então sua tristeza se converterá em gozo.¹⁷

O texto acima, apresentando uma profecia¹⁸, evidencia as representações de fé que determinaram o estabelecimento do movimento pentecostal na região do Vale do Araguaia, num momento em que as migrações para a região se davam principalmente por motivos econômicos. Nesse contexto, alguns indivíduos, aproveitando o fluxo migratório, vieram por motivações culturais e religiosas, propagar uma fé: a pentecostal.

Nesse capítulo, trataremos da chegada e estabelecimento da Igreja Assembleia de Deus na região do Vale do Araguaia, buscando demonstrar que esse processo se deu por meio das ações de pessoas que migraram para a região, tendo como objetivo único a difusão de sua fé. A estes chamaremos de “migrantes da fé”. Trata-se de um subgrupo dentro do conjunto de migrantes que vieram para o Vale do Araguaia.

O período abordado compreenderá os anos entre 1955 e 1968. Este tempo abrange a vinda do primeiro missionário assembleiano, Waldemar Nogueira Ramos (1955-1960), para a região. A continuidade dos trabalhos iniciados por ele ocorreu por meio de seus sucessores: Durvalino Nogueira de Souza (1960-1962), Joaquim Alves de Sousa (1962-1968) e Valdomiro Raimundo de Souza (1968-1975), até o momento que a igreja foi registrada e estabelecida oficialmente na cidade de Barra do Garças - MT, no ano de 1968. Nossa análise, portanto, se deterá nos trabalhos da igreja nesta cidade de Goiás, pois embora o primeiro

¹⁷ Profecias direcionadas a Waldemar Nogueira Ramos durante os primeiros meses de seu trabalho missionário na cidade de Barra do Garças-MT, registrada em seu diário nos dias 23 de junho e 23 de setembro de 1955.

¹⁸ Na doutrina pentecostal, a profecia enquanto manifestação do Espírito Santo trata-se de um dom que capacita o fiel a transmitir uma palavra ou uma revelação diretamente de Deus, sob o impulso do Espírito Santo. Não é predizer o futuro, mas proclamar a vontade de Deus que segundo creem podem revelar questões ocultas, traz exortação, consolo, advertência e julgamento para a igreja e também fieis individualmente. Nesse sentido, toda profecia deve ser julgada quanto à sua autenticidade e conteúdo, pois ele deverá se enquadrar na palavra (ensinamentos da bíblia) e contribuir para a santidade de vida dos ouvintes. Este dom se manifesta de forma esporádica segundo a vontade do Espírito Santo e não do profeta.

missionário tenha chegado primeiramente à cidade de Barra do Garças-MT, os trabalhos missionários se desenvolveram, em sua primeira fase, na cidade de Aragarças-GO, sendo transferido oficialmente para Barra do Garças somente em 1968.

3.1 - O diário de uma missão

A história da Igreja Assembleia de Deus na região do Vale do Araguaia tem seu início em abril de 1955, com uma reunião em uma das Igrejas Assembleia de Deus na cidade de Goiânia-GO. O movimento pentecostal chegou a Goiás no final da década de 1920, por meio dos trabalhos da missionária norte-americana Matilde Paulsen e, posteriormente, com as pregações¹⁹ do diácono Antônio Moreira, no período de construção da cidade de Goiânia. Nesse período, começava-se a alargar o campo pentecostal para novas regiões.

Uma rica fonte que temos sobre o início da igreja na região é o diário do evangelista²⁰ Waldemar Nogueira Ramos, primeiro missionário assembleiano a chegar ao Vale do Araguaia.

FIGURA 2 - Waldemar Nogueira Ramos.



Fonte: Acervo Igreja Assembleia de Deus – Ministério Madureira – Anápolis-GO.

¹⁹ Termo utilizado para se referirem à divulgação do Evangelho de Cristo por meio de palestras com o propósito de persuadir os ouvintes nas igrejas ou fora delas. A expressão é utilizada com base no texto bíblico do Evangelho de Marcos, capítulo 16, versículo 15, onde está registrada a "ordem" dada por Jesus aos seus apóstolos para anunciar seus mandamentos: "(...) *Ide por todo o mundo, **pregai** o evangelho a toda criatura.*"

²⁰ Evangelista é um dos cargos que compõem a estrutura eclesiástica da Assembleia de Deus. Conforme o próprio nome indica, o detentor do cargo é responsável pela evangelização do campo ou área afeta à igreja local. Tem atribuição básica de divulgar a mensagem. Sua função é parte do ministério da igreja e por isso tem voto como pastor nas assembleias de convenção. Na estrutura hierárquica está assim colocado: auxiliar, diácono, presbítero, evangelista e pastor.

Ele relatou em seu diário, escrito no período de 06 de abril de 1955 a 27 de maio de 1960, os fatos que julgou mais importantes durante o tempo em que ele esteve pregando na região, época em que fundou os trabalhos da igreja nas cidades de Aragarças-GO e Barra do Garças-MT. O diário foi transcrito e digitalizado por João Pêssego Laurindo, então secretário executivo da Igreja em Barra do Garças-MT em 18 de setembro de 2003 e nos o encontramos em nossa pesquisa nos arquivos da igreja.

Considerando os diários como uma escrita pessoal, observamos que essa prática foi se tornando comum a partir do final do século XVII, por meio vários estilos, além dos diários como as memórias, testemunhos, livros de contas, diários de viajantes e ainda os registros dos atos de personalidades públicas. Nesse primeiro momento, tais relatos não possuíam ainda um caráter privado, configurando uma escrita de si. Mas, a partir da segunda metade do século XIX, com a afirmação das concepções sobre a esfera privada, o diário pessoal se consolidou como uma prática social a qual as pessoas recorriam para registrarem momentos, eventos e sentimentos que julgavam importantes no decorrer de suas vidas.

Com a ascensão da História Cultural e suas propostas de diversidades de temas e fontes para a pesquisa histórica, consideraram-se, a partir da década de 1980, os diários pessoais, documentos “portadores e construtores de sensibilidades”, ricas fontes para pesquisas. Ao pensarmos sobre sua utilidade enquanto documento, entendemos, segundo Pinsky e Luca (2011):

Formas de inscrição autoral, os diários pessoais são fontes, chamadas de ‘escritas ordinárias’ (*realizadas pelas pessoas comuns*), que permitem aos historiadores rastrear muitas das maneiras de viver e de pensar de determinada época, dadas a ver, no tempo presente. (PINSKY; LUCA, 2011: 252)

O diário, por ser fruto de um registro escrito, tem um significativo valor na medida em que consideramos a escrita como uma ferramenta social com a capacidade de salvar do esquecimento determinadas representações de um tempo vivido. Ao escrever, o diarista produz memória e conseqüentemente instrumento que possibilita o estudo de um determinado espaço e tempo por ele descrito. Nesse sentido,

[...] Os diários pessoais entram em cena como fonte histórica por conterem registros de *práticas sociais* que partilham da constituição de um *regime de historicidade*, ou seja, expõem as formas de como indivíduos em sociedade tratavam seu dia a dia, naquele presente da escrita. [...] Os diários eternizam, em folhas amareladas pela passagem do tempo, ideias, saberes, valores, acontecimentos e dizeres, além de fantasias, medos e experiências – tudo isso são *representações* de um outro tempo

que dão sentido ao mundo social, criando outras realidades. (PINSKY; LUCA, 2011: 253)

Por meio da análise do diário de Waldemar Nogueira Ramos procuramos observar as práticas sociais, frutos das representações do grupo social que ele pertencia – igreja Assembleia de Deus. Mediante seus relatos é possível entender como representava sua fé e as maneiras com que isso se efetivava na prática. Mesmo sendo seu diário uma escrita de si, de suas experiências pessoais de fé e de seu trabalho a favor da igreja, o consideramos um rico documento de pesquisa na medida em que:

Pensando os diários como *registros de vida*, produzidos individualmente, mas que guardam traços culturais de um capital de vivências da época de quem o escreve, o historiador pode investir na interpretação de seus *conteúdos*. Assim, deve primeiramente mapear os temas tratados e, depois, analisá-los como *atos de memória*, redutos de expressões de sensibilidades que, mesmos em seus traços descontínuos, foram modos de fazer e compreender a vida do dia a dia. (PINSKY; LUCA, 2011: 259)

A análise de seu conteúdo, portanto, nos possibilitou ordenar os eventos que determinaram a construção de nosso objeto de pesquisa e, acima de tudo, nos permitiu perceber como as relações entre suas representações de fé e as práticas dessas representações contribuíram para entender nosso objeto de pesquisa.

Em seu diário, Waldemar Nogueira Ramos inicia seus relatos narrando sobre a reunião na cidade de Goiânia, onde surgiu o projeto de evangelizar²¹ a região do Araguaia. Assim descreveu:

06/04/1955 – Viajei pela Nacional, com o Pastor Divino para Goiânia, onde encontramos a Igreja em festa com a presença do Missionário Carlos Hutchins, Pastores Antonio Inácio de Freitas e Antonio Moreira. Lá tive a oportunidade de junto com os irmãos Carlos e Divino examinar o mapa do Estado de Goiás, e com o mapa aberto em cima da mesa, como fazem os técnicos militares quando querem focalizar um objetivo, descobrimos a região vasta do Araguaia com seus afluentes, aldeias, cidades e vilas, inda não evangelizadas. Com nossas mãos postas sobre estes lugares no referido mapa foi levantada uma fervorosa oração pelo irmão Carlos, que pedia a Deus se lembrar das milhares de almas que careciam de salvação neste setor. **(Diário de Waldemar Nogueira Ramos)**

Conforme analisa Noleto (2005: 25), um dos temas dessa reunião foi provavelmente “missões”²². Em um estudo sobre mapas, analisando as possíveis regiões, onde poderiam abrir

²¹ A palavra refere-se ao ato de anunciar a mensagem cristã – no caso em questão, a mensagem pentecostal – numa forma de pregação com fins de adquirir adeptos, produzir conversão com o intuito de mudanças de hábitos, crenças e valores.

novos trabalhos, chamou-lhes a atenção a “*região vasta do Araguaia*”. Os presentes na região eram sabedores que esta era uma região composta de pequenas cidades, vilas de garimpeiros e aldeias indígenas que se situavam às margens dos rios Araguaia e Garças, as quais provavelmente não conheciam a mensagem pentecostal propagada pela Igreja Assembleia de Deus. Foi com o objetivo de trazer a essa região tal mensagem em que o pastor Divino Gonçalves projetou o estabelecimento da Igreja Assembleia de Deus na região, conforme afirma Noletto (2005):

Chegando à Iporá, campo do qual era presidente, reuniu seus obreiros, apresentou seu projeto missionário de abrir um trabalho de evangelização na região do Araguaia, considerado um lugar de difícil acesso, poucas estradas, pouco habitado, com notícias de que a população indígena era mais abundante do que a não indígena, e muitas outras dificuldades. Os obreiros aprovaram a ideia, porém, não sentiram muito animo com esse projeto. (NOLETO, 2005: 26).

Para viabilizar o projeto, a primeira providência a ser tomada era captar recursos e, nesse sentido, por sugestão do evangelista Waldemar Nogueira Ramos, o pastor Divino Gonçalves ao apresentar o projeto à igreja em Iporá, propõe uma forma de angariar dinheiro a fim de financiá-lo. Mesmo aprovando a ideia do pastor Divino Gonçalves, concordando com o projeto e até com a forma de captação de recursos proposta por Waldemar Nogueira Ramos, o Ministério da Igreja em Iporá não comungava do mesmo ideal missionário desenvolvido pelos dois na reunião em Goiânia. Percebemos isso na fala de Waldemar Nogueira Ramos quando relata o seguinte:

[...] sugestionei ao irmão Divino a cerca de uma caixa pro-evangelização deste setor, que muito embora com aprovação do ministério não foi bem recebida pela maioria dos responsáveis das congregações que logo abandonaram as suas contribuições [...] **(Diário de Waldemar Nogueira Ramos)**

Na ocasião, Waldemar Nogueira Ramos era o dirigente da Igreja-congregação em Campo Limpo (hoje, a cidade de Amorinópolis – Goiás), pertencente ao campo da igreja em Iporá. Observando as dificuldades que estavam travando o projeto – falta de apoio do Ministério da Igreja de Iporá e de recursos financeiros – ele decidiu ir sozinho e por conta

²² Termo utilizado pela Igreja aos projetos de expansão dos trabalhos em outros lugares tanto em regiões próximas quanto em outros países e até continentes. Usam como justificativa a doutrina do *Ide* expressa por Jesus no livro Evangelho de Marcos capítulo 16, versículos 15 e 16 onde está escrito: *E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado.* E também o texto de Atos dos Apóstolos capítulo 1, versículo 8 que diz: *Mas recebereis a virtude do Espírito Santo que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até os confins da terra.*

própria implantar os trabalhos da Assembleia de Deus na região do Araguaia. Sobre essa questão, trataremos mais a frente no texto, ao abordarmos a análise da migração por motivo de fé.

A decisão de Waldemar Ramos de ir sozinho executar o plano evangelístico demonstra o “estilo missionário” da igreja Assembleia de Deus em seus projetos de expansão. Foi comum no contexto de desenvolvimento dos trabalhos da igreja essa ação leiga, em que um fiel, tendo ou não cargo eclesiástico, ia sozinho ou com sua família fundar uma igreja, evangelizar uma região aonde não havia chegado a fé pentecostal. Essa postura marca o “estilo missionário” herdado dos primeiros evangelistas suecos que chegaram ao Brasil – Daniel Berg e Gunnar Vingren – que vieram sozinhos para um local desconhecido, crendo estarem direcionados por Deus para a realização de sua vontade. Isso tornou-se um exemplo para os novos convertidos – a possibilidade deles expandirem sozinhos a nova fé. Segundo analisa Freston (1994), um fato que contribuiu significativamente para a expansão da igreja nesse contexto foi a ação dos missionários suecos de pregarem, em regiões de grande fluxo migratório, possibilitando assim que cada fiel se tornasse um disseminador da nova fé nas diversas regiões para onde migravam.

Com esse ímpeto de ir para região do Araguaia, mesmo que sozinho, Waldemar Nogueira Ramos aguardava a autorização do pastor Divino Gonçalves. Antes de responder à solicitação do missionário Waldemar, o pastor Divino Gonçalves disse que ia orar a esse respeito e entender de Deus qual era a sua vontade. É comum no meio pentecostal as decisões relacionadas à direção dos trabalhos da igreja serem tomadas segundo uma orientação de Deus, conforme creem. Isso faz parte da forma como representam a crença de que Deus é o “dono da obra” e assim só ele pode decidir quem vai e quem fica. Foi assim com os primeiros missionários suecos e tantos outros que usaram e usam dessa prática – a consulta da vontade de Deus – para tomarem decisões tanto referentes aos trabalhos eclesiásticos quanto às de cunho pessoal.

Definem isso como um “andar na direção de Deus”. Quando oram pedindo tais orientações, esperam confiantes por uma resposta direta do próprio Deus, a qual recebem de várias maneiras, conforme suas representações de fé. Nesse sentido, as respostas veem por meio da leitura da bíblia, revelação através de sonhos, entre outras. Um dos modos mais comuns que creem receber tais respostas e orientações é a chamada palavra profética ou profecia. Por meio dessa experiência religiosa, os fieis são orientados ao que fazer e como fazer pelo próprio Deus, por meio de um profeta conforme aconteceu com Daniel Berg e Gunnar Vingren ao serem direcionados a virem para o Brasil. Do mesmo modo, ocorreu na

decisão tomada pelo pastor Divino Gonçalves, que recebeu de Deus a resposta (através de uma profecia) a cerca do pedido de Waldemar Nogueira Ramos para vir à região do Araguaia conforme conta:

O Pastor irmão Divino apresentou, o meu pedido ao Senhor que assim respondeu: *Cuida-te rápido, és que é tu, E eu te abençoarei , clame o meu sangue e confia em mim, e eu abençoarei. Oraí , oraí, clamai, clamai o meu Sangue, lembra-te de mim; e em tudo te abençoarei. (Diário de Waldemar Nogueira Ramos)*

Num primeiro momento, os membros da igreja de Campo Limpo tentaram dissuadir tal ideia do evangelista em deixar a congregação e ir iniciar novos trabalhos em outro lugar. Mas segundo ele, Deus, por meio de outra profecia, reafirmou sua vontade, de que ele seguisse com seus projetos:

Nesta ocasião eu tomava conta Campo Limpo, onde os irmãos me constrangeram a recalitrar, porém o Senhor me falou assim: *segue o que tenho proposto. Aqueles que foram plantados por mim, de maneira nenhuma serão arrancadas. Eu velarei pelos meus. Basta que cada um faça aquilo que tenho ordenado, glória a Deus. (Diário de Waldemar Nogueira Ramos)*

Diante da manifestação da vontade Deus por meio da profecia, os membros da igreja conformaram-se com a decisão de Waldemar Nogueira Ramos e o apoiaram, juntamente com os membros da igreja de Iporá, arrecadando uma ajuda de custo para as primeiras despesas dele na região num valor de 154.000,00 Cr\$ (cento e cinquenta e quatro mil cruzeiros). A profecia, como já analisamos, tem um significado muito grande nas representações de fé nas igrejas pentecostais, pois ela configura o próprio Deus falando aos seus servos. Nesse caso, por meio da profecia, os membros das igrejas de Iporá e de Campo Limpo aceitaram o projeto e o apoiaram crendo ser de fato a vontade de Deus.

Decidido a seguir com o plano, Waldemar Nogueira Ramos saiu de Iporá no dia 22 de abril de 1955, com destino à cidade de Baliza – Goiás. Nesse contexto, Baliza era uma cidade com um grande fluxo populacional devido à atividade garimpeira que atraía muitas pessoas para a região. Ali estive alguns dias *pregando* a mensagem pentecostal no salão da igreja Presbiteriana, que o recebeu e o apoiou. Em seu relato, Waldemar Nogueira Ramos não evidencia as razões que levaram liderança da Igreja Presbiteriana a recebê-lo e apoiá-lo. É fato que as duas igrejas não comungam da mesma doutrina no que se refere ao batismo com o Espírito Santo – aspecto primordial do pentecostalismo – estando assim, as mesmas em lados distintos dentro do movimento evangélico. Talvez o sentimento de irmandade, tão comum

entre o protestantismo, seja uma explicação, pois, à primeira leitura, sobre o apoio que o missionário e seus sucessores receberam em especial da Igreja Presbiteriana, tanto na cidade de Baliza-GO quanto nas cidades de Aragarças-GO e Barra do Garças-MT, não trazem, nos documentos analisados, maiores explicações.

Ainda estando na cidade de Baliza, Waldemar Nogueira Ramos visitou também a cidade de Torixoréu, na margem mato-grossense do rio Araguaia, porém, segundo ele relata, “*não tive qualquer direção de instalar-me nestes lugares.*” Mas uma vez percebemos aqui a dependência de uma orientação de Deus para as tomadas de decisões. Não considerando ser ali o local certo para o estabelecimento dos trabalhos, por não receber de Deus nenhuma orientação, desceu de canoa o Araguaia e foi para a cidade Barra do Garças, também na margem mato-grossense do rio Araguaia, chegando lá em um dia de domingo, 24 de abril de 1955. Consideraremos essa decisão mais adiante no texto, quando analisarmos as tomadas de decisão sobre onde estabelecer os trabalhos na região e suas múltiplas explicações.

Nessa época, a cidade de Barra do Garças já despontava como o maior município da região tornando-se polo comercial, social e educacional para a região. Uma cidade que efervecia migrantes de todas as partes do país e até do exterior, vindos em busca do desenvolvimento econômico promovido pelo garimpo, pelas atividades agropecuárias e também pelos projetos de desenvolvimento promovidos pelo Governo Federal por meio da Fundação Brasil Central e da Expedição Roncador-Xingu, presentes na região desde a década de 1940.

O evangelista Waldemar Nogueira, instalou-se em um hotel da cidade e no mesmo dia, à noite pregou na igreja Presbiteriana de Aragarças. Segundo relata: “*após o culto os irmãos Presbiterianos prontificaram-me a cooperar comigo em tudo. Glória a Jesus!*”. Após o culto, regressou à Barra do Garças. Seu trabalho próprio iniciou logo no dia seguinte:

25/04/1955 - Comecei a distribuição de folhetos e Jornais na Praça de Barra do Garças, procurando ocasiões de apresentar o meu mandado; quando chega um mendigo pedindo auxílio procurei auxiliá-lo; comprando uns medicamentos para seu uso, e logo se me abriu uma porta, aleluia. Procurei falar na praça do amor do meu Jesus e logo apareceram os primeiros frutos, graças a Deus. 3 almas se entregaram ao Senhor Jesus. Combinei de ir à noite na residência do senhor Otaviano José Luiz, fazer um culto no qual várias almas renderam-se a Jesus. Aleluia. Dentre os 1º novos convertidos um foi o irmão Luiz Carlos de Medeiro, Presbiteriano que aderiu a Assembleia e franqueou sua sala para os cultos que fazíamos todas as noites. **(Diário de Waldemar Nogueira Ramos)**

O método de pregação utilizado pelo missionário, a distribuição de folhetos contendo uma *mensagem bíblica* e jornais confeccionados pela igreja para divulgar os trabalhos e

milagres que ocorriam nas igrejas assembleianas, principalmente dos grandes centros, foi por muito tempo uma das principais características da forma de abordagem dos missionários. A partir disso, propunham um diálogo visando a conversão²³ de um ouvinte. Enquanto ele realizava esse trabalho de panfletagem evangelística, relata que um mendigo pediu-lhe ajuda, para o qual comprou alguns medicamentos. No caso, ofereceu-lhe mais que apenas uma mensagem de conversão, também assistência financeira.

Desse trabalho inicial renderam-lhe os primeiros convertidos da região do Araguaia. Chama atenção nesse relato, pois ele faz questão de destacar, a conversão de uma pessoa membro de outra igreja protestante – a igreja Presbiteriana. Ela faz parte do grupo de igrejas protestantes, mas não pertence ao seguimento pentecostal. Podemos perceber que membros de igrejas tidas como tradicionais – Batistas, Presbiterianas entre outras – mesmo já convertidos à doutrina protestante foram convencidos a aderirem ao movimento pentecostal. Observamos isso na implantação da igreja em Belém do Pará, onde a Assembleia de Deus iniciou seus trabalhos com um grupo de dissidentes da Igreja Batista, que foram expulsos por aceitarem a mensagem pentecostal e o batismo com o Espírito Santo. Também na Fazenda Samambaia em Goiás onde as primeiras pessoas a serem batizadas com o Espírito Santo foram os membros da Igreja Presbiteriana. O mesmo ocorreu em Barra do Garças – MT, com a conversão do senhor Luiz Carlos de Medeiro, presbiteriano convertido à Assembleia de Deus, que fez de sua casa o primeiro ponto de pregação do missionário Waldemar Nogueira Ramos. Ali, muitas outras pessoas se converteram à nova fé que havia chegado à Barra do Garças – o pentecostalismo.

Relata Waldemar Nogueira Ramos que após iniciar os trabalhos na região, ele precisaria voltar para a cidade de Iporá, de onde deveria ir para a cidade do Rio de Janeiro.

[...] Regressando a Iporá de onde devia partir para o Rio o Senhor falou em profecia, anulando a minha viagem ao Rio de Janeiro, e ordenando-me a voltar para Barra do Garças. (**Diário de Waldemar Nogueira Ramos**)

Observamos mais uma vez a preocupação em saber se a viagem era da “vontade de Deus”. Nesse caso, segundo conta, não era. Novamente Deus lhe falou por meio de uma profecia, ordenando que voltasse à Barra do Garças. Sobre tal forma de proceder, Noletto (2005), reforça a representação de fé ao afirmar que “*a sensibilidade à voz do Espírito de*

²³ Em um sentido literal, a expressão está diretamente ligada a adoção de uma crença religiosa diferente de uma anterior por parte de uma pessoa. Para o movimento pentecostal significa, portanto, aderir ao movimento, passando a fazer parte de uma de suas igrejas comprometendo-se com suas doutrinas, usos e costumes e deveres pertinentes a um membro.

Deus deve ser uma constante na vida do crente, principalmente na vida do obreiro” (pág. 31).

A busca por um contato direto e pessoal com o sagrado por meio do Espírito Santo é um dos principais aspectos das representações de fé do movimento pentecostal. Em suas práticas, buscam uma relação com o sagrado de forma intensa e íntima ao ponto de serem que Deus, por meio do Espírito Santo, atua como agente realizador da Sua vontade na igreja, direciona, determina, mostra o que está acontecendo e o que vai acontecer, enfim, revela todas as coisas relacionadas ao andamento dos trabalhos da igreja. Isso fica perceptível em todo o relato do diário de Waldemar Nogueira Ramos conforme podemos constatar:

27/07/1955 - O Senhor falou sobre a obra neste setor da seguinte maneira: dizendo já ter tocado no coração dos irmãos, para cooperar naquela obra, me falou sobre aceitação do evangelho aqui, dizendo que muitos foram acessivos por fingimento mais que muitos ali seriam salvos e preparados para a arrebatção. Que iriam se levantar ali muitas perseguições; mas que ele nos daria vitória. Me falou na minha estada neste campo que seria um tanto longa, mais devia levar uma vida de inteira tranquilidade, que não fizesse nada precipitadamente, mais tudo com calma, que era de sua vontade firmar bem o marco desta igreja; para depois levar a palavra mais além. Aleluia! Glória a Deus.

10/05/1955 - Estando em Iporá o Senhor me falou assim:

Meu servo, apressa-te porque muitas bênçãos gloriosas te aguardam ali. Nada temas, eu estarei contigo, colocarei os teus pés com a minha palavra e te darei poder, para enfrentar na minha obra, tudo o que possa vir. Te abençoarei em tudo e proverei, todas as cousas. Glória a Deus.

Observa-se na narrativa acima, que, segundo acredita o relator, Deus garante ao missionário colaboradores para o desenvolvimento do trabalho; assegura que a mensagem pregada por ele terá aceitação e que mesmo fingida por parte de alguns, muitos a aceitariam de fato, sendo estes preparados para “arrebatção”²⁴. Avisa que terá perseguições ao seu trabalho, mas que ele o ajudaria a superar e também que sua permanência na região seria por um longo período e, que por isso, não deveria agir precipitadamente, pois era de sua vontade estabelecer a igreja Assembleia de Deus na localidade. Para o fiel pentecostal, essa experiência de comunicação direta com o sagrado é vital para a fundamentação de suas representações de fé e determinantes para suas práticas. A profecia que ele registra no dia 10 de maio de 1955, reafirma sua convicção que Deus está no controle da situação e que, portanto, ele teria êxito em seu trabalho. Depois de crer que era a vontade de Deus que ele permanecesse em Barra do Garças, Waldemar Nogueira Ramos retorna e continua seus trabalhos:

²⁴ O termo se refere ao arrebatamento. Ver nota pág. 44.

11/05/1955 - Regressei a Mato Grosso pela Nacional, tendo a noite dirigido culto em casa do irmão Luizinho, entregando 6 pessoas.

22/05/1955 - Registrei 55 almas que entregaram-se a Jesus, Aleluia.

19/06/1955 - Registrei 66 almas que se entregaram. “Entrando em condições de ir às águas somente 11.

06/07/1955 - Foi em Pindaíba onde entregaram-se 21 almas; os quais não permaneceram por falta de assistência.

(Diário de Waldemar Nogueira Ramos)

O número de novos adeptos começou a crescer, contudo, o missionário avaliou que nem todos estavam em condições de “*ir às águas*”. As águas que ele se refere é o batismo nas águas²⁵, o rito de adesão do convertido à nova fé. Nesse período inicial da igreja, o convertido, antes de passar pelo batismo, era avaliado pelos pastores que determinavam se este tinha ou não condições de ser batizado, pois após o batismo o fiel passava a ser membro de igreja, detentor de direitos e deveres. Essa avaliação se dava mais no sentido de aferir se o candidato ao batismo cumpria as exigências que se esperava para um membro da igreja. Nesse contexto, o missionário Waldemar Nogueira Ramos, considerou que dos sessenta e seis convertidos, apenas onze estariam aptos a serem batizados.

Em seu diário, Waldemar Nogueira Ramos não especifica os motivos que impediram a maioria de serem batizados. O que determinava essa questão nesse contexto era basicamente o aceitar e cumprir as doutrinas e costumes que a igreja estabelecia, como: restrições ao vestuário, à proibição do corte de cabelos, do uso de joias, de maquiagem (para as mulheres); a proibição da prática de esporte com bolas, do praticar qualquer tipo de jogos denominados de “jogos de azar”, assistir televisão, proibição do consumo de bebidas, de cigarro entre outras práticas que julgavam como desvios morais. Para a igreja, essas doutrinas e costumes configuram sua identidade e, deste modo, para que um fiel fosse identificado como um assembleiano na comunidade da igreja, sua conduta deveria estar de acordo com as regras por ela estabelecidas.

²⁵ O Batismo nas águas é um rito de iniciação na fé cristã visto como um sacramento fundamental de inclusão na comunidade e da comunhão entre todos os cristãos e desses com o sagrado, pois só pode participar de algumas liturgias da Igreja, se tornar obreiro quem for batizado. As águas possuem o simbolismo de purificação da pessoa de uma vida antes de sua conversão para uma nova vida. Ele pode ser por imersão ou por aspersão ou efusão. Por imersão o batizado deve ser mergulhado na água, já por aspersão ou efusão a água é borrifada ou derramada sobre o batizado. Na doutrina pentecostal, o batismo nas águas é feito por imersão e o ato significa, segundo creem, que o fiel imergiu na morte de Cristo e ressurgiu com ele como uma nova criatura. Nesse sentido, o batismo caracteriza o arrependimento e a remissão de pecados naqueles que reconhecem a divindade de Jesus Cristo como salvadora. Partindo desse pressuposto, na Igreja Assembleia de Deus são batizados apenas pessoas adultas, pois o batismo é uma ação voluntária, uma decisão pessoal do fiel e é utilizado pela igreja como uma confissão pública de sua conversão à fé pentecostal.

Pelo crivo de Waldemar Nogueira Ramos, somente onze passaram, os quais ele faz questão de registrar²⁶, pois a partir desse batismo os trabalhos da Igreja Assembleia de Deus estariam de fato fixados na região do Araguaia. São estes os primeiros membros da Assembleia de Deus na região:

28/08/1955 - Batizei as 1ª 9 almas no Rio Garças e dei a 1ª Santa Ceia. Foram batizados neste dia:

- 1) – Publio Chaves
- 2) – Messias José Luiz
- 3) – Feliciano Rosa dos Santos
- 4) – Luzia Rosa dos Santos
- 5) – Anadir Barros de Souza
- 6) – Maria das Mercês
- 7) – Ana Alves de Lima
- 8) – Marcilio Alves de Souza
- 9) – Izaura Maria de Souza

(Diário de Waldemar Nogueira Ramos)

A “Santa Ceia” que ele menciona dizendo que “deu” aos recém-batizados refere-se a uma Ceia do Senhor, ritual do qual só podem participar membros da igreja que foram batizados e assim imbuídos de responsabilidades quanto a sua nova condição de pertencimento à igreja.

Waldemar Nogueira Ramos registra em mais uma ocasião uma profecia que lhe direcionada, na qual mais uma vez Deus fala acerca do trabalho dirigido por ele na região. A mensagem veio no sentido de animá-lo a continuar, pois as pessoas estavam aceitando a mensagem pregada por ele, mesmo de forma não evidente. Assim, é estimulado a continuar seu trabalho, pois este se converteria em uma “grande obra” (a Igreja Assembleia na região e posteriormente no estado de Mato Grosso) e dessa forma teria seu esforço recompensado ao ver a dimensão do trabalho que iniciou. Assim foi a profecia:

23/09/1955 - O Senhor falou sobre este lugar, assim: meu servo não desanime que vou dirigir todas as coisas. A minha obra não é como pensas, não se faz com precipitação, mas sim, de vitória em vitória até chegar ao píncaro da vitória. Muitos estão admirando a minha obra em vós. A minha palavra está em seus corações e estão convencidos do meu poder; muito embora não demonstrem. Porém, pregue a minha palavra e edifique as primeiras pedras e ali será uma grande obra. Mas clame pregue altamente a minha palavra e muitos ao seu tempo também virá. E então verás a recompensa de tuas lágrimas e então sua tristeza se converterá em gozo. **(Diário de Waldemar Nogueira Ramos)**

²⁶ O missionário Waldemar Nogueira Ramos registrou em seu diário o nome de todas as pessoas que ele batizou durante o tempo em que evangelizou nas cidades de Aragarças e Barra do Garças e região. Contudo em seus registros não constam maiores informações como idade, profissão, grau de escolaridade e outros dados que nos possibilitaria fazer uma melhor análise sobre os primeiros membros da igreja na região.

3.2 - A fé atravessa o rio

Waldemar Nogueira Ramos iniciou seus trabalhos na cidade de Barra do Garças – MT, entretanto foi na cidade de Aragarças-GO que ele estabeleceu a Igreja Assembleia de Deus na região do Vale do Araguaia. Em Barra do Garças já havia alguns convertidos, mas em Aragarças ainda não. A conversão das primeiras pessoas na cidade se deu conforme o relato abaixo:

30/08/1955 – [...] em Aragarças, fui convidado para visitar uma doente de nome Sofia, que havia tomado soda cáustica e que aguardava a morte. Lá chegando falei-lhe do amor de Jesus, e prometi fazer um culto a noite em sua casa, humilde e apertada residência. Como Jesus mora com os pobres e humildes neste culto glorioso 4 almas entregaram-se a Jesus: Sofia, Emídio e sua esposa Mundoca e Ana M. dos Anjos. Desde logo, com a continuação dos cultos, apareceram os primeiros frutos da palavra semeada e outros se entregaram. **(Diário de Waldemar Nogueira Ramos)**

A senhora Mundoca (Raimunda Martins Porto), dona da casa que recebeu o missionário em Aragarças, teve nesse momento uma das primeiras convertidas na cidade, D. Nina, que se converteu depois dessa visita. D. Mundoca relata como foi esse momento descrito por Waldemar em seu diário:

[...] E aí a Nina veio visitar a minha irmã (*Sofia*) que estava doente, e me perguntou se eu aceitaria um culto, aí olha! Do jeito que vocês tão; acho que ela viu a pobreza nossa assim, nossa deficiência nossa que tava demais. Ela falou: eles ora e Jesus cura, aí vai melhorar a vida de vocês, vocês não querem aceitá? Aí eu falei, e perguntei a ele, ele tava aí ele tinha chegado, meu marido, fui e perguntei ele. Emídio a Nina tá perguntando se nós aceita, porque eu era casada, tem que saber dele né. Pode vim Mundica. Aí ela falou: então amanhã quatro horas nós, estaremos aqui, certim? Quando foi, aí quando foi quatro hora o Waldemar chegou, ele era um senhor assim de idade, gordo, uma pessoa muito simpática um pessoa cheia de Deus, aí ele uma pessoa muito cheia de Deus, aí ele chegou mais a Nina, a mulher do Amado, parece mais um cunhado dele, e duas moça do Iporá, elas era da minha cor moreninha, cantava muito bem, essas moças lá do Iporá, aí ele chegou o primeiro hino que ele cantou foi o hino quinze, o segundo foi aquele trezentos e três!? (CANTANDO) “quando o sol brilhar em qualquer lugar” é o cento e três? Parece que cento e três. Esses dois hinos ele cantou primeiro, aí ele fez pregação, aí eu não lembro aonde, ele fez a pregação. Ele prego, essas moças cantaram no final também, as morenas, que tava com ele, ele pregaram, quando eu pensei na minha vida do jeito que tava derrotada, derrotada (VOZ TREMULA) morando num barraco sem porta, com minha irmã doente, sem nada sem salário, sem salário, não como tava vivendo, aí eu lembrei, eu chorei demais, tinha uma prima minha também junto, uma prima minha que veio do norte tava aqui comigo, ela hoje mora na vila Ceará! Aí ele, ele perguntou: Que, naquele tempo falava: Quem quer entrega pra Jesus? Quem quer aceitar Jesus com seu salvador? Jesus fará tudo na tua vida, né, ele vai agir na sua vida! Todas áreas da tua vida! Aí nós arribemos o braço, meu marido foi o primeiro. [...]. Então foi uma coisa muito boa, e aí ele, ele ficou muito alegre contou pro irmão Divino que tinha feito trabalho aqui em Aragarças né, que achou uma família pobre, muito pobre, que ele tinha feito, que tinha feito culto [...] **(Entrevista realizada em Aragarças, 2011).**

Analisamos no testemunho, algumas representações de fé e também algumas práticas características da Igreja Assembleia de Deus. A senhora Nina, que foi visitar a irmã da senhora Raimunda, foi uma das primeiras pessoas a se converterem na cidade de Barra do Graças, juntamente com sua família e desde já, a partir da nova fé que aderiu, passou a crer que esta fé seria a solução de todos os problemas que afligem o ser humano, assim como creem os grupos pentecostais de modo geral que Jesus é o único caminho de felicidade nesta vida e também de salvação em uma vida pós-morte. Observamos, segundo, o relato da senhora Raimunda, que Nina, ao perceber a situação em que eles se encontravam – pobreza e doença – oferece o que para ela seria a solução: a fé. Segundo as representações da fé pentecostal, Jesus cura as doenças físicas e também as de âmbito espiritual e emocional. Nesse sentido, ela propõe o primeiro culto, que foi realizado em Aragarças, visando resolver a situação de dificuldade que passava aquela família ao afirmar: “*eles ora e Jesus cura, aí vai melhorar a vida de vocês*”.

Desde o princípio da Igreja Assembleia de Deus no Brasil, a visita às casas para pregar e orar pelas famílias é uma prática comum. É um dos mecanismos de evangelização utilizados ainda hoje, principalmente em comunidades mais carentes, justamente pela fé que sustenta que Deus resolve todos os problemas, seja de ordem “material ou espiritual” conforme afirmam. Na prática dessas visitas, geralmente são realizadas pregações sobre trechos da bíblia e cantam-se hinos (músicas) específicos do meio pentecostal, com mensagens alusivas à proposta de conversão. Segundo a senhora Raimunda, o primeiro hino que eles cantaram²⁷ foi o hino 15. No hinário da Igreja Assembleia de Deus (Harpa Cristã), em que as músicas são enumeradas, o hino de número 15 é um dos mais utilizados em eventos de evangelização, seja em cultos nas casas ou em praça pública, devido à ênfase que a letra da música dá à crença no sacrifício vicário de Jesus na cruz a fim de promover a salvação da humanidade.

15 - Conversão

I

Oh quão cego eu andei e perdido vaguei longe, longe do meu Salvador, mas do céu ele desceu e Seu sangue verteu pra salvar um tão pobre pecador.

Refrão

Foi na cruz, foi na cruz onde um dia eu vi meus pecados castigados em Jesus. Foi ali, pela fé, que meus olhos abri e agora me alegro em Sua luz.

²⁷ As músicas tradicionais da Igreja Assembleia de Deus estão organizadas no hinário denominado Harpa Cristã. São utilizados com parte da liturgia da Igreja em todos os seus trabalhos sendo cantados por toda a congregação. Eles são ordenados no hinário por números e em sua estrutura a maioria deles se divide em estrofes e refrão. Na execução dos hinos, a cada estrofe cantada repete-se o refrão, parte que contém a mensagem principal da canção, reforçando assim o que se pretende ensinar por meio da música.

II

Eu ouvia falar dessa graça sem par que do céu trouxe nosso Jesus, mas eu surdo me fiz, converter-me não quis ao Senhor que por mim morreu na cruz.

III

Mas um dia senti meus pecados e vi sobre mim a espada da lei. Apressado fugi, em Jesus me escondi e abrigo seguro nEle achei.

IV

Quão ditoso, então, este meu coração, conhecendo o excelso amor que levou meu Jesus a sofrer lá na cruz pra salvar um tão pobre pecador.

(H. Maxwell Wrigth, Harpa Cristã, 2008)

O outro hino que a senhora Raimunda lembra que o missionário e sua equipe de visitas cantaram naquele culto em sua casa, foi o de número 303, que também é muito utilizado como meio de evangelização, por trazer uma mensagem de dependência com Jesus em todos os momentos da vida, seja de alegria ou de tristeza. O que na percepção do missionário, pelo que entendemos, era bem indicativo naquele culto/visita.

303 - Precisamos de Jesus

I

Quando o sol brilhar em qualquer lugar, tu precisas de Jesus. Quando escurecer, tudo fenecer, tu precisas de Jesus!

Refrão

Eu preciso de Jesus, tu precisas de Jesus. Pecador vem para a luz que resplandeceu na cruz; tu precisas de Jesus!

II

Pra obter perdão, plena salvação, tu precisas de Jesus. Para caminhar firme, sem errar, tu precisas de Jesus!

III

Mesmo havendo paz, calma mui veraz, tu precisas de Jesus. Na perseguição, na tribulação, tu precisas de Jesus!

IV

Quando a morte entrar em teu próprio lar, tu precisas de Jesus. Ante o tribunal, decisão final, tu precisas de Jesus!

(Emílio Conde, Harpa Cristã, 2008)

Assim, a mensagem de fé pregada pelo missionário Waldemar Nogueira Ramos por meio dos hinos e do texto bíblico, levou a senhora Raimunda e sua família a refletirem sobre a situação em que se encontravam: *“eu pensei na minha vida do jeito que tava derrotada, morando num barraco sem porta, com minha irmã doente, sem nada, sem salário... eu chorei*

demais”. Percebemos aqui o caráter emocional da fé pentecostal, a forma como sua proposta de uma “vida melhor ao lado de Jesus” se torna um forte apelo para as pessoas mais pobres e carentes.

O modo como o convite para aceitar a nova fé foi exposto pelo missionário dava mais ênfase a uma reflexão sobre suas vidas e também fomentava a esperança de mudança, quando ao final do culto ele disse: “*Quem quer aceitar Jesus com seu salvador? Jesus fará tudo na tua vida... Ele vai agir na sua vida! Todas as áreas da tua vida!*”. Assim, com a perspectiva de melhoria na condição de vida se deu as primeiras conversões na cidade de Aragarças. A partir deste momento, a casa da senhora Raimunda se tornou o principal ponto de pregação na cidade.

[...] ai o irmão Waldemar, disse: Dia tal nós estaremos aqui novamente. Quando ele falava assim, eu confia nele irmão! Ele quando foi naquele dia, no outro dia ele veio mais gente com ele, e ele prego maravilhosamente, e o povo entregando, e aí as vizinhanças o povo aculá que tava morando nos barraco por ai, vieram entregando todo mundo. Essa mulher não veio à igreja entregou, ai depois de um passar de tempo Waldemar comprou uma casa na rua de lá, Rua 10, a rua tava começando também, comprou uma casa, tudo de palha também, e ai troco com ela e fez questão de deixar a igreja na rua aonde foi aberta o trabalho da Assembleia de Deus, disse: Eu quero deixar aqui, nessa rua, porque foi nessa rua que o trabalho foi aberto. Era minha casa, meu rancho [...]. **(Entrevista realizada em Aragarças, 2011)**

Observamos que no relato da senhora Raimunda, a sociedade da região tinha preconceitos sobre o movimento pentecostal. Atribuía suas liturgias às ações satânicas, ao ponto de varrer sua casa depois do primeiro culto que foi realizado.

[...] daí veio os vizinhos, os vizinhos chegaram, tinha aqui perto e disse: “Vocês tão ficando loco aceitando esse povo, é o satanais, cadê a vassoura aí? (RISOS!) pegaram a vassoura e meteram, vassoura na cassa: “tira essa terra daqui agora!”. Tiraram a terra todinha, que era só terra que tinha né, tiraram aquela terra. “Isso aqui é satanais, oceis não aceita não que oceis já tão deste jeito, oceis vão aceita esse povo, esse povo e pentecoste, isso é do diabo, esses pentecoste [...]”. **(Entrevista realizada em Aragarças, 2011)**

Ela ainda nos conta que os novos convertidos ao pentecostalismo na cidade de Aragarças sofreram retaliações por parte das pessoas da cidade quando iam realizar seus cultos e também em outras ocasiões corriqueiras. Nesse sentido, ela relata que:

[...] nós orava na parede de palha e o povo jogando pedra. Ah como o povo jogava pedra, ah mais o povo jogava pedra em nós, jogava pedra, tahhh! (*som da pedra quando jogada*) deste jeito as coisas. Lavar roupa nois ia, não tinha água na cidade, nós ia lavar roupa no rio. Chegava lá nosso, nosso grupo de crente era separado, nós ficava separado ali, as muié passando ali só jogando indireta metendo o pé e tudo e nós ai aguentando tudo, quantas veis nós tava orando ai as pedra caia, mais

naquele tempo Jesus operava, Jesus operava, naquele tempo [...]. A sociedade tinha a igreja como nada, a Assembleia de Deus eles tinha como só cê vendo, cada queria falar uma coisa, cada uma queira desfazer do trabalho da Assembleia de Deus, mais o pastor que abriu aqui o irmão Valdemar ele era assim, ele não ligava pra isso não, não ligava não ele disse que Deus é sobre todas a coisas, era o que ele falava: Irmão não importa com isso não, com essas pedras, Deus é sobre todas as coisa, e vocês vão ver. Hoje em dia aquele povo todinho é crente, [...], ainda mais a Assembleia de Deus era igreja que eles mais implicava. Eu não sei, porque eles implicava com a Assembleia de Deus, porque gritava demais, porque naquele tempo os crente orava estressado (*risos*), não tinha esse negócio de ora baixo não, a gente orava era mesmo [...] **(Entrevista realizada em Aragarças, 2011)**

Como resultado de suas pregações e de seu trabalho de discipulado, no dia 05 de fevereiro de 1956, Wademar Nogueira Ramos batizou quatorze novos convertidos, sendo dez destes da cidade de Aragarças (08 homens e 06 mulheres). Ao que se pode observar, em Aragarças, seu trabalho missionário estava tendo mais êxito do que na cidade de Barra do Garças e nesse sentido, ele toma a decisão de estabelecer a Igreja na cidade de Aragarças-GO.

[...] Passei uns dias em Iporá, e quando regressei a Aragarças, não tive direção de ir mais para Barra do Garças. Aluguei a casa do irmão José Clemente e passei a fazer os cultos na referida casa. Mudaram-se para Aragarças, também irmão Antonio Pernambuco e Amado Alves. Passando a funcionar a sede em Aragarças e a fazer cultos em Barra do Garças 2 vezes por semana. **(Diário de Waldemar Nogueira Ramos)**

Após passar alguns dias na cidade de Iporá-GO, Waldemar Nogueira Ramos retornou para Aragarças. Diz ele que “não teve direção de ir mais para Barra do Garças”. Essa direção, segundo sua representação de fé, foi o sentimento que recebeu do próprio Deus que o trabalho não deveria ser estabelecido em Barra do Garças. Entendemos que essa escolha está relacionada ao fato de que seu trabalho missionário estava crescendo mais na cidade de Aragarças que na cidade de Barra do Garças.

Tomada a decisão de implantar a Igreja Assembleia de Deus na cidade de Aragarças e não em Barra do Garças, Waldemar Nogueira Ramos aluga uma casa para funcionar a sede da Igreja em Aragarças e passa a manter um ponto de pregação em Barra do Garças duas vezes por semana. E assim, implanta-se oficialmente a Igreja Assembleia de Deus na região do Vale do Araguaia, tendo como sede a cidade de Aragarças. Devido ao número já expressivo de fies, a casa alugada para servir como templo já não comportava seus membros, surgindo assim a necessidade de transformá-la em um templo. Começa, então, a campanha para a construção do templo:

02/09/1956 - Como já o salão não mais comportasse o número de salvos, resolvemos, conjuntamente lançar mão a obra, adquirir a referida onde funcionava os cultos e amplia-la para do Senhor, angariamos as primeiras ofertas e ao adquirir a

casa por \$ 9.000,00 iniciamos a obra que ora apresentamos ao Senhor para sua casa de oração. Segue a lista dos ofertantes para referida construção:

Item	N o m e s	Valor
01	José Ferreira Lima	200,00
02	Waldemar Nogueira Ramos	5.000,00
03	Antonio Pedro Lima	5.000,00
04	Euclide de Secohise e Família	250,00
05	Delmira Ribeiro	100,00
06	Naftali Jesuína Raul e João Rosa 20,00 cada	80,00
07	Manoel José Lourenço	100,00
08	Congregação Santa Marta	550,00
09	Oferta Anônima	50,00
10	Campo José Ferreira	1.092,00
11	Antonio Ferreira, Bento 21,00 cada	42,00
12	Elpidio José Farias	500,00
13	Congregação Córrego Dantas	114,00
14	Congregação Jacuba e Jacubinha	362,00
15	Manoel Gonçalves e Família	300,00
16	Congregação Ivolândia	770,00
17	Congregação Burity	439,00
18	Gilberto Freitas 50, Itamar e Família	141,00
19	Jacob 5,0 Hilson 20,0 Corneli 30,0	55,00
20	Sebastião e Família 100,00 Nicanor e família 100,00	200,00
21	Álvaro 50,00 Vdjas 20,00 J. Pitila 50,00	120,00
22	F. Porto 50,00 Serafim 20,00 Manoel 10,00	80,00
23	Campo Geraldo Delfino	675,00
24	Congregação Campo Limpo	1.025,00
25	Congregação Morro Alto	172,00
	Soma	17.418,00

(Diário de Waldemar Nogueira Ramos)

As doações recebidas vieram dos membros da igreja, inclusive dele e de ofertas anônimas. Como é comum nesse tipo de grupo religioso, ele se autofinancia. É importante destacar, ainda, que muitas contribuições vieram das igrejas que faziam parte do campo de Iporá como a Congregação Santa Marta, Congregação Jacuba e Jacubinha, Congregação Ivolândia, Congregação Burity, Congregação Campo Limpo e Congregação Morro Alto. O que chama a atenção é que essas igrejas-congregações fazem parte do ministério eclesiástico da igreja de Iporá, que a princípio não se entusiasmara com o projeto de evangelização da região do Vale do Araguaia. Como vimos, chegou ao ponto de Waldemar Nogueira Ramos se dispor a vir sozinho e por conta própria. Ao que parece, percebendo que os trabalhos evangelísticos dele lograram êxito, decidiram contribuir para que este se estabelecesse. Com o montante levantado com as doações recebidas, Waldemar Nogueira Ramos construiu uma casa que funcionou como primeiro templo.

FIGURA 3 - Primeiro templo da Igreja Assembleia de Deus em Aragarças-Go.



Joaquim Alves de Sousa e família e Antônio Alves.

Fonte: Acervo Igreja Assembleia de Deus – Ministério Madureira – Barra do Garças - MT

Na imagem acima, observamos que a construção do primeiro templo não seguiu uma arquitetura típica de igreja, mas sim das casas populares que estavam sendo construídas naquele momento pelos operários da Fundação Brasil Central. Lembra a senhora Raimunda que era uma casa simples de tijolo e telhas comuns, no estilo cupiá. Ali fizeram os primeiros cultos oficiais da Igreja Assembleia de Deus na cidade. Ali se convertiam os novos adeptos da mensagem pentecostal.

Entre o período de 28 de agosto de 1955 a 14 de fevereiro de 1960, conforme registrado em seu diário, foram batizadas 254 pessoas no campo de Aragarças, que incluía nesse primeiro momento o povoado de Pindaíba (hoje Indianópolis, distrito de Barra do Garças, às margens da BR. 158) e as cidades de Ribeirãozinho-MT, Nova Xavantina-MT e Torixoréu-MT. Destes, apenas 179 continuaram membros da igreja.

Analisando o perfil desses convertidos, observamos que 111 homens e 133 mulheres. Ele registra o fim de seu trabalho aqui na região do Araguaia com a seguinte anotação:

Movimento Geral do Campo, pelo Ev. Waldemar Nogueira Ramos, finalizou com os seguintes dados: evangelizados e batizados, segundo a ordem de Jesus Mt 28.19, batizados em Águas: 249.

Mudaram	14
Faleceram	05
Excluídos	44
Com Carta de Recomendação	02

Em Comunhão	189
Campo de Aragarças	165
Distribuídos Assim:	00
Aragarças	64
Indianópolis	39
Xavantina	19
Torixoréu	03
Córrego Membeca (Bom Jardim)	12
Ribeirãozinho	37
Sub Total	174

Observação:

Depois de fazer o relatório supra batizei 5 irmãos, 4 de Aragarças e 01 Membeca (Bom Jardim), fechando meu ministério com 254 batizados: 179 membros no campo, Glória a Deus, a quem pertence toda glória e honra, amém e sempre, Waldemar N. Ramos. (**Diário de Waldemar Nogueira Ramos**).

Nos chama a atenção nesse quadro de “Movimento Geral do Campo” o número de “excluídos”. O termo foi utilizado até o início dos anos 2000 e ainda é em alguns locais para se referir àqueles que foram “excluídos do rol de membros”, “excluídos da comunhão”, ou seja, destituídos da condição de membro da igreja por ter descumprido alguma doutrina ou costume da igreja. Essa era uma forma que a igreja utilizava para punir e dar satisfação para a sua comunidade e para a sociedade que aquele indivíduo não pertencia mais à igreja, devido a suas atitudes contrárias aos preceitos que ela estabelecia. Quando um membro era excluído, o fato era registrado em ata, inclusive especificando o “pecado” que este cometeu. No dia da Ceia do Senhor, culto em que é celebrada a comunhão da igreja, a ata era lida para que todos soubessem que, a partir daquela data, aquele membro não fazia mais parte da comunidade. Lembra a senhora Raimunda Martins Porto de um dos casos de exclusão que mais chamou a atenção da igreja nesse contexto.

[...] o primeiro crente que foi excluído nessa igreja, a igreja todinha choro [...] todinha a igreja chora, a igreja tava cheinha né, que ele tava [...] eu sonhei ele tava fumando, e acho que ele tava mesmo! E aí logo foi confessado o pecado lá, fez a ata lá da exclusão né, e a igreja todinha chorava que soluçava dentro da igreja, naquele tempo tinha amor [...]. (**Entrevista realizada em Aragarças, 2011**).

Após sua estada na região do Vale do Araguaia, Waldemar Nogueira Ramos foi transferido para a cidade de Anápolis-GO para resolver um problema na igreja de lá, que estava enfrentando uma cisão, falecendo no final do ano de 1962, após ter reorganizado a igreja Assembleia de Deus – Ministério Madureira naquela cidade.

3.3 – Seguindo a missão

Com a saída de Waldemar Nogueira Ramos, em seu lugar, veio para assumir o pastorado da igreja em Aragarças o evangelista Durvalino Nogueira de Souza que, na ocasião, tinha a função de vice - pastor na cidade de Iporá-GO. Lembra sua esposa, a senhora Julieta, que o aviso de que ele deveria vir assumir a direção da igreja em Aragarças se deu por meio de um programa de rádio.

[...] Ele tava ouvindo o rádio lá em casa, na sala lá quando falou lá no rádio lá: Pastor Durvalino vai pra Barra do Garças, pega sua mudança a vai pra Barra do Garças. E ele mais que depressa foi arrumar pra nós ir pra Barra do Garças. **(Entrevista realizada em Goiânia - GO, 2005).**

Nesse contexto, segundo os costumes da igreja Assembleia de Deus, os membros não podiam ouvir outras programações do rádio que não fossem os programas evangélicos. Devido à dificuldade de comunicação, segundo a senhora Julieta, era comum que alguns dos recados e decisões da igreja fossem transmitidos via programas de rádio para as igrejas que estavam distantes de Goiânia, onde concentrava os trabalhos da igreja no Estado. Assim, era de suma importância ouvir os determinados programas para se inteirarem do andamento dos trabalhos e receber algumas notificações. E assim, por meio de um recado transmitido pelo rádio, Durvalino Nogueira de Souza foi enviado a Aragarças para substituir Waldemar Nogueira Ramos.

Um fato que chama a atenção no relato da senhora Julieta é a subordinação com que Durvalino recebeu o aviso, pois *“ele mais que depressa foi arrumar pra (...) ir pra Barra do Garças”*. No modo de organização da igreja Assembleia de Deus foi estabelecido desde os primórdios de seu trabalho no Brasil e em todas as regiões onde se estabeleceram que os líderes que estão à frente do trabalho encontram-se sob a orientação de Deus e, portanto, todas as decisões que tomam refletem sua vontade. Segundo essa prática advinda de sua representação de fé, nesse contexto, os pastores locais que estavam subordinados às lideranças regiões e assim subsequentemente num escala hierárquica, não discutiam e nem contestavam as transferências de uma igreja para outra. Atualmente essas reorganizações de lideranças não ocorrem de forma tão arbitrária como antes. Percebe-se uma abertura das lideranças para o diálogo e a negociação que envolve outros interesses além de tão somente o trabalhado da igreja.

Durvalino Nogueira de Souza foi para Aragarças levando consigo o diácono Joaquim Alves de Sousa, que era responsável pela igreja em Jaupací-GO, quem ele escolheu para ser seu auxiliar. Nesse período, os trabalhos já estavam estabelecidos mais ainda em fase inicial. A igreja carecia de membros e para conquistá-los, Durvalino adotou como forma de trabalho evangelístico os “cultos ao ar livre”.

[...] Com a igreja implantada em Aragarças, realizava culto ao ar livre nas praças de Barra do Garças e era incomodado e perseguido pela igreja católica que não queria aceitar a presença da Assembleia de Deus na cidade. Porém era difícil um final de semana que não houvesse culto em praça pública. Por volta de quatro ou cinco horas da tarde eram distribuídos folhetos, hinos eram cantados e a Palavra do Senhor era pregada [...]. (NOLETO, 2005: 44).

Sobre isso relata a senhora Julieta que:

[...] Nós fazia culto ao ar livre. Todo domingo a tarde fazia culto ao ar livre. E as freiras a mando do padre atacava sabe?! [...] Atacava imprecando sabe?! Querendo proibir. Queria era proibir, mas não conseguiram não. [...] Era na rua né, era público os cultos. (**Entrevista realizada em Goiânia - GO, 2005**).

Essa prática foi por muitos anos, e ainda é hoje, uma das principais formas utilizadas pela igreja para propagação da mensagem evangélica e pentecostal. Os chamados “cultos ao ar livre” ou “cultos em praça pública” consistiam em um culto num local estratégico, geralmente um com grande fluxo de pessoas, onde o pastor e alguns membros cantavam para atrair a atenção dos transeuntes e após reunirem algumas pessoas interessadas no movimento que estava acontecendo, era “pregada” ou feita uma preleção de uma mensagem bíblica de cunho proselitista. Enquanto isso, folhetos contendo também mensagens bíblicas e um convite para irem visitar a igreja ou os locais de cultos eram distribuídos aos que não queriam parar para assistir as reuniões. Nesse contexto, foram muitos os adeptos que a igreja conseguiu com essa forma de trabalho. Muitos que assistiam os cultos nas praças e recebiam os folhetos, procuravam as igrejas posteriormente para conhecer e acabavam se convertendo.

Durante o período que o Durvalino Nogueira de Souza esteve a frente dos trabalhos em Aragarças-GO, também procurou focar seus trabalhos evangelísticos em pontos de pregação estabelecidos por Waldemar Nogueira Ramos. Alguns desses pontos eram distantes da cidade de Aragarças até 150 km, para onde ia muitas vezes a pé, de bicicleta, canoa e também de carona para dar assistência aos membros dessas localidades celebrando alguns rituais que só o pastor poderia realizar como a Ceia do Senhor e os batismos nas águas como afirma Noleto (2005: 44). Percebemos de forma contundente as representações de fé destes homens ao se sentirem imbuídos de uma tarefa emissária de uma crença.

Em janeiro de 1962, o pastor Durvalino é transferido de volta para Iporá-Go. Em seu lugar, assume a direção dos trabalhos na cidade de Aragarças o então diácono Joaquim Alves de Sousa, que se tornaria um dos mais importantes pastores da Igreja Assembleia de Deus na região e, posteriormente, nos estados de Goiás e Mato Grosso. Joaquim Alves de Sousa, garimpeiro, converteu-se ao pentecostalismo, juntamente com sua esposa, em uma igreja no garimpo do Bosque, onde trabalhava nas proximidades da cidade de Israelândia-GO, depois de acreditar ter sido “visitado por Deus em um sonho”. Segundo o relato de sua esposa, a senhora Angelina:

[...] Deus falou com ele em sonho né. Mostrou pra ele. No outro dia ele amanheceu transformado. Lá em cima do mochão onde ele trabalhava tava com tudo aquele embornalzinho de fumar tudo que ele tava, Deus transformou, ele jogou fora, deu pra um rapaz lá e continuou. Daquele dia em diante ele foi transformado por Deus. **(Entrevista realizada em Ribeirão Cascalheira - MT, 2005).**

Mais uma vez percebemos o sonho presente nas representações de fé, onde os fieis pentecostais creem ser um dos meios utilizados por Deus para se comunicar com aqueles que têm fé. Sua esposa, Angelina, acreditava que foi necessário que ele fosse evangelizado pelo próprio Deus, devido ao medo que as pessoas tinham de pregar o evangelho para ele, pois sempre maldizia a igreja e levava tudo em brincadeira.

[...] Creio que foi Deus, porque nunca ninguém tinha coragem pra chegar perto do Quinca pra pregar, não, porque o Quinca levava tudo em brincadeira, tudo e falava palavrão sobre a igreja e eles não tinham coragem. Mas Deus transformou e ele arrependeu né. Lá em cima do mochão ele aceitou Jesus. Daquele dia em diante sempre foi um verdadeiro crente, batizado com o Espírito Santo porque Jesus batizou ele e chamou pra obra. **(Entrevista realizada em Ribeirão Cascalheira - MT, 2005).**

A conversão de Quinca, como era conhecido, causou estranheza na comunidade que fazia parte, devido ao estilo de vida antagônica que levava, totalmente distinta dos preceitos pregados pela igreja. Nesse contexto, a igreja exigia de seus fieis um comportamento que os identificassem e os distinguíssem no meio em que estavam inseridos. Mas, segundo relata sua esposa, desde sua conversão Joaquim Alves de Sousa demonstrou estar disposto a assumir os compromissos com os preceitos de sua nova fé e logo se dedicou aos trabalhos evangelísticos de propagação da mesma. Ele veio para a cidade de Aragarças, acompanhando Durvalino Nogueira de Souza, onde encontraram Waldemar Nogueira Ramos. Por um curto período, os três missionários pioneiros trabalharam juntos na evangelização da região.

FIGURA 4 – Primeiros Missionários da Assembleia de Deus na região do Vale do Araguaia.
(Da esquerda para direita: Durvalino Nogueira de Souza, Joaquim Alves de Sousa e Waldemar Nogueira Ramos.)



Fonte: Acervo Igreja Assembleia de Deus – Ministério Madureira – Barra do Garças - MT

No tempo em que Joaquim Alves de Sousa estava à frente dos trabalhos em Aragarças, a igreja começa a tomar configuração aos moldes de outros lugares onde já havia sido implantada.

Nesse período, a igreja era um simples salão com paredes de adobo, coberto de telhas comum e com madeiras roliças. Os membros eram simples, mas cheio do poder de Deus. Nos cultos, realizados também de maneira simples, às vezes até em locais improvisados [...]. Em todos os cultos o Senhor batizava com o Espírito Santo e realizava muitas curas e maravilhas. (NOLETO, 2005: 48)

No relato é perceptível a ênfase que é dada à simplicidade, tanto do templo, quanto dos fieis, fazendo uma observação que mesmo assim “o poder de Deus” estava com a igreja e com o povo. Nas representações de fé do movimento pentecostal, o “poder de Deus” é o símbolo da aprovação do agrado Dele sobre algo que está sendo realizado em Seu nome ou para Ele. Esse “poder de Deus” se configura nas práticas religiosas pentecostais por meio das manifestações do Espírito Santo, seja com o fenômeno da glossolalia, como também com os diversos dons espirituais que creem receber por meio do Espírito Santo. Nesse sentido, ela acrescenta que era comum em todos os cultos tais fenômenos espirituais.

Os fieis pentecostais consideram que a fé é vital para sua fé, essa é a prova de que Deus está agradando-se de sua prática e respondendo isso por meio das manifestações do

Espírito Santo, seja na coletividade (igreja enquanto membros) ou na individualidade (nos momentos de devoções individuais). Sentir “a presença do Espírito Santo”, como descrevem, é a garantia de que o fiel está “vivo espiritualmente”, conforme expressam. Dessa forma, uma igreja ou um indivíduo que se diz pentecostal que não sente e vive manifestações constantes do “poder de Deus” está morto espiritualmente.

Essas representações de uma vida intensa e diária com Deus, em busca de uma vivificação constante leva-os a algumas práticas individuais e coletivas que lhes garantem esse contato pessoal e diário com Deus. Entre alguns, podemos citar as reuniões de oração nos templos. Ocorrem na madrugada (Oração da madrugada), logo pela manhã (o Círculo de Oração) e também em cultos específicos denominados “cultos de oração”. Geralmente são nesses momentos que ocorrem, de forma mais abundante, as manifestações do Espírito Santo, por estarem os fieis num momento de devoção e, portanto, mais propensos às práticas de sua fé.

Relatou a senhora Angelina que:

[...] Em Aragarças teve uma mulher de Caiapônia e ela tava com quisto e que parecia que era mulher pra ganhar menino sabe?! Então ela veio pra ir pra Brasília [...] e nós buscava a Deus pra Deus realizar alguma coisa né e que o povo viesse ver que Deus era Deus. E ela foi lá pra casa. Chego lá ela disse que ia pra Brasília pra ser operada e aquela enorme barriga e eu olhava assim e ficava pensando eu vou pra oração de madrugada e ela foi mais nós e chegando lá Deus curou aquela mulher daquela enfermidade. Ela ia no outro dia viajar pra Brasília e quando foi a noite nós fomo pra oração de madrugada e Jesus realizou aquela grande obra. Isso foi um testemunho que todo mundo viu. Aquilo Deus mandou uma máquina, mueu aquela enfermidade que tava com ela e ela deu uma grande hemorragia e ela me chamou: vem aqui irmã Angelina. E eu fui com ela chego lá ela falou: tô passando muito mal, tô com uma hemorragia não tô entendendo o que é isso. Mas Deus fazendo a obra. No outro dia ela amanheceu completamente curada [...] **(Entrevista realizada em Ribeirão Cascalheira - MT, 2005).**

Segundo suas representações de fé, o poder de Deus, por intermédio da oração dos fieis, operou um milagre que foi visível a toda a comunidade. Outro milagre também relatado pela senhora Angelina, ocorrido durante o período de pastorado de seu esposo se deu no dia em que os fieis estavam reunidos na igreja num momento de oração e repentinamente entrou uma mulher, carregando nas costas seu filho que era deficiente. Angustiada, pediu que orassem pelo seu filho, o qual do instantaneamente curado da deficiência e saiu andando dali aos olhos de todos os presentes. Quando relatou tais milagres, era grande a convicção que tinha em suas representações de fé. E assim, os trabalhos na região do Araguaia iam seguindo com um desenvolvimento paulatino, mas constante.

No final do ano de 1964, Joaquim Alves de Sousa foi transferido para pastorear a igreja na cidade de Amarinópolis-GO, sendo substituído por Valdomiro Raimundo de Souza, que dirigia a igreja em Jaupaci-GO. Contudo, cinquenta e dois dias após, os dois evangelistas tiveram que voltar as suas antigas igrejas, pois os membros da igreja em Jaupaci solicitavam, de forma inegociável, a volta de Valdomiro Raimundo de Souza. Dessa forma, Joaquim Alves de Sousa retorna a Aragarças, estando à frente da igreja por mais quase três anos até ser transferido para auxiliar como vice a igreja na cidade de Anápolis-GO. Para substituí-lo, retorna Valdomiro Raimundo de Souza.

3.4 – De volta à origem: rumo ao desenvolvimento

Foi durante o pastorado de Valdomiro Raimundo de Sousa que a Igreja Assembleia de Deus se consolidou como uma estrutura organizada, eclesiástica e organizada administrativamente, na região do Vale do Araguaia. O período em que esteve à frente dos trabalhos na região compreende do ano de 1968 a 1975, contudo, a fim de nos determos ao nosso objeto de pesquisa e seu recorte temporal, analisaremos esse período até o início do ano de 1969, quando foi inaugurado o primeiro templo da igreja Assembleia de Deus na cidade de Barra do Garças, estando ela já devidamente registrada em cartório com estatuto de instituição religiosa que legalizava seu funcionamento.

Quando Valdomiro Raimundo de Sousa veio pela segunda vez pastorear a igreja em Aragarças, esta ainda era um projeto missionário da Igreja de Iporá, seguindo o ideal do evangelista Waldemar Nogueira Ramos e do pastor Divino Gonçalves. Ainda era uma igreja-congregação do campo de Iporá sem autonomia. Ele relata que: *“Eu encontrei um trabalho devastado não pelo meu pastor, pela consequência de pobreza que tinha na região”*. Contudo, ela configurava uma igreja numa região de fronteira de intenso fluxo migratório, com grandes possibilidades de crescimento em toda a região e também no estado de Mato Grosso. Tal realidade não demorou ser constatada por outros seguimentos da própria igreja Assembleia de Deus.

Um missionário da igreja nos Estados Unidos em visita à cidade de Aragarças, constatou que os trabalhos ainda não estavam devidamente registrados, e assim ofereceu ao pastor Valdomiro Raimundo de Sousa apoio financeiro ao trabalho, em troca do registro da igreja de Aragarças em nome da Assembleia de Deus dos Estados Unidos. Relata o pastor Valdomiro que:

[...] Pra mim ser sincero, eu achei uma proposta americana de muito valor (...). O avião desceu, que o aeroporto era de cá, chegou na minha casa um senhor galegão, alto, com a mala muito grande nas costas, e eu não entendia o que ele falava. Era um americano. Me fez várias propostas. Ele me perguntou se podia hospedar de baixo de um pé de caju que tinha no quintal e uns pés de coqueiro. Primeiro me mostrou a identidade dele, inglês do lado e por dentro português, de quem era ele. Me mostrou uma credencial de obreiro, de evangelista, inglês e português, aí ficou com a gente lá dois meses e tanto. Aí me disse: Pastor, já é registrado o trabalho? Aí eu falei: Não é. Aí ele disse: Tenho uma proposta para o senhor: nós vamos dar um apoio pro senhor um, apoio financeiro aqui. O senhor vai ter uma boa remuneração, vamos te dar um barco para rio, vamos te dar um carro, o senhor escolhe que carro é; vai ter um salário todo mês. Tem Banco do Brasil aqui? Aí eu falei tem. Todo mês seu dinheiro vai ser no banco daqui. E pontualmente você nos dá um relatório de três em três meses ou converteu ou não converteu, e que tá ocorrendo para o senhor dar um relatório pra gente. **(Entrevista realizada em Iporá - GO, 2005).**

Mesmo a proposta sendo considerável, devido a pouca estrutura dos trabalhos locais, Valdomiro Raimundo de Sousa permaneceu leal ao Ministério de Madureira e a igreja em Iporá-GO, que havia estabelecido a igreja na região e até aquela ocasião era sua mantenedora. Mas, diante da tal situação, ficou evidente a necessidade de registrar legalmente a igreja dando-lhe um caráter oficial aos seus trabalhos.

Por determinação da CONAMAD, a igreja deveria ser registrada na cidade de Barra do Garças. Essa transferência, de Aragarças para a Barra do Garças, foi cercada de muitas discordâncias e descontentamento por parte de alguns fieis que argumentavam ser justo a igreja ser registrada onde foi estabelecida – em Aragarças. Independente das discordâncias dos membros prevaleceu a decisão da CONAMAD que, como órgão máximo da Assembleia de Deus – Ministério de Madureira, tinha autonomia de resolver a questão de forma deliberada.

As explicações sobre tal decisão estão relacionadas mais uma vez às formas das representações de fé do pentecostalismo e é, portanto, prática assembleiana das tomadas de importantes decisões, como pudemos perceber em outros casos semelhantes já abordados nessa pesquisa. Sobre o fato descreve Noleto (2005) que:

Segundo relato do Pastor Divino Gonçalves, ainda no princípio da obra em Aragarças, em uma visita que estava fazendo ao Pastor Waldemar Nogueira Ramos e observando como estava o trabalho, levantou-se bem cedo e enquanto lavava o rosto o Espírito de Deus falara ao seu coração que o trabalho nessa região ia crescer a partir de Barra do Garças; era necessário uma mudança da Sede do trabalho para lá. Ele comunicou o que acontecera com o Pastor Valdemar. (NOLETO, 2005: 59).

É interessante analisar que os fieis têm a compreensão que essa decisão foi tomada em um contexto conveniente para o desenvolvimento da igreja, mas segundo creem, em todos os momentos era o próprio Deus direcionado de acordo com Sua vontade, as circunstâncias

para o crescimento dos trabalhos. Nesse momento, Barra do Garças já havia ultrapassado Aragarças em desenvolvimento econômico e já se destacava como polo na região do Vale do Araguaia. Mesmo com todas as explicações de cunho espiritual que justificavam a transferência da igreja, explicaram para os fieis que os trabalhos seriam transferidos para Barra do Garças, devido o desenvolvimento econômico, mais rápido que o de Aragarças. Dessa forma, havia vantagens em se estabelecer em Barra do Garças, no estado de Mato Grosso.

Para certo grupo, esse foi um processo doloroso, principalmente para os que se julgavam pioneiros do trabalho em Aragarças. A senhora Raimunda Martins Porto, esposa de Emídio Manoel Porto, por ter sido, juntamente com meu esposo, o primeiro casal a se converterem na cidade de Aragarças e tendo sua casa como primeiro ponto de pregação na cidade relata assim esse episódio:

[...] na última vez que o pastor Valdomiro voltou ele não quis ficar aqui, ele foi para Barra do Garças [...] o trabalho foi aberto aqui com o irmão Waldemar como eu te contei compro a casa aqui pra deixar a igreja aonde foi aberto o trabalho da Assembleia de Deus que foi no rancho nosso ali né, então o irmão Waldemar fez questão de deixar a igreja aqui e como ele deixou, já tava a igreja muito grande [...], já tava uma coisa bem organizada, quando, quando o pastor Valdomiro teve aqui foi embora transferido, quando ele voltou foi pra Barra da Garças né. Barra do Garças tava evoluindo muito [...] aí ele fez questão de registrar a igreja lá do jeito que campo foi registrado lá [...] Deus não faz sepição, Deus não faz sepição de cidade boa de cidade ruim, tudo pertence a Deus. Meu marido foi com se diz, foi o primeiro membro daqui, a primeira pessoa que se entregou fomos nós ele e eu, e aí registrou o campo de lá, se papel ele tinha que te conversado isso na igreja daqui [...] **(Entrevista realizada em Aragarças, 2011).**

Para a senhora Raimunda, a decisão foi feita de forma arbitrária, pois não levaram em consideração o que pensavam os membros a esse respeito. A decisão foi tomada sem o conhecimento da comunidade e num determinado dia foi apenas comunicada. Depois, solicitou-se a assinatura de um documento que validava tal deliberação. Ela continua seu relato dizendo que mesmo não concordando, os membros não tiveram coragem de se manifestar, pois todos assinaram. Apenas seu esposo, Emídio Manoel Porto demonstrou descontentamento:

[...] só meu marido que reagiu que não assino no papel, [...] meu marido falou pra ele que ele fez uma coisa muita errada falo: “Pastor você fez uma coisa muita errada, cê é o pastor da igreja cê tem que dá exemplo pra igreja, cê tinha que te conversado isso aqui porque foi aberto o trabalho aqui pelo Valdemar Nogueira Ramos, ele deixou a igreja aqui no meu, meu rancho nu rancho que eu morava aqui”, então ele tinha que te conversado isso dentro da igreja com todo mundo; olha irmão eu querendo fazer isso, isso o que, que os irmão acha de registra o campo em Barra do

Garças, em Barra do Garças ta uma cidade muito evoluída ta evoluindo e o que os irmão acha, ai quando nós recebemo nois tava igreja cheinha de crente pra nós assina todo mundo, pra nois assina o campo lá, se sabe que é lá aqui é congregação [...] todo mundo assino só meu marido que não assino, meu marido fico na porta lá em pé e falo um bucado de coisa lá pra ele não assino: “Eu não vô assiná!” não assino, meu marido não assino [...] **(Entrevista realizada em Aragarças, 2011).**

Podemos perceber que, para o casal, o que mais pesou foi a não participação na tomada da decisão, visto que se consideravam membros importantes no processo de estabelecimento dos trabalhos em Aragarças. É comum no sistema de administração da igreja Assembleia de Deus as decisões não serem tomadas em assembleias, com participação dos membros. Apenas o ministério, composto por obreiros, participam da tomada de algumas decisões. Na maioria dos casos, o próprio ministério é apenas comunicado, juntamente com os membros da igreja de decisões dos líderes. No acontecimento em questão de interesses maiores, na ocasião da Convenção Nacional.

Diante de uma situação como essa, é comum os membros não se rebelarem e se opuserem às decisões tomadas pelo pastor, pois segundo creem, o pastor, enquanto líder espiritual é o “escolhido por Deus” para estar à frente da obra. Assim, qualquer decisão que tomar está dentro da vontade de Deus. Mesmo quando alguma decisão é inegavelmente errada para a comunidade, o pensamento de que ele é um escolhido por Deus, um “ungido” como se referem, leva ao discurso que se ele estiver errado é com Deus que ele entenderá, não cabendo a ninguém questionar. A senhora Elia Cardoso relata que:

[...] aquilo que chegô no conhecimento da gente porque, Barra do Garças era uma cidade já evoluída e que não tinha nem um trabalho aqui. Com a igreja ganhou um lote então na reunião de obreiros eles achou que não eram bem possuir aqui, porque as pessoas nem era daqui deu o lote pra igreja, e ficar parado. Então aí se reuniu o ministério acho por bem construir aqui por esse motivo, porque toda vida Barra do Garças foi mais adiantada de que Aragarças [...] e assim também eles usaram o que já tinha. E nessa época já tinha umas seis, oito famílias crente na Barra, e esse culto era dirigido nas casas, toda semana, tinha o culto nas casas, aí a gente ficava convidando os vizinhos, os amigos pra vim nas casas. Aí foi o tempo que eles achou a necessidade de ter um templo em Barra do Garças. **(Entrevista realizada em Barra do Garças, 2005).**

Desentendimentos à parte, feito o estatuto, em março de 1968 foi registrada a Igreja Assembleia de Deus Ministério de Madureira em Barra do Garças. Em janeiro de 1969, foi inaugurado o primeiro templo da igreja na cidade. Relembra a senhora Elia Cardoso que:

[...] Levantou um templo bem pequenininho. Era bem pequeno mesmo: quatro paredes bem simples, já foi logo cobrindo, rebocou por dentro, parece que tô pensado que nem pintou, nem fez piso, aí já foi dirigindo os cultos. Campanha muito

pouquinho porque era uns irmãos tudo assim fraco né, mais construiu, não demoro não, foi pouco meses mesmo [...] (Entrevista realizada em Barra do Garças, 2005).

As atividades não passaram de imediato para a nova sede, mas ficaram alternando com a igreja em Aragarças. Com o passar do tempo, os trabalhos foram se desvinculando e a igreja em Aragarças, a partir de então, se tornou uma congregação (filial) da igreja em Barra do Garças, ficando conhecida como a igreja da Rua 14, atualmente igreja do Setor Araguaia. Ainda hoje é perceptível o descontentamento de alguns membros da igreja de Aragarças em relação à igreja sede de Barra do Garças. Mesmo não participando do processo de transferência, herdaram do imaginário dos que participaram a insatisfação da forma como se deu a mudança.

3.5 - Migrantes da fé

Ao discorrermos sobre o processo histórico da chegada à implantação da igreja Assembleia de Deus na região do Vale do Araguaia, objetivamos, portanto, argumentar que todo esse processo foi realizado por pessoas que buscavam apenas um propósito: a propagação de sua fé.

Ao virem para um local de grande fluxo migratório que atraía pessoas de várias outras regiões, e até outros países, pelo desenvolvimento econômico, esses fieis aproveitaram o crescimento da região para disseminar a fé pentecostal e implantar a igreja Assembleia de Deus. Nesse sentido, entendemos, por meio da pesquisa realizada, que esses migrantes não visavam lucro financeiro. Não vieram para a região do Vale do Araguaia buscando se beneficiarem do desenvolvimento econômico que o garimpo e os projetos governamentais trouxeram para a região. Mas vieram apenas buscando a expansão da igreja na região.

Buscamos comprovar nossa hipótese, a partir dos relatos de pessoas que participaram desse processo, juntamente com os missionários e pastores, o que consideramos os migrantes da fé.

Sobre Waldemar Nogueira Ramos, o primeiro missionário assembleiano migrante da fé que veio para a região do Vale do Araguaia, encontramos poucas fontes, além de seu diário pessoal. Mas, sobre ele, afirmou o pastor Divino Gonçalves que:

[...] o Pastor Waldemar Nogueira Ramos era natural de Vitória, no estado do Espírito Santo, desquitado, possuía uma fazenda próximo de Iporá que, ao converter-se, vendeu e doou todo o dinheiro para a Igreja da qual era membro,

justificando que não queria ficar apegado às coisas materiais dessa vida. Era formado em Farmácia, profissão que exercia regularmente para tirar seu sustento. (NOLETO, 2005: 40-41).

O pastor Divino Gonçalves, como já dissemos, foi quem junto com o evangelista Waldemar Nogueira Ramos idealizou o projeto de evangelização da região do Vale do Araguaia. Ambos trabalharam no campo da Igreja em Iporá – GO até o momento em que resolveram por em prática os projetos de abertura dos trabalhos da igreja na região. Em seus depoimentos, Divino Gonçalves sempre fazia questão de mencionar que Waldemar Nogueira Ramos era um homem “estudado e de posses” e que não visava lucro financeiro ao aderir à vida de missionário. Ao contrário, conforme afirmou, ele gastou tudo que tinha ajudando as igrejas por onde passava. Segundo sua representação de fé, após a conversão “*não queria ficar apegado às coisas materiais dessa vida*”. A fé justificou a venda de uma fazenda para doar o dinheiro à igreja. Isso reforça nossa hipótese sobre seus ideais e o propósito quanto a sua vinda para a região.

Ainda nesse sentido, quando da indecisão da igreja de Iporá em financiar o projeto missionário de evangelização do Vale do Araguaia proposto por ele e por Divino Gonçalves, ele relata em seu diário que, mesmo não recebendo respaldo financeiro para sua vinda, estava disposto a arcar com seus próprios recursos tal projeto, pois segundo ele:

[...] um fogo elaborava dentro do meu ser desejando vir sem demora pregar o evangelho neste Setor. Pedi ao ministério que me concedesse vir por minha conta sem auxílio algum da igreja [...]. (**Diário de Waldemar Nogueira Ramos**).

O “fogo” a que ele se refere, pode ser entendido como o “chamado de Deus”, representava seus ideais de vir evangelizar a região do Vale do Araguaia. Pelo que pudemos analisar em seu diário, e também nos depoimentos de pessoas que o conheceram e trabalharam com ele no desenvolver de seus projetos, Waldemar Nogueira Ramos não buscava ou espera nenhuma outra recompensa de seus ofícios se não o concretizar de seu grande ideal: ver a igreja Assembleia de Deus implantada na fronteira de Goiás com Mato Grosso, com perspectivas de crescimento na região.

Assim, sendo farmacêutico de profissão, não sobrevivia de salário de igreja, mas segundo os relatos encontrados, vivia da profissão e ainda financiava vários trabalhos missionários. Isso nos leva a caracterizá-lo como um “migrante da fé”.

Ao ser transferido para a cidade de Anápolis, os dois missionários que vieram substituí-lo, também possuíam objetivos semelhantes. Durvalino Nogueira de Souza, Joaquim

Alves de Sousa e Valdomiro Raimundo de Sousa vieram dar continuidade aos trabalhos missionários na região do Vale do Araguaia.

A esposa de Durvalino Nogueira de Souza, a senhora Julieta Maria de Souza, relembra quando chegaram em Aragarças e a realidade que encontraram aqui:

[...] eu lembro só que era uma igreja pequenininha, bem humilde e pobre. Não tinha recurso pra nada. Não tinha renda porque não tinha recurso. **(Entrevista realizada em Goiânia - GO, 2005).**

Pelo que podemos perceber, era de conhecimento deles que a igreja em Aragarças não tinha condições de sustentá-los em suas necessidades básicas – que seria um salário pelo trabalho que vieram desenvolver, muito menos de lhes garantirem uma perspectiva de enriquecimento fácil, como a de muitos que migravam para a região. Eles vieram conscientes de que enfrentariam dificuldades financeiras e privações por causa da fé que os motivavam a migrarem e mesmo assim vieram. Segundo suas representações de fé, possuíam um chamado de Deus para realizarem tal tarefa e o mesmo Deus não os deixariam desamparados. Sobre as dificuldades que passavam em Aragarças, lembra a senhora Julieta:

[...] as dificuldade que tinha é que não tinha condição e dinheiro era muito difícil, quase não tinha também. Inclusive nós não tinha salário porque a igreja não dava conta [...]. Ele (*Durvalino*) era alfaiate e eu na máquina junto com ele, e quando ele viajava eu ficava com os panos cortados lá e ele viajava e eu ficava lá no lugar dele trabalhando. **(Entrevista realizada em Goiânia - GO, 2005).**

O pastor Durvalino, que tinha a alfaiataria como profissão, buscava tirar dela seu sustento auxiliado por sua esposa, pois a igreja não tinha renda financeira que possibilitava dar um salário para eles e para a família de Joaquim Alves de Sousa, que trouxera como auxiliar.

A forma da igreja angariar recursos financeiros, e assim ter uma renda para sustentar seus trabalhos e o pastor, consiste basicamente nas doações feitas pelos fieis de duas formas: o dízimo e a oferta. O dízimo é uma doação voluntária (mas ensinada como uma forma de doutrina) para a igreja de dez por cento do que possuem. Não precisa ser necessariamente em dinheiro, podendo ser também em produtos, segundo o que a pessoa tem²⁸. A oferta também é

²⁸ É comum em muitas regiões, principalmente em pequenas comunidades do interior do país que os fieis faça a doação de seus dízimos com produtos agrícolas, animais, gêneros alimentícios oriundos de suas produções que lhes dão o sustento. Segundo os ensinamentos que a igreja faz sobre essa prática, o fiel é orientado a “devolver”

uma doação voluntária, mas sem um valor estipulado e sem o caráter de mandamento. O fiel doa esporadicamente o valor que quiser. Segundo creem, tanto os dízimos quanto as ofertas são formas de adoração a Deus em forma de gratidão pelas bênçãos financeiras recebidas e também como uma forma de manter a continuidade delas.

No período que estamos abordando, segundo os relatos, a igreja não possuía uma renda. Assim, entendemos que a prática dos dízimos e ofertas não ocorriam de forma suficiente que desse para a igreja sustentar seus trabalhos e as famílias dos missionários que a lideravam. Uma das justificativas para essa carência financeira é precisamente a pobreza da população da cidade de Aragarças, principalmente dos que se convertiam. Relata a senhora Raimunda Martins Porto ao falar sobre essa questão que:

[...] salário aqui ninguém tinha a não ser o pessoal da Fundação Brasil Central. Ninguém tinha salário. Não sei como o pessoal daqui vivia [...]. **(Entrevista realizada em Aragarças - GO, 2011).**

Também sobre esse período, descreve a filha de Durvalino, a senhora Ruth Nogueira, que na época tinha 13 anos de idade e acompanhou o trabalho de seu pai em Aragarças:

[...] Quando nós chegamos em Aragarças, papai era alfaiate, mamãe trabalhava mais papai, e nós se mantinha [...]. À custa da alfaiataria mantinha a nossa família e a família do pastor Quincas, porque a igreja não tinha condições para mantê-lo, nem si quer sustentá-lo em alguma coisa. **(Entrevista realizada em Gurupi - TO, 2005).**

Segundo descreve a esposa e a filha de Durvalino Nogueira de Souza, as privações e a falta de melhores condições financeiras marcaram muito suas vidas em Aragarças. Mas, para elas, a convicção de Durvalino de que estavam ali por um mandado de Deus fazia com que a família aceitasse a situação difícil em que se encontrava. Lembra a senhora Ruth Nogueira que:

Papai era muito de diálogo conosco, principal sobre a obra do senhor. Ele sempre explicava pra nós que ele tinha uma chamada por Deus, e essa chamada que ele tinha por Deus ele transferia para nós filhos e explicava segundo a bíblia pra família ajudar ele e a mamãe na obra. Como nós sempre gostaríamos de obedecê-lo, quando ele nos chamava pra uma campanha espiritual, era os filhos todos, mesmo na idade menor, que era a semana de sacrifício a gente fazia junto com meu pai e minha mãe em benefício da obra. Sempre nos convidava. Suponhamos que hoje era um sacrifício que a gente faria em favor da obra, então era família toda que jejuava e no mesmo horário entregava o sacrifício em favor daquele trabalho que ele ia ministrar aquele dia. Ele sempre transferia para nos filhos que a obra do senhor era muito

a Deus dez por cento do todo que ele lhe proporcionou como forma de gratidão e meio de sustento da igreja e do “sacerdote” que foi escolhido por Deus para cuidar de Seus interesses naquele lugar.

importante não só na vida dele, mais na vida da família e sempre nós fomos testemunho disso e todos nós filhos, todos nós somos crente até hoje e eu creio que até o final de nossos dias. **(Entrevista realizada em Gurupi - TO, 2005).**

Segundo sua filha, o pastor Durvalino considerava importante que a sua família, principalmente os filhos, entendessem o estilo de vida que levavam tinha um propósito que ele denominava de “chamada”. Portanto, buscava convencê-los fundamentando-se na bíblia, usando-a como fonte de justificativa maior de sua representação de fé, a fim de fazê-los entender o trabalho que estavam realizando com tantas dificuldades em Aragarças. Em suas práticas de fé como o jejum²⁹, Durvalino convidava os filhos para participarem buscando ensiná-los como manter suas representações de fé. Nesse sentido, ela atribui o fato de todos os filhos ainda hoje serem fiéis pentecostais aos ensinamentos de seu pai nesse período em que vieram “por fé”, como disse, para a cidade de Aragarças.

Consideramos assim que Durvalino Nogueira de Souza foi um “migrante da fé” por também não visar uma perspectiva financeira. Ele trabalhava como alfaiate, concomitantemente às suas atividades eclesiais, para sustentar sua família e de também a de seu auxiliar. Sobre isso relata a esposa de Joaquim Alves de Sousa, também lembrando o período que vieram para Aragarças acompanhado Durvalino Nogueira de Souza e sua família:

[...] na companhia dele (*Durvalino*) nós sobrevivemos ali sabe, com muita luta que até o Quinca não ganhava nem pro café. Eu fui uma mulher que eu submeti ao trabalho do Quinca no campo. Eu aguentei o trabalho dele no campo porque ele não ganhava e nem eu. Então eu chegando ali as crentes lá elas chegavam e falavam: Angelina aqui pra viver aqui você tem que lavar roupa pros outros. [...] Eu lavava roupa pros outros mesmo pra poder sobreviver junto com minhas duas meninas e Quinca desbravava aí pra Xavantina, Pindaíba, esse mundo pra cá. **(Entrevista realizada em Ribeirão Cascalheira - MT, 2005).**

Num primeiro momento, por um curto espaço de tempo, Durvalino e Joaquim Alves (Quinca) trabalharam juntos na igreja em Aragarças. Mas quando Durvalino retornou para Iporá, seguindo determinações da igreja sede, Joaquim Alves de Sousa assumiu a direção dos trabalhos. A expressão usada pela senhora Angelina, era que seu esposo não ganhava dinheiro da igreja “*nem pro café*”, nos dá a dimensão de que a igreja não gerava renda suficiente para lhes proporcionar o básico. Ela descreveu assim a situação em que se encontravam:

²⁹ O jejum – abstinência total ou parcial de alimentação – tem um grande significado no conjunto de práticas religiosas dos fiéis pentecostais. Segundo creem é uma forma de “quebrantar a carne e fortalecer o espírito”, ou seja, buscar por meio da fé motivações para não praticar atitudes contrárias às doutrinas e costumes por eles seguidos. Na prática do jejum seguem algumas outras práticas como: leitura da bíblia, oração e “estar em Espírito” – estar com a mente voltada os propósitos espirituais do jejum. Os fiéis pentecostais utilizam dessa prática buscando os benefícios de Deus. Sejam para si próprios, para outras pessoas e para os trabalhos da igreja.

[...] nós aproveitamos aquele barracãozinho que tinha ali. Não tinha nada, apenas um banquin e um colchão pra nós dormir. Até no dia que nós chego nós num tinha do que sobreviver com nada sabe?! Tirasse o dinheirinho que nós trouxe de lá desse que Deus deu pra nós, chegamos aí ainda emprestamos pro irmão Waldemar que tava precisando também [...] (**Entrevista realizada em Ribeirão Cascalheira - MT, 2005**).

De alguma forma, teriam que sobreviver para continuar os trabalhos que realizavam pela fé. Antes de seguir uma carreira eclesiástica, Joaquim Alves de Sousa era garimpeiro, mas já não mais trabalhava na função desde o momento que aceitou seguir a vida missionária. Nessa época, a atividade garimpeira já não existia na cidade de Aragarças e Barra do Garças. Assim, para se sustentarem, relata a senhora Angelina, foi necessário que ela se tornasse lavadeira de roupas para outras famílias e assim angariar algum dinheiro para o sustento da casa, enquanto Joaquim Alves de Sousa viajava evangelizando a região.

Para garantir também uma melhor condição de sustento de sua família, Joaquim Alves de Sousa aliou sua atividade missionária evangelística com a de mascate. Enquanto viajava propagando sua fé também procurava uma forma de ganhar dinheiro para sustentar sua família e também a igreja conforme afirma Noleto (2005):

Mesmo trabalhando exclusivamente na obra de Deus, o Evangelista Quinca procurava de alguma forma prover o sustento da família. Aproveitando as viagens missionárias ele levava roupas que pegava de uns sírios para vender e trazer algum dinheiro para casa e para a igreja. Enquanto pregava o evangelho, trabalhava de mascate. Devido às regiões que percorria serem muito pobres e seus habitantes não terem dinheiro, ele trocava as roupas por carne de capivara, de queixada, de anta; por linguiça, peixes, queijos, ovos, bananas, rapaduras entre outros produtos para não voltar de mãos vazias. Quando chegava, suas filhas Lenita e Rosalita, ainda pequenas, saíam pelas ruas para venderem o que ele trazia [...]. Do montante arrecadado, tirava o pagamento dos fornecedores e o restante era dividido entre o sustento da casa e da Igreja [...]. Nesse período a Missionária Angelina (*esposa do pastor Joaquim Alves de Sousa*) aprendeu a costurar para ajudar um pouco mais nas finanças da casa e da igreja [...]. (NOLETO, 2005:51)

Da mesma forma, que aconteceu com seus antecessores, Joaquim Alves de Sousa não se sustentava financeiramente com o trabalho que realizava para a igreja. Ao contrário, trabalhava como mascate para ter uma renda e era auxiliado por sua esposa que se tornou lavadeira de roupa, a fim de contribuir também para o sustento da família. Configuramos também assim a vinda e a estadia de Joaquim Alves de Sousa uma migração pela fé.

O último pastor desse período, Valdomiro Raimundo de Sousa, veio substituir Joaquim Alves de Souza e chegou no período em que a igreja já se achava um pouco mais estruturada que a encontrada por seus antecessores. Foi durante sua gestão que a igreja começou a se configurar como uma instituição organizada, conforme já analisamos

anteriormente. Mesmo assim, o consideramos um “migrante da fé”, pelos mesmos motivos que analisamos nos outros missionários. Ao longo de sua vida eclesiástica ele relembra que:

[...] eu fui pastor quinze anos e quatro meses sem receber um salário de igreja. [...] eu fui pastor presidente pela primeira vez em Goiatuba. Eu saía nas casas caçando vidro quebrado. Batia na casa da pessoa, vinha falando quer colocar vidro? [...]. Arrumava dez metros de vidro vinha ia a Goiânia comprava, botava o vidro e mantinha minha vida assim. Meus primeiros meses em Goiatuba eu comia da misericórdia dos irmãos que queriam me dar um prato de comida. **(Entrevista realizada em Iporá - GO, 2005).**

Mesmo não passando por tal situação na cidade de Aragarças e Barra do Garças, o que nos chama a atenção no relato de Valdomiro Raimundo é a disposição em se submeter à essa situação por uma fé. Sua representação de fé, que não é diferente dos outros missionários que analisamos, o levava a crer que tinha uma missão, um chamado que o motivava a trabalhar em prol da igreja sem receber salário por isso.

Buscamos demonstrar assim em nossa pesquisa que os primeiros missionários que chegaram à região do Vale do Araguaia não vieram, se não com o objetivo de propagar sua fé pentecostal, deixando se desgastarem para tal intento e até investindo seus bens e trabalhos financeiros nesse projeto.

Atualmente, no sistema organizacional da igreja, o pastor é remunerado financeiramente pelo trabalho que realiza enquanto responsável pela igreja que lhe foi destinada a pastorear. Além dos trabalhos relacionados às questões de fé e liturgias, também é de sua responsabilidade gerir o patrimônio físico que a igreja adquire e ainda a arrecadação que esta tem por meio dos dízimos e ofertas. Seu salário é definido, segundo acordo de cada ministério em cada igreja. Mas, nesse contexto que estamos pesquisando, ainda não havia uma igreja devidamente estruturada que arrecadava rendas por meio de dízimos e ofertas e também composta por um ministério que decidisse o quanto tais líderes deveriam receber pelo trabalho que estavam realizando. Ao contrário, tudo estava por fazer e nesse sentido não tinham de onde tirar seus sustentos, se não de seus trabalhos seculares como farmacêutico, alfaiate, mascate, lavadeira de roupas, vidraceiro entre outros ofícios aos quais se dedicaram os primeiros missionários e suas famílias na região.

Assim, entendemos por meio dessa pesquisa que os primeiros missionários da Igreja Assembleia de Deus na região do Vale do Araguaia, configuraram um subgrupo dentro do conjunto de migrantes que vieram num contexto de desenvolvimento econômico da região. Estes, diferentemente da grande maioria, buscavam motivações para vir à região em suas representações de fé, as quais colocavam em prática desenvolvendo um trabalho voluntário,

sem perspectiva de ganho algum ou de enriquecimento, mas unicamente com a intenção de propagar sua fé pentecostal e estabelecer as estacas da igreja no Vale do Araguaia.

CONCLUSÃO

“Nenhuma paixão é mais forte no peito humano do que o desejo de impor aos demais a própria crença.”

Virginia Woolf.

Esta pesquisa destacou o trabalho dos pioneiros do pentecostalismo no Vale do Araguaia, em específico nas cidades de Aragarças-GO e Barra do Garças-MT, entre os anos de 1955 a 1968. A partir dos três elementos, o rio, a fé e o migrante, procuramos analisar a chegada da fé pentecostal na confluência dos rios Araguaia e Garças, uma região de fronteira entre os estados de Goiás e Mato Grosso, que naquele período vivia um intenso fluxo migratório. Observamos que os indivíduos que migraram para o Vale do Araguaia nesse momento vieram, sobretudo, em busca de riquezas que a região e por conta dos programas do Governo Federal de desenvolvimento.

Contudo, observamos também que, nesse contexto de migração, houve pessoas que tinha em sua fé o principal motivador. Não buscaram somente riquezas econômicas, mas sim a expansão de sua fé, implantando o pentecostalismo. Eles foram denominados de migrantes da fé, buscando deste modo diferenciá-los do conjunto maior de migrantes. Destacamos, nesse sentido, o trabalho de Waldemar Nogueira Ramos, Durvalino Nogueira de Souza, Joaquim Alves de Sousa e Valdomiro Raimundo de Sousa, que migraram como missionários para a região no período por nós abordado.

Para entendermos esse processo buscamos conhecer a região do Vale do Araguaia onde se insere nosso objeto de pesquisa. Procurando entender seu processo histórico, buscamos suas raízes nos primeiros garimpos de diamantes às margens dos rios Araguaia e Garças, no começo da colonização. O intenso fluxo migratório por conta da atividade garimpeira fez surgir várias cidades as margens desses rios, dentre elas Aragarças e Barra do Graças, situadas na confluência dos rios Araguaia e Garças.

Esta região de fronteira, em pleno sertão brasileiro, despertou também os interesses do Governo Federal, visando garantir a soberania nacional desse vasto território. Assim, com os projetos da Marcha para Oeste e a Expedição Roncador-Xingu, a região do Vale do Araguaia se tornou a base para tais projetos. A região vivenciou, então, um momento de grande desenvolvimento econômico, atraindo também os pentecostais.

O movimento pentecostal moderno surgiu nos Estados Unidos no início do século XX. Disseminou suas representações de fé e suas práticas, principalmente entre as comunidades de migrantes e se espalhou para outros países como fruto do trabalho missionário. Muitos migrantes convertidos fizeram um trabalho leigo de propagação do pentecostalismo.

Da periferia de Chicago, difundiram a doutrina do Batismo com o Espírito Santo e evidenciaram o fenômeno da glossolalia. Dali o movimento pentecostal se espalhou para outros locais, principalmente para os países da América Latina, chegando ao Brasil por meio de dois missionários suecos, Daniel Berg e Gunnar Vingren.

Logo que se instalou no Brasil, o pentecostalismo deu origem à Igreja Assembleia de Deus, a maior representante de uma instituição protestante na atualidade. Ao expandir seus trabalhos para todas as regiões do país, a Igreja Assembleia de Deus chegou ao estado de Goiás, estendendo sua ação missionária para a região de Vale do Araguaia e, posteriormente, para todo o estado de Mato Grosso.

O projeto missionário do pentecostalismo assembleiano chegou à região por meio da ação evangelística de Waldemar Nogueira Ramos, o primeiro migrante da fé, como foi por nós caracterizado. Farmacêutico de profissão, proprietário de uma grande fazenda, abdicou de seus bens financeiros para seguir a carreira eclesiástica, sendo o pioneiro no trabalho de implantação da fé pentecostal no Vale do Araguaia. Seguindo tarefa semelhante, outros missionários migrantes da fé deram continuidade aos seus trabalhos. Durvalino Nogueira de Souza, Joaquim Alves de Souza e Valdomiro Raimundo de Sousa, por meio de trabalhos religiosos voluntários, ajudaram a estabelecer definitivamente a Igreja Assembleia de Deus no Vale do Araguaia, tendo sua sede na cidade de Barra do Graças - MT.

Entendemos ser estes missionários migrantes da fé pelo fato deles dedicarem suas atividades econômicas para o sustento da igreja que vieram implantar. Não recebiam da instituição remuneração financeira por seus serviços, ao contrário, investiam o que ganhavam no trabalho que desenvolviam por acreditarem, segundo suas representações de fé, que tinham uma chamada do próprio Deus para realizarem tal missão.

O ser humano, desde o momento que buscou um contato com o transcendente, começou a representar sua fé e sentiu a necessidade de perpetuar suas crenças e suas práticas. Nesse sentido, houve a necessidade de manter contato com outros grupos a fim de realizar a conversão e, assim, dar continuidade ao modo de crer, ver e ler a realidade. Analisando isso, percebemos que esses migrantes da fé tentaram, conforme afirma Virginia Woolf, estabelecer sua fé pentecostal num desejo de vê-la expandir e perpetuar pela história.

REFERÊNCIAS

FONTES PRIMÁRIAS

1 - Orais:

Raimunda Martins Porto - Entrevista realizada em Aragarças - GO, 2011.

Julieta Maria de Souza - Entrevista realizada em Goiânia - GO, 2005.

Angelina do Carmo de Sousa - Entrevista realizada em Ribeirão Cascalheira - MT, 2005.

Valdomiro Raimundo de Souza - Entrevista realizada em Iporá - GO, 2005.

Elia Cardoso de Andrade - Entrevista realizada em Barra do Garças - MT, 2005.

Ruth Nogueira - Entrevista realizada em Gurupi - TO, 2005.

2 - Escritas:

Diário de Waldemar Nogueira Ramos. Digitalizado por João Pêssego Laurindo (Secretário Executivo da Igreja Assembleia de Deus em Barra do Garças – Mato Grosso). 18 de setembro de 2003.

BIBLIOGRAFIA

ANTONIOZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

ARMSTRONG, Karen. *Em Nome de Deus: o fundamentalismo no Judaísmo, no Cristianismo e no Islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL: Antigo e Novo Testamento. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. rev. cor. CPAD, 1995.

BITTENCOURT, José Filho. Do protestantismo sincrético: um ensaio teológico-pastoral sobre o pentecostalismo brasileiro. In: BEOZZ, José Oscar (org.). *Curso de Verão*. São Paulo: Paulus, 1993.

BORGES, Barsanufio Gomides. A fronteira na formação do espaço brasileiro (1930-1980). In *Escritas da história: intelectuais e poder*, Élio Cantalício Serpa et al. (Orgs.). Goiânia: 2004.

BURITY, Joanildo. *Identidade e política no campo religioso*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1997.

BURKE, Peter. *O que é história Cultural?* Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BURKE, Peter. *Práticas e artes do cotidiano*. Caderno Mais!, Folha de São Paulo, 28/07/2002, p.12-13.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *As origens norteamericanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouca avaliada*. Revista USP: Dossiê Religiosidade no Brasil, São Paulo, nº 67, p. 104, set-nov, 2005.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Protestantismo histórico e pentecostalismo no Brasil: aproximações e conflitos. IN: CAMPOS, Leonildo Silveira e GUITIERREZ, Benjamin F. *Na força do espírito: os pentecostais na América-Latina – um desafio às igrejas históricas*. São Paulo: IPRAL, 1996.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. São Paulo: Papyrus, 1995.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhando. 2ª ed. São Paulo: DIFEL, 2002.

CONDE, Emilio. *História das Assembléias de Deus no Brasil*. São Paulo: CPAD, 1960.

CORTEN, André. *Os pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

DINIZ, Zélia dos Santos. *Araguaia: Leste/Oeste*. Goiânia: Kelps, 1999.

DINIZ, Zélia dos Santos. *Conhecendo Barra do Garças*. 2ª Ed. Barra do Garças, MT: Gráfica Multicor, 2005.

DUARTE, Aluizio Capdeville. Estrutura do espaço regional. *Geografia do Brasil – Região Centro-Oeste*, Rio de Janeiro. v.1, 1989.

DUPRONT, Alphonse. *A religião: antropologia religiosa*. In: LE Goff, J. & Nora, P. (org.). *História: Novas abordagens*. Trad. Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

FAUSTO, Boris (org). *Fazer a América*. 2ª edição. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2000.

FERNANDES, Rubem César. *Governo das almas – as denominações evangélicas no Grande Rio*. In: VVAA. *Nem anjos, nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, pp.163-203.

FRESTON, Paul. Breve histórico do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIOZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao Impeachment*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Políticas. Campinas: UNICAMP, 1993.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HORTAL, Jesus. *Um caso singular de pentecostalismo autônomo: a Igreja Universal do Reino de Deus* (mimeo). Recife, Congresso Internacional “As novas religiões – missões e missionários”. 1994.

IBGE. *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Rio de Janeiro, 1958.

KLEIN, Herbert S. Migração Internacional na História das Américas. In: FAUSTO, Boris (org). *Fazer a América*. 2ª edição. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2000.

KOLAKOWSKI, Leszek. (1985), O Diabo. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 12/2, p.4-22.

LÉONARD, Émile. *O protestantismo brasileiro*. Tradução de Linneu C. Schutzer. São Paulo: Editora Aste, 1963

LIMA FILHO, Manuel Ferreira. *O Desencanto do Oeste: memória e identidade social no Médio Araguaia*. Goiânia: Ed. Da UCG, 2001.

LYRA, J. B. *O movimento pentecostal no Brasil*. Niterói-RJ, 1964.

MACÊDO FILHA, Maurides Batista de. *A Trajetória do Diamante em Goiás*. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Ciências Humanas e Letras/UFG. Goiânia, 1990.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Contexto, 2009.

MEIHY, José Carlos S. Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo, Loyola, 1996.

MENDONÇA, Antonio G. *A volta do sagrado selvagem: misticismo e êxtase no protestantismo do Brasil*. In: VVAA. *Religiosidade popular e misticismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984, pp.9-20.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa e VELASQUE FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NEIVA, Arthur Hehl. A imigração na política brasileira de povoamento, *Revista Brasileira de Municípios*, ano II, n.6, abr.-jun. 1949, p. 226, apud Leo H. Waibel, As zonas pioneiras do Brasil, *Revista Brasileira de Geografia*, ano XVII, n. 4, out.-dez. 1955, pp. 391-2.

NEIVA, Antonio Theodoro da Silva. *Introdução à Antropologia Goiana*. Goiânia: Ed. de O Popular, 1986.

NOLETO, José Fernandes C. *Frutos de uma promessa: o poder de Deus agindo através de História*. Casa do Livro: Goiânia-GO, 2005.

NOVAES, Regina Reyes. *Os escolhidos de Deus: pentecostais, trabalhadores e cidadania*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.

OLIVEIRA, Luís Roberto Cardoso de. *Colonização e diferenciação – os colonos de Canarana*. 1981. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1981.

PAULY, Evaldo Luis. *E os crentes? Conversa com a fé dos pentecostais*. São Leopoldo-RS. Editora Sinodal, 1987.

PIERUCCI, Antonio F. e PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2011.

POLLAK, M. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Tradução de Dora Rocha Flaksman. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 03, 1989, p. 3-15.

POLLAK, M. *Memória e identidade social*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p. 200-212.

PRANDI, Reginaldo. *Religião paga, conversão e serviço*. In: Pierucci, A. F. e PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 1996, pp.257-275.

QUADROS, Eduardo G. *A vivência religiosa como objeto da história das religiões*. Piracicaba-SP, Impulso, 37, 2004, pp.101-112.

QUADROS, Eduardo Gusmão de. *A experiência vivida: uma introdução a história religiosa de Michel de Certeau*. Fragmentos de Cultura, Goiânia, 2004.

QUADROS, Eduardo. *Grupos religiosos em Goiás*. Goiânia: CIERGO, 2003.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação socio-religiosa*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1985.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostalismo: Brasil e América Latina*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995.

RUMBLE, L. *Assembléia de Deus e outras igrejas pentecostais*. 2ª Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1963.

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. 2ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

SANCHIS, Pierre. *O campo religioso é ainda hoje o campo das religiões?* In: Hoonart, E. (org.). *História da Igreja na América Latina e no Caribe – O debate metodológico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SANTOS, Regina Bega. *Migrações no Brasil*. São Paulo: Scipione, 1994.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

SOUZA, Beatriz Muniz de. *A experiência da salvação: pentecostais em São Paulo*. Livraria Duas Cidades, 1969.

SOUZA, Itamar de. *Migrações Internas no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1980.

TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata (orgs.). *As religiões no Brasil: Continuidades e rupturas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

TURNER, Frederick Jackson. *The frontier in American history*. New York: Dover Publications, 1996.

VARJÃO, Valdon. *Aragarças Portal da marcha para Oeste*. Brasília: Graf. do Senado, 1989.

VARJÃO, Valdon. *Barra do Garças: Migalhas de sua História*. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1985.

VARJÃO, Valdon. *Janela do Tempo: Homenagem ao passado*. Barra do Garças: [s.n.], 2000.

VINGREN, Ivar. *O Diário do Pioneiro: Gunnar Vingren*. Rio de Janeiro: CPAD, 1982.